

OFFICINA

– Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo –

EDIÇÃO ESPECIAL: HOMENAGEM A HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

NÚMERO 1

VOLUME 2

AGOSTO - 2023

ISSN: 2764-7773





CAPA

Cícero Santos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Cícero Naja e Pedro Carvalho (Cubile Editorial)

IDENTIDADE VISUAL

Diego Sombra

EDITORES

Ana Célia Navarro de Andrade - Editora Gerente

Natália Bolfarini Tognoli - Editora Científica

Ana Maria de Almeida Camargo - Editora Consultiva

COMISSÃO EDITORIAL

Clarissa Moreira dos Santos Schmidt

Gabriel Moore Bevilacqua

Johanna Wilhelmina Smit

Pedro José de Carvalho Neto

CONSELHO EDITORIAL

Alicia Casas de Barrán - Universidad de la Republica, Uruguai

André Malverdes - UFES

Angélica Alves da Cunha Marques - UNB

Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO

Annantonia Martorano - Università degli studi di Firenze (UNIFI), Itália

Antonia Heredia Herrera

Brígida Maria Nogueira Cervantes - UEL

Francisco Alcides Cougo Junior - UFSM

Irene Rodrigues da Silva Fernandes - GEARQ

Janice Gonçalves - UDESC

José Augusto Chaves Guimarães - UNESP

Lenora de Beaurepaire da Silva Schwaitzer - UFES

Lorena de Oliveira Souza Campello - IFS

Luciana Duranti - University of British Columbia (UBC), Canadá

Marcelo Chaves - Arquivo do Estado de São Paulo

Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA

Norma Fenoglio - Universidad Nacional de Cordoba, Argentina.

Paulo Roberto Elian dos Santos - FIOCRUZ

Renato de Mattos - UFF

Renato Pinto Venâncio - UFMG

ENDEREÇO

Av. Prof. Lineu Prestes, 338 – 2º andar
CEP: 05508-000 - São Paulo - SP

CONTATO

diretoria@arqsp.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Even3 Publicações, PE, Brasil)

O32 Officina – Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo
 [Recurso
 digital] / Associação de Arquivistas de São Paulo. – Vol. 2, n. 1
 (2023) – São Paulo: ARQ-SP, 2023.

Periodicidade Semestral
DOI 10.29327/263416.2.1

1. Officina – Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo -
Periódico. 2. Arquivologia. I. Associação de Arquivistas de São
Paulo -
ARQ-SP.

CDD 025

CRB-4/1241

ISSN: 2764-7773

O conteúdo dessa revista é licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY)
4.0 International.

OFFICINA
– Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo –

EDITORIAL _____	5
Ana Célia Navarro de Andrade	
ENSAIO	
SOBRE O CONCEITO DE SÉRIE _____	11
Ana Maria de Almeida Camargo	
ARTIGOS	
HELOÍSA BELLOTTO E A CRIAÇÃO DO SISTEMA DE ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (SAUSP) _____	15
Johanna Wilhelmina Smit	
DIPLOMÁTICA E TIPOLOGIA DOCUMENTAL: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO DE ARQUIVO _____	24
Ana Célia Rodrigues	
COMO SURTIU ARQUIVO: ESTUDOS E REFLEXÕES, DE HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO _____	40
Renato Venancio	
ENTRE HISTÓRIA E ARQUIVOLOGIA: A OBRA DE HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO _____	47
Clarissa Schmidt	
ENTREVISTAS	
“SOU MAIS CONHECIDA COMO ARQUIVISTA DO QUE HISTORIADORA” _____	77
Paulo Roberto Elian dos Santos	
ARQUIVOLOGIA: MEMÓRIAS DE UMA CIÊNCIA _____	121
Neire do Rossio Martins, Brenda Rocco	
DEPOIMENTOS: COLEGAS DE PROFISSÃO, AMIGOS, ADMIRADORES...	
HUELLAS DE HELOÍSA EN LA ARCHIVOLOGÍA URUGUAYA _____	154
Alicia Casas de Barrán	
HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO: UMA VIDA DEDICADA À ARQUIVOLOGIA _____	162
Ana Isabel de Souza Leão Andrade	
RECORDANDO A HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO _____	173
Antonia Heredia Herrera	
RECORDANDO MÍ AMISTAD CON HELOÍSA BELLOTTO _____	175
Eugenio Bustos	
UMA VIDA DEDICADA À FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM ARQUIVOLOGIA NO BRASIL E NA BAHIA _____	179
Maria Teresa Navarro de Britto Matos	

HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO _____ 187
Nilza Teixeira Soares

HELOÍSA BELLOTTO: ¡EXCELENTE PROFESIONAL! _____ 192
Norma Catalina Fenoglio

MEMÓRIA AFETIVA ARQUIVÍSTICA _____ 196
Sonia Maria Troitiño Rodriguez

HELÔ HELOÍSA. HELÔ! _____ 202
Telê Ancona Lopez

DEPOIMENTOS: EX-ALUNOS, NÃO! SEMPRE ALUNOS!

MINHA AMIZADE COM HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO _____ 205
Augusto Jeronimo Martini

DEPOIMENTO DE JOSÉ ADILSON DANTAS _____ 214
José Adilson Dantas

**MINHA HISTÓRIA COM HELOÍSA BELLOTTO: UMA CARREIRA ACADÊMICA
IMPACTADA PELA ATUAÇÃO DE UMA PROFESSORA** _____ 218
Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano

HELOÍSA ERA O NOSSO CHÃO _____ 225
Maria de Lourdes Ferreira

HOMENAGENS

UM QUADRO PARA HELOÍSA _____ 231
Pedro José de Carvalho, arte de Vinícius Veneziani de Souza Oliveira

**DISCURSO DE HOMENAGEM A HELOÍSA BELLOTTO NA CERIMÔNIA DE
ABERTURA DO XIII CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL** _____ 235
Eliseo Gabriel Queijo

**HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO: SOCIA HONORARIA DE LA
ASOCIACIÓN URUGUAYA DE ARCHIVÓLOGOS** _____ 237
Mauricio Vázquez Bevilacqua

OFFICINA

– Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo –

EDITORIAL

Ana Célia Navarro de Andrade¹

EDITORIAL

Caros leitores,

A presente edição da revista OFFICINA está diferente por conta de importante e necessária homenagem à grande mestra da Arquivologia brasileira que, lamentavelmente, nos deixou no último dia 1 de março, aos 88 anos de idade e em franca atividade: a professora Bellotto, para seus alunos; a Bellotto, para seus leitores; ou simplesmente Heloísa, para aqueles que desfrutaram de seu convívio na condição de amigos, condição essa que tive o privilégio de exercer durante quase duas décadas.

Meu primeiro contato com Heloísa Liberalli Bellotto ocorreu no último ano de minha graduação em História na Universidade de São Paulo, mais especificamente nas dependências do Arquivo Público do Estado de São Paulo, onde eu era estagiária. Eu a vi de passagem. Anos depois, em 1994, participamos juntas da comissão organizadora

¹ Doutorado e Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Presidente da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), membro do Conselho Consultivo dos Congressos de Arquivologia do Mercosul (CAM) e representante da ARQ-SP no Grupo de Trabalho de Associações de Arquivistas de Ibero-América (GTAAI/ALA).



do X Congresso Brasileiro de Arquivologia (X CBA), promovido pelo Núcleo Regional de São Paulo da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB-SP), então dirigido por Daíse Aparecida de Oliveira. No entanto, nossa amizade floresceu somente em 2003, logo após Heloísa Bellotto ter retornado do V Congresso de Arquivologia do Mercosul, realizado em Córdoba (Argentina). Na qualidade de presidente da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), Heloísa candidatou a cidade serrana de Campos do Jordão (SP) para sede do VI CAM, que viria a ser realizado em outubro de 2005. Foi a realização de um antigo sonho de Heloísa, que me convidou para ser a secretária-geral daquele congresso. Foram inúmeras viagens e reuniões de preparação do evento, além de almoços, jantares, passeios e muita conversa divertida. Foi um congresso inesquecível, no qual Heloísa me apresentou a grandes profissionais da Arquivologia latino-americana, bem como de Portugal e Espanha, muitos dos quais enviaram seus depoimentos para compor este volume de OFFICINA.

No decorrer dos anos seguintes, meu contato com Heloísa Bellotto passou a ser cada vez mais frequente, em almoços ou jantares com amigos da ARQ-SP; na realização de cursos e projetos; na organização de eventos, como o lançamento em São Paulo, no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, de seu livro *Arquivo: estudos e reflexões*, publicado pela Editora da UFMG (2014), e o XI CAM (São Paulo, 2015), do qual eu fui a coordenadora-geral e Heloísa, a presidente de honra. Heloísa também participou das bancas de qualificação e de defesa do meu doutorado em História Social (USP); e eu tive a grata satisfação em acompanhá-la em sua última participação em congressos no exterior. Em dezembro de 2017, durante um jantar de confraternização da ARQ-SP, no qual o XII Congresso de Arquivologia do Mercosul (Córdoba, Argentina) foi um dos assuntos comentados, Heloísa manifestou interesse em participar do XIII CAM, que seria realizado em Montevideu, em 2019, mas tinha receio de viajar sozinha por conta do marca-passo e de eventual fraqueza nas pernas. Imediatamente eu me comprometi a acompanhá-la ao Uruguai - "Heloísa, nós vamos juntas para o Uruguai. Venho te buscar em casa. Pode ficar sossegada!", eu disse. Promessa é dívida! E como tal, foi cumprida. Heloísa ficou radiante com a viagem; e todos os presentes à cerimônia de abertura do XIII CAM, especialmente os brasileiros, ficaram emocionados quando Heloísa foi



lindamente homenageada pela *Asociación Uruguaya de Archivólogos* (AUA); e eu fiquei muito feliz e orgulhosa de ter proporcionado essa grande alegria à Heloísa.

Heloísa Liberalli Bellotto (23/2/1935-1/3/2023), nossa querida e admirada professora, era bibliotecária e historiadora de formação, mas, segundo ela mesma comentava, era muito mais conhecida como arquivista, profissão que abraçou com muito amor e dedicação, realizando estudos e reflexões que resultaram em importantes inovações para a área, além de ter sido responsável pela criação de vários cursos de graduação e de especialização, tanto no Brasil quanto no exterior; sendo, portanto, responsável pela formação de milhares de alunos mundo afora, seja como docente em cursos de História ou de Arquivologia, seja por meio do clássico *Arquivos Permanentes: tratamento documental*.

Para compor essa edição especial de OFFICINA, convidamos alguns amigos, colegas e ex-alunos de Heloísa Bellotto, numa tentativa de recuperar momentos importantes de sua vida profissional, sem qualquer pretensão de esgotá-los, e pessoal. Para tanto, este volume foi estruturado com cinco seções, além deste editorial: **Ensaio**, **Artigo**, **Entrevista** e **Homenagem**, dedicadas à atuação de Heloísa Bellotto; e **Depoimento**, composto por declarações ricamente ilustradas por fotografias que retratam momentos felizes protagonizados por Heloísa Bellotto com seus alunos, colegas, amigos e admiradores, escolhidas com muito carinho.

Iniciamos com o **Ensaio** "Sobre o conceito de série", de autoria de Ana Maria de Almeida Camargo, como homenagem à colega e amiga de longa data, por meio do qual examina "as principais características da série e o alcance operacional do conceito, tributário de outros dois, o de espécie e o de tipo documental" (CAMARGO, p. 11), desenvolvido por Heloísa Bellotto no decorrer de sua carreira acadêmica, constituindo o núcleo mais importante de sua contribuição à Arquivologia.

Em seguida, na seção **Artigo**, Johanna Smit faz uma retrospectiva da imensa colaboração na área dos arquivos que Heloísa Bellotto prestou à Universidade de São Paulo, desde 1969, quando ingressou na instituição, até depois de sua partida. Do



oferecimento de disciplinas para cursos da ECA/USP à elaboração de proposta para a criação de um curso de graduação em Arquivologia na FEA/USP, da qual resultou o conceituado curso de especialização em Organização de Arquivos do IEB/USP. Johanna destaca a importância de Heloísa Bellotto na institucionalização dos arquivos na universidade, na capacitação dos servidores, na criação do Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo (SAUSP), juntamente com Ana Maria Camargo e Johanna Smit, para o qual Heloísa elaborou o “Glossário de Espécies, Formatos e Tipos Documentais”, um dos principais instrumentos de gestão do sistema.

Ana Célia Rodrigues, por sua vez, destaca no artigo “Diplomática e Tipologia Documental: reflexões sobre a identificação do documento de arquivo”, a importância de Heloísa Bellotto para os estudos diplomáticos, especialmente a diferença entre espécie e tipo documental, o que inovou e sedimentou “fundamentos teóricos e metodológicos para a construção de uma tradição arquivística brasileira” (RODRIGUES, p. 25). Em meio ao pensamento de grandes arquivistas como Antonia Heredia Herrera, Vicenta Cortéz Alonso e Luciana Duranti, entre outros, Ana Célia Rodrigues enfatiza as contribuições de Heloísa no estudo da Diplomática e da Tipologia Documental no contexto da Arquivística; da gênese do documento de arquivo; e da identificação da espécie, do tipo e da série documental.

Em “Como surgiu *Arquivo: estudos e reflexões*, de Heloísa Liberalli Bellotto”, Renato Venâncio relata a trajetória institucional para a criação da “Coleção Arquivo”, inaugurada em maio de 2014 com a publicação do livro, que já se tornou um clássico, e descreve como se deu a seleção dos 37 textos que, segundo Venâncio, representam o núcleo central da produção teórica da autora.

Encerrando a seção, o artigo “Entre História e Arquivologia. A obra de Heloísa Liberalli Bellotto”, de Clarissa Schmidt, apresenta a sistematização apenas das obras publicadas por Heloísa, o que não representa a totalidade de sua produção intelectual, com o intuito de evidenciar e lembrar suas múltiplas contribuições, tanto em História, quanto em Arquivologia, sem qualquer distinção ou separação das áreas.

A seção **Entrevista**, como o próprio nome diz, apresenta duas entrevistas inéditas concedidas por Heloísa Bellotto. A primeira, intitulada “Sou mais conhecida como



arquivista do que historiadora”, foi concedida a Paulo Roberto Elian dos Santos, em julho de 2015, para “dar continuidade à linha de pesquisa voltada ao estudo da institucionalização da Arquivologia no Brasil, apoiado em fontes de arquivo e entrevistas” (SANTOS, p. 78). A segunda foi concedida à Neire do Rossio Martins, com produção de Telma Murari e apoio técnico de Rodrigo Lizardi, como parte do projeto de extensão “Arquivologia: memórias de uma ciência”, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), coordenado pela professora Brenda Rocco, com o objetivo de produzir, por meio da História Oral, fontes e referências que possam contribuir para a “reconstrução” da memória da Arquivologia no Brasil.

Na seção **Depoimento**, reunimos declarações de amizade e de admiração por Heloísa Bellotto e por todo o seu legado. Os depoimentos foram organizados em dois grupos distintos. “Colegas de profissão, amigos, admiradores...”, que contempla profissionais que passaram pela vida de Heloísa Bellotto no decorrer de sua carreira no Brasil e no exterior: Alicia Casas de Barrán (Uruguai), Ana Isabel de Souza Leão Andrade (Brasil/Paraíba), Antonia Heredia Herrera (Espanha), Eugenio Bustos Ruz (Chile), Maria Teresa Navarro de Britto Matos (Brasil/Bahia), Nilza Teixeira Soares (Brasil/Distrito Federal), Norma Catalina Fenoglio (Argentina), Sonia Troitiño (Brasil/São Paulo) e Telê Ancona Lopez (Brasil/São Paulo).

Já o grupo “Ex-alunos, não! Sempre alunos!”, reúne depoimentos de uma parcela muito pequena, mas bastante significativa, de ex-alunos de Heloísa Bellotto, tanto da graduação quanto da pós-graduação: Augusto Jeronimo Martini (mestrado), José Adilson Dantas (graduação), Marcia Pazin (graduação, especialização, mestrado) e Maria de Lourdes Ferreira (especialização, mestrado).

Encerrando esta edição, encontra-se a seção **Homenagem**, que inicia com a reprodução de um quadro encomendado por Pedro Carvalho para presentear Heloísa Bellotto, por sua gentileza em conceder e, posteriormente, revisar a entrevista concedida à Revista Epígrafe, dos alunos do curso de graduação em História da USP. Na sequência, temos o discurso de homenagem a Heloísa Bellotto proferido pelo então presidente da *Asociación Uruguaya de Archivólogos* (AUA), Eliseo Gabriel Queijo, na cerimônia de abertura do XIII Congresso de Arquivologia do Mercosul, ocorrida em 21 de outubro de



2019, em Montevideu. Em complementação, Mauricio Vázquez Bevilacqua assina o comentário "*Heloísa Liberalli Bellotto: socia honoraria de la Asociación Uruguaya de Archivólogos*", texto adaptado do artigo publicado em *Alerta Archivística*, da PUC do Peru, em novembro de 2019.

Esta edição especial é uma singela homenagem da Associação de Arquivistas de São Paulo à professora, arquivista, historiadora, bibliotecária e, acima de tudo, amiga Heloísa Bellotto. Mas também é um presente para seus admiradores!

IMAGEM 1 - Conferência inaugural da VII Reunião da Rede Ibero-americana de Ensino Arquivístico Universitário (VII RIBEAU), evento paralelo do XI Congresso de Arquivologia do Mercosul (São Paulo, 19 a 22/10/2015), intitulada "O preparo didático dos professores de Arquivologia". Local: Centro de Documentação e Memória da UNESP. Data: 21 de outubro de 2015. Foto de Luís Delgado. Acervo: Associação de Arquivistas de São Paulo.



Então, aproveite a leitura e até o próximo número!

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.



SOBRE O CONCEITO DE SÉRIE

Ana Maria de Almeida Camargo¹ 

A **série** é uma sequência de documentos do mesmo tipo. De maneira sucinta e clara, Heloísa Liberalli Bellotto conferiu à série uma consistência ímpar no âmbito da teoria arquivística. Neste pequeno ensaio com que pretendemos homenageá-la, serão examinadas as principais características da série e o alcance operacional do conceito, tributário de outros dois, o de espécie e o de tipo documental, que a autora desenvolveu ao longo de sua carreira acadêmica e que formam, sem dúvida, o núcleo mais importante de sua contribuição à ciência dos arquivos.

A série é sempre um conjunto sequencial de documentos, cuja produção sucessiva evoca as atividades repetitivas e o dia a dia do serviço público, das empresas e da vida doméstica. Mesmo quando resulta de atividades não rotineiras, como ocorre

¹ Professora sênior do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



com os chamados documentos constitutivos (a exemplo da ata de fundação, do estatuto e do regimento, no caso de instituições) ou com aqueles que denominamos identitários (como a cédula de identidade, o título de eleitor e o certificado de reservista, no caso de pessoas), a expectativa é que possam esporadicamente admitir similares, perdendo então a condição de documentos únicos.

A série é algo palpável e dotado de concretude. Compõe-se de documentos “de carne e osso”, como diria Heloísa Liberalli Bellotto em suas aulas memoráveis. E a afirmação vale tanto para os documentos em suportes convencionais, como o papel, quanto para aqueles registrados em superfícies ópticas e magnéticas, cuja materialidade é mais sutil. O que se quer dizer é que a série não é elemento classificatório, categoria taxonômica ou mera subdivisão de um quadro de arranjo. A série é, por assim dizer, o chão do arquivo, o patamar ao qual se aplicam os diferentes níveis de contextualização com que lhe devolvemos o sentido original, no processo descritivo.

A série é, por isso mesmo, a unidade que serve de base ao inventário, o mais arquivístico dos instrumentos de pesquisa, como bem observou Heloísa Liberalli Bellotto. Em um conjunto orgânico, em que as partes só são compreensíveis à luz do todo, são as séries, e não os documentos isolados, as parcelas de referência capazes de representar o elo indissolúvel entre os elementos que integram o arquivo.

A série é o conjunto de espécies documentais utilizadas para viabilizar determinadas ações. As espécies, como enfatizou Heloísa Liberalli Bellotto, consistem em fórmulas e estruturas convencionadas para o registro de certas atividades. A busca de padrões que propiciem o entendimento literal de seu conteúdo é privilégio dos documentos de arquivo, cuja existência se justifica pela força probatória de que são dotados desde seu nascimento. Tais padrões são, antes de tudo, mecanismos redutores da ambiguidade que o gênero textual, predominante nos arquivos, necessariamente promove. Se a polissemia pode ser vista como qualidade dos textos literários, precisa ser evitada quando se trata de documentos de arquivo. Um recibo, por exemplo, não pode deixar dúvidas sobre quem recebeu o quê, de quem, quando e onde. O mesmo se pode afirmar a respeito de documentos discursivos e discricionários (relatórios, pareceres e



sentenças, por exemplo), cuja estrutura não deixa margem a dúvidas quanto à sua natureza.

A série inclui, na tradição administrativa brasileira, um elemento alheio ao conceito de espécie: o formato. Assim é que a configuração física de determinados documentos (como livro, folha, ficha e cartão) se incorporou à denominação pela qual são conhecidos, mesmo no mundo virtual (livro-caixa, livro de atas, folha de pagamento, ficha de inscrição e cartão de ponto, por exemplo). Por isso Heloísa Liberalli Bellotto, no *Glossário de espécies/formatos e tipos documentais da Universidade de São Paulo*, publicado em 1997, chama a atenção para esta variante conceitual.

A série compõe-se de espécies e formatos utilizados no cumprimento de funções. Heloísa Liberalli Bellotto gostava de lançar mão de comparações extravagantes para que seus alunos compreendessem a diferença entre espécie e tipo documental. As espécies, dizia ela, estão no almoxarifado, na condição de formulários e formatos vazios à espera de requisição por parte dos funcionários de um organismo qualquer. No momento em que são preenchidos e imbuídos das finalidades pelas quais foram criados, os formulários e formatos transformam-se em tipos documentais e vão para o arquivo. O recibo, por exemplo, pode converter-se em recibo de pagamento ou em recibo de entrega de material, conforme o caso. Com as demais espécies e os formatos dá-se idêntica metamorfose.

A série não pode admitir elementos que deixam de explicitar sua funcionalidade precípua. Nessa categoria incluem-se tanto aqueles que decorrem do uso de certos coletivos (como correspondência, fotografias e recortes), quanto os tradicionais e incompreensíveis conjuntos de diversos, outros, *varia* e *miscelânea*. Se o processo de avaliação deve recair sobre cada tipo documental (a série por excelência), o emprego de genéricos compromete o processo em que se pretende garantir, para guarda permanente, a representatividade do organismo produtor do arquivo.

A série pode assumir, em seu enunciado, duas configurações básicas, que dependem do método de organização a que os documentos do arquivo são submetidos. A primeira acopla as atividades à espécie ou ao formato. Nota fiscal de compra de equipamentos, nota fiscal de prestação de serviços e nota fiscal de venda de produtos



constituem exemplos dessa abordagem. A segunda, minimalista, limita-se a nomear a série exclusivamente pela espécie ou pelo formato. A função mais imediata que cumprem vem destacada, de modo a admitir outros documentos (espécies ou formatos) com idêntica funcionalidade. As séries ligadas a pagamento, por exemplo, podem simplesmente vir nomeadas folhas e recibos. Em ambos os casos é imprescindível um rigoroso trabalho de contextualização, que deve considerar elementos estruturais e funcionais.

A série não admite subdivisões. As chamadas subséries não passam de expedientes de ordenação interna de uma série, cuja acumulação cronológica se viu facilitada, na fase corrente, por outros critérios de uso. Nos seus primeiros trabalhos, Heloísa Liberalli Bellotto fez uso da subsérie com os mesmos atributos da série. Foi uma discussão com o arquivista argentino Manuel Vázquez que a fez mudar de ideia, devolvendo à série o lugar único e nuclear que seus trabalhos posteriores consagraram. Uma das grandes qualidades da autora – marca indelével de sua envergadura intelectual – foi a de modificar, rever e aprimorar os elementos-chave da área a que se devotou.

A série é um dos conceitos mais polêmicos da literatura arquivística, e sobre ele ainda há muito que falar: sua relação antagônica com o dossiê, os mecanismos que uma base de dados pode desenvolver para a obtenção de séries que se encontram dispersas nos acervos e tantos outros temas desafiadores. Heloísa Liberalli Bellotto dispôs-se a enfrentá-los, convertendo as reflexões disseminadas por sua vasta obra em ponto de partida para que novas gerações discutam os fundamentos teóricos e os procedimentos necessários para conhecer os documentos de arquivo e lhes dar o devido tratamento.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



HELOÍSA BELLOTTO E A CRIAÇÃO DO SISTEMA DE ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (SAUSP)

Johanna Wilhelmina Smit¹

A criação do SAUSP representa certamente o ponto máximo da contribuição institucional que Heloísa Belotto trouxe para a universidade, além de sua imensa e indiscutível contribuição para a arquivologia. Mas, como sói acontecer, um marco importante - como a criação do SAUSP - foi o resultado de um processo anterior, de uma história que foi ao longo dos anos sedimentando a percepção de que a universidade deveria se dotar de um verdadeiro sistema que gerenciasse seus documentos oficiais.

¹ Possui graduação em biblioteconomia e documentação pela Universidade de São Paulo (1970), mestrado em Documentação - Ecole Pratique des Hautes Etudes (1973) e doutorado em Análise do discurso pela Universidade de Paris-I (1977). Docente junto ao Departamento de Informação e Cultura da ECA/USP entre 1981 e 2013, com atuação na graduação e pós-graduação. Aposentada, ainda exerceu por 4 anos a função de docente sênior junto à instituição. Dirigiu o Arquivo Geral da Universidade de São Paulo entre 2005 e 2013.



OS PRIMEIROS PASSOS DE UM LONGO PROCESSO

Uma rápida volta no tempo mostra que o esforço para introduzir a preocupação arquivística no seio da universidade data desde o início do vínculo de Heloísa com a USP, em 1969.

Aliando sua dupla formação - história e biblioteconomia - trazer a preocupação arquivística para a academia era uma consequência lógica, perseguida de forma sistemática ao longo dos anos. Contratada como pesquisadora junto ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Heloísa ministrou em 1969 disciplinas junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP (CBD agora denominado Departamento de Informação e Cultura): “Bibliografia especializada” na graduação (fui sua aluna!) e “Arquivística e o processamento da documentação” no curso de mestrado ². Não há informação sobre a interrupção de sua colaboração com a ECA, mas em 1978 novas disciplinas são por ela oferecidas: “Elementos de arquivologia” e “História do livro e das bibliotecas” ³.

Nova investida de Heloísa em prol da inserção da arquivologia na USP foi provocada a partir do ambiente externo à universidade quando, em 1984, José Sebastião Witter (docente do departamento de História da FFLCH), na condição de Supervisor do Arquivo do Estado, envia à Secretaria de Estado da Cultura um ofício solicitando que fosse encaminhado ao Reitor da USP uma proposta de criação de um curso de graduação em arquivologia no âmbito da Faculdade de Economia e Administração - FEA (processo USP 84.1.91.12.5). Os documentos anexos à proposta mostram a digital de Heloísa ao incluir um folheto da Associação dos Arquivistas Brasileiros de 1979 com seu autógrafo. Uma justificativa redigida por Rose Marie Inojosa também acompanhava a proposta, além de uma estrutura curricular. O Conselho Interdepartamental da FEA analisou a proposta e indagou se o mercado de trabalho absorveria os profissionais formados a

² Não foi possível verificar se a disciplina de mestrado foi efetivamente oferecida.

³ Dados retirados do currículo Lattes.



ponto de justificar a criação de um curso de graduação. Ao que tudo indica, a FEA devolveu o processo para o Reitor. Em abril de 1985 este encaminha a proposta à Escola de Comunicações e Artes - ECA, por entender que essa seria a unidade que melhor poderia ministrar a maioria das disciplinas previstas pela estrutura curricular (processo USP 11.659/85). A proposta chegou ao CBD e, embora a argumentação, que certamente existiu, não pode ser encontrada, fato é que a Comissão de Ensino de graduação sugeriu que a proposta fosse alterada de graduação para especialização, o que foi aceito pela Comissão de Graduação da ECA em 4/6/1985. A partir de um estudo, lamentavelmente tampouco encontrado, que contou com a colaboração de Heloísa e de duas docentes do CBD (Isabel Maria Ferin Cunha e Regina Keiko Obata), a comissão de pós-graduação do departamento encaminhou uma proposta de criação de um curso de especialização em "Organização de Arquivos", alterando o nome dado pela proposta original (Curso de Arquivologia) (processo USP 84.1.91.12.5).

O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DE ARQUIVOS

O curso de especialização que nasceu, portanto, como uma contraproposta a um curso de graduação, cumpriu plenamente sua função. Entre 1986 e 2008 foram organizadas 21 edições, com algumas variações, sempre com o mesmo objetivo: transmitir a importância dos arquivos e detalhar o que deve ser feito nos mesmos para que os documentos permaneçam válidos e recuperáveis. Se o curso nasceu na ECA, logo em seguida foi partilhado com o IEB (lembrado que Heloísa foi vice-diretora do IEB entre 1986 e 1990) e ao final de sua trajetória era exclusivamente abrigado no IEB, sendo que a coordenação do curso era partilhada entre o IEB (através de Heloísa de 1986 a 1999, Yêdda Dias Lima de 1988 a 2008 e Flávia Camargo Toni entre 2006 e 2008 e da ECA (esse escriba, na condição de feliz aprendiz, entre 1986 e 2005)⁴. Deve-se salientar ainda que, a partir de 1996, Ana Maria de Almeida Camargo passou a integrar o corpo docente do curso, dando continuidade a um diálogo muito produtivo entre ela e Heloísa, que se

⁴ Ao mencionar alguns nomes importantes para retratar a história do SAUSP, peço de antemão desculpas por não incluir todos os nomes - por medo de esquecer alguns. O SAUSP foi construído a muitas mãos, sempre contando com a orientação segura de Heloísa Bellotto.



iniciara fora do âmbito institucional, quando Ana Maria dirigia o Arquivo Público de Rio Claro e ambas coordenaram a elaboração do Dicionário de Terminologia Arquivística (1996), até hoje referência na área.

Sempre sob o olhar atento, espírito rápido e clareza de fundamentos e conceitos arquivísticos, o sucesso do curso se deveu indiscutivelmente a Heloísa, reconhecida e festejada nos diferentes estados brasileiros e Angola, o que contribuiu sobremaneira para a difusão do curso e justificar a participação de muitos alunos com o acordo de respectivas chefias. O curso de especialização formou quase 600 alunos, ou seja, um grupo de profissionais dotados de sólido conhecimento e que levou a chama arquivística para muitos estados do Brasil, mas também para a própria universidade, formando funcionários de diferentes unidades na importância da gestão dos documentos oficiais.

A USP E SEUS ARQUIVOS

O recuo do tempo e o resgate de documentos nos arquivos da USP evidenciam hoje ideias que, nos idos dos anos 80 estavam presentes, perpassavam várias instâncias, mas ainda não eram percebidas em sua complementaridade e importância institucional. É possível identificar nos anos de 1986, 1987 e 1988 o primeiro impulso oficial em prol de uma institucionalização dos arquivos na universidade:

- em 1986 foi implantado o Sistema de protocolo Proteos, atualizado para a plataforma *web* em 1999 e até hoje central na gestão dos documentos;
- ainda em 1986 foi realizado o I Curso de Especialização em Organização de Arquivos;
- e entre 1987 e 1988 foi ministrado um curso de capacitação para funcionários administrativos, que incluía 2 disciplinas sobre a organização de arquivos, além de aulas sobre correspondência comercial, inglês, taquigrafia, etc. (processo USP 87.1.335.56.6).

É importante salientar que a Reitoria contava com funcionários zelosos que tinham muita clareza sobre a responsabilidade envolvida na gestão dos documentos da



administração pública e alimentavam um sistema informatizado de protocolo (sistema PROTEOS) que gozava de muito respeito na universidade. A tradição uspiana de uma administração bastante descentralizada, ciosa da “autonomia das unidades”, decorria da dimensão da instituição, seus diferentes campi, número de funcionários, docentes e alunos, gerava conseqüentemente uma diversidade muito grande de práticas na gestão dos documentos. A fé depositada no sistema PROTEOS explica também o apreço pelo “processo de capinha amarela” na USP, pois o sistema garantia o controle de seu trâmite. Até hoje, na cultura institucional, a constituição de um “processo” (tradicional em meio papel ou digital) é sinônimo de segurança na preservação e recuperação dos documentos, independente do fato do mesmo tramitar ou não tramitar, ser constituído de documentos da mesma série documental ou de tipos documentais diferentes.

O curso de capacitação aconteceu em paralelo, mas a interação, inicialmente tímida, entre os setores de protocolo e expediente oficiais e o curso de especialização ocorreu desde o início: pode-se afirmar que a necessidade de institucionalizar e profissionalizar a gestão dos documentos e arquivos estava sendo percebida (reconhecida?) pela administração da universidade. A título de exemplo, foi possível resgatar (viva os arquivos da USP! ⁵), o ofício D-68/86, no qual o Diretor da ECA, Prof. Dr. Walter Zanini, se dirigiu ao vice-reitor da USP, Prof. Dr. André Ricciardi Cruz, solicitando que fosse autorizado que alunos do I Curso de Especialização pudessem estagiar junto à Divisão de Comunicações e Arquivo da Reitoria entre 24/6 e 18/7/1986 (processo USP 86.1.22690.1.5). A justificativa do estágio ilustra como a noção da necessidade de um sistema de arquivos perpassava as atividades, pois dela consta que o estágio serviria para “a médio prazo chegar a um diagnóstico geral dos arquivos da USP, visando a ulterior proposta de implantação de um sistema geral de arquivos na USP”.

Hoje é possível afirmar que o caldo de cultura foi sendo apurado (homenagem aos dotes culinários de Heloísa), gargalos sendo identificados e a percepção da necessidade de uma sistematização das iniciativas arquivísticas no seio da universidade foi ficando evidente.

⁵ Agradeço a imprescindível colaboração dos funcionários do Arquivo Geral da USP na recuperação de informações no sistema PROTEOS, na pessoa de Eliana Rotolo, e puxando pela memória de Lilian Miranda Bezerra, Marli Marques de Souza Vargas e Ana Silvia Pires.



A CRIAÇÃO DO SAUSP

A partir da interação entre Heloísa, Ana Maria e Johanna no curso de especialização, foi solicitada uma audiência ao Reitor para explicar a proposta de implementação de um sistema de arquivos na universidade. Após diferentes tentativas, a audiência foi agendada, a proposta aprovada (12/1995) para que um projeto de criação de um sistema de arquivos fosse submetido, desde que o mesmo fosse finalizado ainda dentro da gestão do então reitor (Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes) no final de 1997. Iniciou-se assim um trabalho que contou, desde seus primeiros passos, com a importante contribuição de Heloísa e Ana Maria, as duas madrinhas do SAUSP, além da aprendiz Johanna e de diferentes representantes da administração universitária.

Entre 1995 e 1997 (22 meses) os grupos de trabalho foram se sucedendo, sempre contando com o sólido conhecimento teórico e muita experiência prática de Heloísa e Ana Maria, incorporando muitas informações produzidas no contexto das diferentes edições do curso de especialização, razão pela qual a proposta de criação de um sistema de arquivos pode ser elaborada num curto (exíguo) espaço de tempo. Contrariando o senso comum, não foi feito um diagnóstico preliminar à elaboração do projeto do sistema: embora formalmente este diagnóstico não tenha sido elaborado, os dez cursos de especialização até então oferecidos, contando com funcionários da USP e as interlocuções com as diferentes unidades, forneciam informações suficientes para identificar a diversidade de soluções adotadas e, particularmente, uma sensação transmitida por muitos funcionários segundo a qual a elaboração de regras claras para a gestão dos documentos seria muito bem-vinda.

A Comissão designada para elaborar a proposta e a posterior implantação do SAUSP partiu de uma primeira decisão: o sistema seria criado com seus respectivos instrumentos de gestão que corporificariam sua filosofia. Ou seja, não se proporia a criação de uma estrutura administrativa, mas uma filosofia de trabalho na gestão dos documentos oficiais... A ser concebida no prazo de 22 meses. Por medo (injustificado, talvez) de ver todo o trabalho ignorado na gestão reitoral seguinte, optou-se por envolver



a comunidade USP nos levantamentos de informações sobre os documentos produzidos e seu destino, única forma, ao mesmo tempo, de cumprir a proposta de implantação do SAUSP no prazo.

Após inúmeros treinamentos de funcionários de todas as unidades e campi no levantamento de documentos e propostas de temporalidade e destino, um intenso trabalho foi desenvolvido na sistematização das séries documentais, organizadas pela estrutura organizacional, acrescidas de respectivas temporalidades e destinos. Devemos a Heloísa a clareza acerca da centralidade do conceito de série documental na concepção do arquivo. Lembro de inúmeras reuniões nas quais Heloísa e Ana Maria organizaram as Tabelas de Temporalidade dos Documentos (TTDs), aceleradas por Eunice Ribeiro Borges que, em nome da Reitoria, era gestora do processo. A partir do mesmo levantamento, Heloísa elaborou um Glossário de Espécies, Formatos e Tipos Documentais (alimentando sua importante contribuição para a arquivologia através da importância conferida ao conceito do tipo documental) e Johanna organizou um Plano de Classificação de Atividades - PCA (seguindo a lógica funcional).

Resistências tiveram que ser vencidas no processo, pressionado pelo tempo e pela cultura descentralizada de autonomia das unidades. Um boato teve que ser desfeito, quando alguns funcionários entenderam que se não eram produtores de documentos seriam dispensados ⁶.

De acordo com o prometido, em 23/10/1997 foi publicado no DOE um caderno especial, contendo a portaria GR 3083 "que institui o Sistema de Arquivos da USP - SAUSP - e dá outras providências" As "outras providências" constituíam o coração da proposta, a saber, seus instrumentos de gestão: TTDs, PCA e Glossário de Espécies, Formatos e Tipos Documentais.

Desde então muitos treinamentos e reuniões foram organizados, sempre contando com o generoso apoio de Heloísa e Ana Maria na consolidação da filosofia condensada nos instrumentos de gestão, discutindo dúvidas e sugerindo soluções. Importante salientar que mesmo após sua aposentadoria e envolvida em outros projetos,

⁶ Importante lembrar que na década de 90 do século passado o tema de reengenharia organizacional estava em voga.



o SAUSP sempre pode contar com opiniões e sugestões de Heloísa em reuniões, telefonemas ou mensagens digitais.

O SAUSP nasceu em 1997 como um projeto, vinculado à administração central da universidade, e sua inserção no organograma institucional somente se deu em 4/8/2005, quando foi criada a Divisão do Arquivo Geral da USP (AG-USP), com uma dupla característica:

- em prédio especialmente construído, preservar os documentos de guarda permanente;
- e, na condição de órgão central do SAUSP, coordenar as atividades de gestão dos documentos na universidade, através da elaboração, orientação e aplicação de normas de identificação, preservação, eliminação, cuidados no trâmite e na consulta (instrumentos de gestão, manuais e normas específicas, disponíveis no site do AG - <https://sites.usp.br/arquivogeral/>).

Em 27/2/2021, após anos de trabalho, uma nova versão dos instrumentos de gestão dos documentos foi publicada, exceto o Glossário de Espécies, Formatos e Tipos Documentais que, infelizmente, não pode ser atualizado até a presente data, apontando para a dificuldade de conceituar e entender os documentos nato-digitais, cada vez mais frequentes nos trâmites administrativos da universidade. Essa nova versão dos instrumentos de gestão introduziu algumas alterações na lógica até então vivenciada, com particular destaque para a reorganização da TTD, que deixou de seguir uma lógica estrutural para adotar a lógica funcional e incluir algumas propostas pragmáticas ao subdividir algumas atividades em séries documentais de guarda permanente e outros conjuntos de documentos com temporalidade limitada ⁷.

Por diferentes razões, no entanto, o SAUSP, ainda convivia com uma distinção entre o Sistema PROTEOS (que continuava sendo muito respeitado), e os instrumentos de gestão e respectivos manuais elaborados pelo AG-USP.

⁷ Um detalhamento e argumentação das alterações foi relatado em: PIRES, Ana Silvia; SMIT, Johanna Wilhelmina; BEZERRA, Lilian Miranda; VARGAS, Marli Marques de Souza de. O processo de atualização do Plano de Classificação e da Tabela de Temporalidade de Documentos da Universidade de São Paulo (USP): desafios e soluções heterodoxas. Revista do Arquivo, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 122-130, abr. 2021.



Passo final do sonho acalentado por Heloísa - a implantação de um sistema de arquivos com respectivas normativas - foi dado (ironia do destino) logo após seu falecimento, quando o sistema PROTEOS passou a incorporar, em 3/4/2023, os códigos e diretivas presentes nos instrumentos de gestão aprovados em 2021.

O processo foi longo, desde as primeiras menções à arquivologia na USP por Heloísa, sua institucionalização com o SAUSP e sua posterior concretização organizacional com a criação do AG, mas a semente inicial frutificou a consciência da importância dos arquivos para a administração e para a memória institucional, enfatizando a responsabilidade envolvida em sua gestão, a necessária busca pela racionalidade e pelo permanente diálogo com a comunidade. O SAUSP é o resultado de muitas mentes e de muito trabalho, mas a semente inicial e o farol de lastro teórico e conceitual ele deve a Heloísa Bellotto.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



DIPLOMÁTICA E TIPOLOGIA DOCUMENTAL: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO DE ARQUIVO

Ana Célia Rodrigues¹ 

Arquivos são instrumentos de uso cotidiano. Arquivos existem para que as ações administrativas, jurídicas, técnicas, científicas etc. sejam conhecidas, cumpridas se for o caso e, sobretudo, sejam provadas. Documentos de arquivo são provas. E é a Diplomática, os métodos da Diplomática são justamente os que vão assegurar ao documento o reconhecimento dessa verdade. (Heloísa Liberalli Bellotto, 2011)

¹ Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo (2015) e pela Universidad Carlos III de Madrid, Espanha (2013-2014), com bolsa CAPES. Doutorado (2008) e Mestrado (2003) em História Social pela Universidade de São Paulo. Graduação em História pelo Instituto Superior de Ciências, Letras e Artes de Três Corações (1988). Especialização em Organização de Arquivos pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (1992) e pela Escuela Nacional de Archiveros do Peru, OEA (1993).



1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma discussão sobre a Diplomática como referencial metodológico para identificação da tipologia documental, apresentando as bases da Tipologia Documental como área de estudos própria da Arquivística. Aborda a relação estabelecida entre as áreas e as origens do método, que encontra suas raízes na metodologia da Diplomática, e os conceitos que o fundamenta.

Nos anos 80 do século passado, a partir dos modernos estudos arquivísticos que a Diplomática ressurgiu, com o objetivo de aplicar os princípios teóricos e metodológicos ao estudo dos documentos de arquivo. Uma nova abordagem do uso da metodologia preconizada pela Diplomática, bastante difundida na arquivística nacional e internacional, deu origem a um novo campo de estudos, a Tipologia Documental. A renovação desta disciplina e sua aplicação no âmbito dos arquivos estão representadas pelas teorias propostas na Itália por Paola Carucci e Luciana Duranti, que desenvolve estudos no Canadá; na Espanha, por Luis Núñez Contreras, Manuel Romero Tallafigo, Vicenta Cortés Alonso e Antonia Heredia Herrera e no Brasil, por Heloísa Liberalli Bellotto. Os estudos publicados por Heloísa Liberalli Bellotto, primeiramente em 1982, com novas abordagens em 1990 são considerados base do referencial teórico sobre tipologia documental e os conceitos abordados pela autora, foram incorporados à literatura arquivística e à prática desenvolvida nos arquivos do país.

Heloísa Bellotto traz para os estudos diplomáticos, a diferença entre espécie documental e tipo documental, o que não tinha sido abordado antes por outros autores, inovando e sedimentando fundamentos teóricos e metodológicos para a construção de uma tradição arquivística brasileira.

DIPLOMÁTICA E TIPOLOGIA DOCUMENTAL NO CONTEXTO DA ARQUIVÍSTICA

A Diplomática nasceu no século XVII como uma técnica analítica para determinar a autenticidade dos documentos emitidos por autoridades soberanas em séculos



anteriores. Mabillon é quem efetua a primeira sistematização rigorosa sobre a autenticidade dos documentos de arquivo. A sua metodologia foi usada para examinar individualmente cerca de duzentos documentos diferentes, de várias épocas e os comparar. Verificou o que tinham em comum e qual era o procedimento do ambiente onde eles se encontravam. Os resultados obtidos neste estudo passaram a se configurar, como os pressupostos teóricos da disciplina.

Na passagem do século XIX ao século XX, a Diplomática é tratada exclusivamente como “ciência auxiliar da História”. Os historiadores adotaram a Diplomática como uma ferramenta de crítica documentária para avaliar a autoridade de documentos medievais como fontes históricas. Ocorre seu desenvolvimento como disciplina, favorecido pela introdução dos estudos diplomáticos na academia, no campo dos estudos históricos, transformando-a em uma ciência estritamente medieval.

No final do século XX, os arquivistas “descobriram novos usos para esta velha ciência, baseados no seu potencial como um padrão para assegurar a confiabilidade geralmente dos documentos modernos e especificamente dos documentos eletrônicos”. (DURANTI, 1995, p.06 e 36)

Mas é próximo aos anos 80 do século passado, que começa a se formar uma nova geração de estudiosos de Diplomática, que aplicando os princípios teóricos e metodológicos da disciplina aos documentos de arquivo, estabeleceram um profícuo diálogo entre as áreas, cujos estudos de natureza teórica vêm exercendo profunda influência no fazer arquivístico internacional, contribuindo para a construção teórica em Arquivística.

No campo da ciência Arquivística, a Diplomática tem sido adaptada como uma ferramenta metodológica para compreender o complexo processo de produção e tratamento dos documentos da burocracia contemporânea.

Em 1989, na II Conferência Europeia de Arquivos promovida pelo Conselho Internacional de Arquivos, os delegados da conferência recomendaram “que o desenvolvimento da disciplina da diplomática moderna seja promovido através de pesquisa na tipologia de documentos contemporâneos e nos processos de criação de documentos nas instituições contemporâneas”. (MACNEIL, 2000, p.87)



Na Europa, a resposta a este chamado dos arquivistas para a construção de uma diplomática moderna, adaptável aos documentos do século XX, vem principalmente da Itália, destacando-se os estudos realizados por Paola Carucci (1997; 2004). Esta arquivista italiana deu uma contribuição substancial, redefinindo o documento de um modo muito amplo e concentrando as atenções na proveniência administrativa que o gera, antes de sua forma documental. Alarga desta forma o âmbito da Diplomática, integrando-a com a Arquivística, incluindo uma relação de considerações sobre o documento como produto do procedimento administrativo (DURANTI, 2003).

Os estudos realizados por Luciana Duranti, através do grupo de pesquisadores da Universidade da Columbia Britânica, em Vancouver, Canadá, associado ao projeto InterPARES que teve início em 1999, tiveram como objetivo produzir conhecimento teórico e metodológico e formular políticas para a criação e preservação de documentos digitais, orientando as práticas realizadas em arquivos de todo o mundo.

Nestes anos 80 a Espanha também se destaca no movimento de renovação teórica da Diplomática, produzindo importantes estudos teóricos e de Diplomática aplicados aos documentos administrativos, preocupados em definir o que entendemos por documento de arquivo e identificar as partes que o integram, elencando seus caracteres internos e externos para seu tratamento técnico arquivístico.

Para Manuel Romero Tallafigo (1994, p.16 e 20), a Diplomática é a “ciência que estuda e critica o documento escrito do ponto de vista das formas internas e externas. Formas que são planejadas para fazê-lo compreensível e ainda fidedigno e autêntico para a sociedade a qual se destina”.

Antonia Heredia Herrera (1991) analisando a relação da Diplomática com a Arquivística define a Diplomática como “a ciência que estuda o documento, sua estrutura, suas cláusulas, para estabelecer as diferentes tipologias e sua gênese dentro das instituições escriturárias a fim de analisar sua autenticidade”. O objeto da Arquivística é “muito mais amplo em extensão e em limites cronológicos, não se limita ao documento jurídico, mas alcança e ultrapassa os nossos dias”. (HEREDIA HERRERA, 1991, p. 61-62)

Antonia Heredia chega mesmo a aventar uma certa supremacia da tipologia documental sobre a diplomática, quando o enfoque é a doutrina arquivística. A autora diz ainda que a tipologia, por suas características



intrínsecas, atribui maior importância ao procedimento administrativo, privilegiando o conjunto orgânico no qual o documento se situa e não o 'discurso' de cada um. (BELLOTTO, 2004, p.53)

Feita esta distinção, a autora ressalta que a relação Arquivística-Diplomática assim posta, nos levará a uma normalização documental necessária nos programas de gestão de documentos, sobretudo quando "o uso da nova tecnologia informática obriga a um conhecimento profundo dos formulários, das cláusulas e dos dados informativos essenciais de cada série documental que delimitados claramente traz a determinação de cada tipologia". (HEREDIA HERRERA, 1991, p. 61)

Antonia Heredia Herrera (2006) reconhece a independência dos campos de estudo das duas áreas, da Tipologia documental e da Diplomática, mas destaca a estreita relação estabelecida entre elas que pode ser verificada na influência da formulação da metodologia da tipologia documental a partir dos parâmetros metodológicos da Diplomática.

A metodologia aplicada ao tipo documental vem sendo denominada *análise documental*. Devemos muito a Vicenta Cortés sobre este e outros temas, porque criou um modelo de análise documental partindo do modelo de análise do tipo diplomático, adequando-o às necessidades arquivísticas do momento. Passado o tempo surgem novos conceitos, como o da *identificação* (...). (HEREDIA HERRERA, 2006, grifo nosso).

Para Vicenta Cortés Alonso, a disciplina "que explica a gênese documental e analisa os caracteres internos e externos é a diplomática e a que se encarrega de estudar os documentos desde o ponto de vista de sua função administrativa, sua conservação, descrição e serviço é a arquivística" (CORTÉS ALONSO, 1986, p. 01). A autora espanhola distingue a análise diplomática deste "estudo arquivístico", o qual considera um "trabalho de pesquisa arquivística", cujo objeto é a "documentação contemporânea" e o objetivo é "fixar a tipologia documental produzida e solicitada, para, sem erro, formar as séries documentais dos arquivos (...)." (CORTÉS ALONSO, 1986, p.419, 429 e 420).

A partir dos trabalhos publicados por estes autores, nos anos que se seguiram até a década dos 90, a Arquivística espanhola registra uma extensa produção bibliográfica abordando o tema da metodologia diplomática aplicada aos estudos de documentos produzidos e acumulados nos arquivos do país.



As relações entre a Diplomática e a Arquivística conquistam um definitivo espaço no debate teórico dos estudiosos espanhóis, denominada estudos de tipologia documental.

O termo tipologia documental passa a ser usado para designar o conjunto dos documentos de arquivo, aparecendo na Espanha nos trabalhos de Vicenta Cortés Alonso, do Grupo de Arquivistas Municipais de Madri, Antonia Heredia Herrera e Maria Luiza Conde Villaverde, sendo também utilizado por Aurélio Tanodi e Manuel Vázquez, na Argentina e no Brasil, por Heloísa Liberalli Bellotto.

Os modelos de análise diplomática e análise tipológica, amplamente divulgados por Bellotto (2000), são diferentes entre si, uma vez que para a diplomática o grande interesse esta no teor documental e para a tipologia esta nas inter-relações no interior do conjunto documental.

Então, o objeto da tipologia é a lógica orgânica dos conjuntos documentais. Utiliza-se a mesma construção diplomática para assinalar o registro do que se quer dispor ou do que já foi cumprido sobre a mesma função. Por isso mesmo, a tipologia pode ser chamada de diplomática arquivística ou, melhor ainda, de diplomática contemporânea, se se atentar o quanto o objeto e os objetivos de ambas podem ser amalgamados (...) (BELLOTTO, 2002, p.20)

Para a autora, o objeto da diplomática em sua perspectiva clássica, é a espécie documental e em sua perspectiva contemporânea, o tipo documental, cujos métodos de análise diplomática e tipológica permitem o reconhecimento da sua gênese para se chegar por comparação ao agrupamento das séries documentais.

Em definitivo, o objeto da diplomática é a configuração interna do documento, o estudo jurídico das partes e dos seus caracteres para aquilatar a sua autenticidade e fidedignidade, enquanto o objeto da tipologia o estudo como componente de conjuntos orgânicos, isto é, como integrante da mesma série documental, advinda da junção de documentos correspondentes à mesma atividade. (BELLOTTO, 2004, p.52)

A concepção de Diplomática e Tipologia Documental, apresentada por Heloísa Bellotto vem sendo utilizada por uma corrente de estudiosos no Brasil.

Diplomática que, tomada em seu conceito clássico, era a disciplina que tão somente se ocupava da estrutura formal dos atos escritos de origem



jurídica, governamental e/ou notarial. (...) Na atualidade, porém, essa Diplomática ampliou-se. É agora a chamada “Diplomática contemporânea”, “Diplomática arquivística” para alguns, cuja metodologia é bastante concentrada no estudo dos tipos documentais e de toda sua vinculação orgânica de gênese, atuação e uso (BELLOTTO, 2014, p. 426)

Para a Arquivística brasileira, a Diplomática e a Tipologia Documental são campos de estudos distintos, com métodos próprios de análise diplomática e análise tipológica, porém complementares para o estudo da gênese dos documentos e seu agrupamento em série documental a partir de parâmetros normalizados.

GÊNESE DO DOCUMENTO DE ARQUIVO

O documento de arquivo é produzido de forma involuntária, criado no decurso de uma atividade. É o resíduo material da ação que lhe dá origem.

Esta capacidade de provar o fato que lhe dá origem é resultado da especial relação que o documento tem com o órgão que o produz, o vínculo que se revela no conteúdo pela atividade registrada, que constitui o núcleo de sua identidade. O vínculo arquivístico, refere-se “a rede de relações que cada documento tem com os documentos pertencentes a um mesmo conjunto” (DURANTI, 1997).

Heloísa Bellotto (2015) reflete sobre esta especial relação que o documento mantém com seu produtor, o vínculo arquivístico, ressaltando que é uma

ligação inalienável, impossível de ser desfeita com seu produtor, ligação com sua razão de ser, ligação que dá força a seu conteúdo com força de fazer e desfazer (mesmo se ele for relativo a fatos mínimos) essa condição que o documento de arquivo tem de “conversar” (no sentido figurado) com os demais documentos do seu conjunto. E tudo isso que eu denomino a “grande magia do vínculo arquivístico”, é muito bem explicado em seus porquês pela Diplomática (BELLOTTO, 2015)

Para a arquivística, o estatuto probatório do documento de arquivo reside na relação estabelecida com o seu produtor, depende desta “natureza contextual”, como afirma Ana Maria Camargo (2003, p. 12).



Esta estreita relação que mantém com o contexto onde foi produzido, se traduz nos elementos externos e internos que o caracterizam. “Será preciso identificar estes elementos que revelarão o perfil do documento, ou melhor, o perfil dos conjuntos documentais. *Estrutura e substância, não são assuntos (...)*”, enfatiza Heloísa Bellotto (1988, p. 68, grifo nosso).

Portanto, é na análise dessas características peculiares que possuem o documento de arquivo, na sua natureza intrínseca de prova documental, que reside à razão de sua produção e a justificativa de sua utilização. Este conjunto de informações encontradas no documento de arquivo, que refletem o contexto onde foram produzidos, é o somatório dos elementos componentes da estrutura física e do conteúdo (substância) e permite a definição das séries documentais, o objeto da Arquivística.

A série, “unidade intermediária entre a peça documental e o seu conjunto orgânico maior”, é considerada como a “sequência de documentos da mesma tipologia e/ou da mesma função”. Revela significativos elementos substantivos que sustentam o conceito de documento de arquivo, pois na identificação de tais elementos se ressaltam “as funções, atividade e operações levadas a cabo por uma instituição para cumprir a competência com a qual foi criada e que justifica sua existência” (BELLOTTO, 1988, p. 69-70).

O tipo documental, denominação dada ao documento de arquivo, estudado pela Diplomática e pela Arquivística, sintetiza esta perspectiva.

IDENTIFICAÇÃO DA ESPÉCIE, TIPO E SÉRIE DOCUMENTAL

A identificação do tipo documental, processo que se realiza com base no reconhecimento dos elementos internos e externos do documento, é a base para a definição das séries documentais e, portanto, do desenvolvimento das funções arquivísticas aplicadas à gestão de documentos e ao tratamento de documentos acumulados em arquivos.

Tipo é um termo que significa “modelo, referência”. No campo da Arquivística seu uso vem sendo aplicado para designar o modelo de documento de arquivo, criado como



resultado do exercício de uma atividade, o tipo documental.

Na Espanha, um país de arquivística notadamente influenciada pela Diplomática, o termo tipo documental vem sendo usado na área da Arquivística para designar o documento de arquivo, embora seu uso seja típico da Diplomática, como bem salientou Antonia Heredia (2006). Decorrente do uso generalizado desta terminologia no meio arquivístico surge os estudos de identificação de documentos de arquivo a partir do método de análise da tipologia documental, denominados estudos de tipologia documental, desenvolvidos no âmbito da identificação arquivística.

Tradicionalmente a Diplomática tem estudado o documento individual, produto do fato jurídico. A sua utilidade se limitou inicialmente a resolver uma disputa legal, sendo estendida para dar suporte à pesquisa histórica.

Os documentos diplomáticos, objeto da Diplomática, se a disciplina for tomada em sua perspectiva clássica, “são os de natureza jurídica que refletem no ato escrito às relações políticas, legais, sociais e administrativas entre o Estado e os cidadãos, cujos elementos semânticos são submetidos a fórmulas preestabelecidas”. (BELLOTTO, 2001).

No sentido moderno da Diplomática, os documentos são analisados na direção de seu contexto de produção, nas relações entre as competências, funções e atividades do órgão produtor e neste sentido, apresentam suas profundas relações com a Arquivística.

O documento de arquivo, considerado em seu conjunto, é o tipo documental, objeto da Tipologia Documental, identificado a partir das relações que apresenta com o contexto de produção. As competências, funções e atividades desempenhadas, que se articulam no procedimento de gestão, são elementos inovadores, introduzidos na metodologia da Diplomática, em sua perspectiva contemporânea, para identificar o documento de arquivo.

A Tipologia Documental tem como parâmetro conceitual a identificação do tipo, cuja fixação depende primeiramente do reconhecimento da espécie, sua identificação será determinada pela análise dos caracteres externos e



internos dos documentos.

Para efeitos de identificação da tipologia documental e seu tratamento técnico, ambos os métodos são necessários por serem complementares. O primeiro, da Diplomática clássica, porque através dele se chega à espécie documental; o segundo, porque contextualiza a espécie no âmbito da função que determina sua produção, elemento que será denominativo do tipo documental, objeto e campo de estudos da Tipologia Documental. (RODRIGUES, 2018)

A gênese do documento de arquivo é determinada pela função que determina sua produção, “a função para a qual está se criando o documento é que vai ditar qual espécie documental deve ser a escolhida. E é esta mesma espécie que vai impor o “modelo” da redação”, explica Heloísa Bellotto (2015, p. 281).

A espécie documental, quando “carregada” de uma atividade, é um tipo. Na realidade, a espécie é como uma fórmula vazia que se torna tipo quando, no momento da gênese do documento, juntamos a atividade, o encarregamos de algo e damos-lhe vida. A atividade seria como a razão funcional, seria a espécie “em funcionamento”. Seria um pouco como passar da teoria à prática. (BELLOTTO, 2018, p. 449)

Para a arquivística brasileira, a espécie documental é “a configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas” e o tipo “é a configuração que assume a espécie documental de acordo com a atividade que ela representa” (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p.19 e 27). Pode-se afirmar, que “a espécie pode ser tomada isoladamente como expressão Diplomática, se tomada coletivamente, em sua expressão funcional, ela será um tipo”, objeto dos estudos de tipologia documental. A autora define este campo da arquivística como “estudos tipológicos”, cuja finalidade é analisar a “fórmula” (diplomática) somada à atividade que a gerou (tipologia). (BELLOTTO, 2002, p.93)

Portanto, a denominação da série documental obedece à fórmula para a denominação do tipo documental: espécie + atividade (verbo + objeto da ação). São exemplos de espécies, o requerimento, portaria, decreto, entre outros. A espécie acrescida da atividade dá origem aos tipos, como requerimento de licença para construção, requerimento de licença de saúde, requerimento de matrícula escolar,



diferentes entre si e que dão origem a séries documentais distintas, embora possam ser provenientes do mesmo contexto de produção. A série documental será definida pela identificação e comparação dos tipos documentais, resultado da mesma atividade, e será parâmetro para os critérios de classificação, avaliação, descrição e planejamento da criação/produção documental, convencional ou digital. (RODRIGUES, 2008).

Esta perspectiva vem influenciando a construção de uma tradição arquivística brasileira na área, postura da qual compartilhamos, evidente em nossas pesquisas⁷ que referenciam a tipologia documental como base da gestão de documentos e do tratamento técnico de documentos acumulados em arquivos, no contexto da identificação arquivística.

Estudos desenvolvidos por Rodrigues (2003, 2008, 2013, 2018) sobre a identificação no campo da Arquivística, permitiram sistematizar os aspectos teóricos e metodológicos que a caracterizam e sua pertinência para o desenvolvimento das práticas arquivísticas.

A identificação é uma metodologia de pesquisa para a Arquivística, tarefa de natureza intelectual, que precede e fundamenta as demais funções que integram a metodologia arquivística, ou seja, a classificação, avaliação, descrição e também o planejamento da produção documental, notadamente na criação dos documentos (convencionais ou digitais), que tem dois objetos de estudos: 1. Órgão produtor, analisando o elemento orgânico (estrutura administrativa) e o elemento funcional (competências, funções e atividades). A base teórica da produção deste conhecimento vem do Direito e da Administração. 2. Tipologia documental, estudo que se realiza com base no reconhecimento dos elementos externos, que se referem à estrutura física, a forma de apresentação do documento (gênero, suporte, formato e forma) e internos, o “conteúdo substantivo do documento (atividade) e natureza de sua proveniência e função” (BELLOTTO, 2004), para denominar o tipo e definir a série documental. A base teórica que sustenta esta pesquisa vem da Diplomática e Tipologia Documental e da Arquivística.

A correta delimitação da tipologia documental, considerada em relação ao seu contexto de produção, é fundamental para definir sua classificação, valor para



preservação ou eliminação, requisitos para sua criação/produção em suportes convencionais e eletrônicos e descrição, para recuperação de documentos e informações que integram as series documentais.

A ideia inovadora da espécie documental como anterior ao tipo, divulgada nos estudos de Heloísa Bellotto, foi concebida, estudada e adotada pelos membros da Comissão Técnica juntamente com a equipe que atuava nos arquivos e serviços de protocolo do Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo e ao Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo, no final do século XX²,

Sem encontrar precedentes na literatura especializada da área tanto no Brasil como no exterior, buscamos sistematizar em listas e glossários o que foi surgindo em termos de funções administrativas compatíveis com os tipos que as comissões setoriais foram identificando. Aos poucos, aplicada aos dois sistemas, a adoção da espécie mostrou que ela poderia ser eficaz. (BELLOTTO, 2019, p. 452)

Esta diferença se aplica metodologicamente de maneira pioneira na preparação de instrumentos de gestão de documentos do Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo (SAUSP)³, do Sistema de Arquivos do Governo do Estado de São Paulo (SAESP)⁴, determinando o início de uma tradição para a arquivística do Brasil. Notadamente destaca-se a aplicação no Arquivo Público Municipal de Campo Belo, MG⁵, no Programa de Gestão de Documentos da Prefeitura Municipal de Santos (PGD-Santos)⁶ e como metodologia básica do Programa de Gestão de Documentos do Governo do Estado de Rio de Janeiro (PGD-RJ)⁷, fundamentando também o Programa de Gestão de

² Formada pelos professores que atuaram no Curso de Organização de Arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (1986-2010), Ana Maria de Almeida Camargo, Heloísa Liberali Bellotto, Rosemarie Inojosa e Johanna Wilhelmina Smit (BELLOTTO, 2019, p. 452)

³ Disponível em: <https://sites.usp.br/arquivogeral/wp-content/uploads/sites/39/2021/04/Instrumentos-de-Gestao.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

⁴ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/guest/sistema/plano_tabela. Acesso em: 03 jul. 2023.

⁵ Rodrigues, 2003.

⁶ Rodrigues; Garcia, 2012^a.

⁷ Disponível em: <https://www.aperj.rj.gov.br/pgd.php>. Acesso em: 03 jul. 2023. Proposta metodológica desenvolvida no âmbito do Projeto de Pesquisa, Identificação arquivística: utilizando a diplomática contemporânea como fundamento metodológico no Programa de Gestão de Documentos do Governo do Rio de Janeiro. Financiamento: Programa Jovem Pesquisador UFF 2009. Parceria institucional: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado da Casa Civil do Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Federal Fluminense. Coordenação: Ana Célia Rodrigues. (RODRIGUES, 2012b; 2013).



Documentos da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (PGD-Carioca)⁸ e de Niterói (PGD-Niterói)⁹, entre outros modelos do país, com êxito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Diplomática é uma disciplina investigativa que fornece à Arquivística os parâmetros teóricos e metodológicos necessários para identificar a gênese dos documentos de arquivo, na busca de soluções para superar os desafios impostos para seu reconhecimento, gestão, organização e acesso.

Como afirmou Heloísa Bellotto (2011), “o conhecimento e a prática da Diplomática permitem compreender melhor que o documento de arquivo tem a sua gênese dentro de um processo natural” como resultado das atividades do produtor.

seus princípios e métodos induzem principalmente a compreender o que é realmente um arquivo, enquanto complexo orgânico, isso sem que cada um dos seus elementos perca a individualidade. E também compreender de forma inequívoca o como, o porquê e o para quê, tanto do documento-indivíduo como do conjunto documental, que é o arquivo. (BELLOTTO, 2011)

A relação estabelecida entre a Diplomática e a Arquivística para estudar as espécies e a tipologia documental, no contexto da identificação arquivística, revela a pertinência destes parâmetros para o desenvolvimento das funções arquivísticas, conferindo rigor às práticas arquivísticas, transformando o arquivista em produtor de conhecimento científico.

As ideias de Heloísa Bellotto influenciaram particularmente minha trajetória como

⁸ Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/gerencia-de-gestao-documental1>. Acesso em: 03 jul. 2023.

⁹ Proposta metodológica desenvolvida no âmbito do Projeto de Pesquisa Aplicada | PDPA 4408, Um arquivo público municipal para Niterói: gestão de documentos, acesso à informação e transparência na administração pública no horizonte da história e da cooperação regional do Leste Fluminense. Financiamento: Programa de Desenvolvimento de Projetos Aplicados (PDPA). Parceria: -Prefeitura Municipal de Niterói, Universidade Federal Fluminense e Fundação Euclides da Cunha. Coordenação: Ana Célia Rodrigues. Vice coordenação: Paulo Knauss. Coordenador Executivo P2 | PGD-Niterói: Danilo André Cinacchi Bueno. Disponível em: <http://pdpa.niteroi.rj.gov.br/eficiente-e-comprometida/um-arquivo-publico-municipal-para-niteroi-gestao-de-documentos-acesso-a-informacao-e-transparencia-na-administracao-publica-no-horizonte-da-historia-e-da-cooperacao-regional-do-leste-fluminense/>. Acesso em: 03 jul. 2023.



arquivista, docente e pesquisadora. Foi uma honra ter sido orientada por ela, suas idéias que foram e continuam sendo transformadoras...

REFERÊNCIAS

- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. A Diplomática como chave da teoria arquivística. **ARCHEION ONLINE**, v. 3, p. 1, 2015.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica em arquivística; reconhecendo e utilizando o documento de arquivo**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo / Arquivo do Estado, 2000. (Projeto Como Fazer)
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Concepto de especie documental como antecedente al tipo en la teoría archivística. **Boletín de la ANABAD**, v. LXVIII, p. 446-456-456, (Ejemplar Especial Homenaje Antonia Heredia Herrera), 2018.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Descrição sumária: solução de acesso. **Arquivo**, Boletim Histórico e Informativo. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, v. 9, n. 2, p. 65-71, 1988.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Diplomática e tipologia documental. In: **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 45-63.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Diplomática para quê? In: **I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática**. Conferência da Sessão D. Jean Mabillon. Campos dos Goytacazes, RJ, Arquivo Público Municipal, 2011.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Diplomática para quê? In: **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte, Ed UFMG, 2014, p. 425-433.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Documento de arquivo e sociedade. **Ciências x Letras**. Revista da Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 31, p.167, 2002.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Identificação de fundos. In: **Arquivos permanentes; tratamento documental**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p.127-134.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **O espaço da diplomática no ensino da arquivologia**. In: IV Congreso de Archivología del Mercosur. 2001. Disponível em: <http://www.pmatozo.hostmidia.com.br>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Tipologia documental em arquivística. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo, n. 195, p. 9-17, 1982.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Tipologia documental em arquivos: novas abordagens. **Arquivo de Rio Claro**. Revista do Arquivo do Município de Rio Claro. Rio Claro: Arquivo do Município de Rio Claro, n.1, p.4-15, 1990.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Uma base terminológica consensual: limites e possibilidades. In: CARMARGO, A. M. A.; DELMAS, B.; ARDAILLON, D.; BELLOTTO, H. L.; SMIT, J.; RUIPEREZ, M. G.; COSTA, S. R.; RODRIGUEZ, S. M. T. In: **Dar nome aos documentos: da teoria à prática**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015, p. 272-284.



- CAMARGO, Ana Maria de Almeida & BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Dicionário de Terminologia Arquivística.** São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros / Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Sobre o valor histórico dos documentos. **Arquivo Rio Claro:** Revista do Arquivo do Município de Rio Claro. Rio Claro: Arquivo do Município de Rio Claro, n.1, p. 11-17, 2003.
- CARUCCI, Paola. **Documento y archivo de gestión: diplomática de ahora mismo.** Carmona: S&C Ediciones / Universidad Internacional Menéndez Pelayo, 2004.
- CARUCCI, Paola. **Il documento contemporaneo: diplomatica e criteri di edizione.** Roma: La nuova Italia Scientifica, 1997.
- CORTÉS ALONSO, Vicenta. Nuestro modelo de análisis documental. **Boletín de la ANABAD.** Madrid: ANABAD, n. 3, p. 419-434, 1986.
- DURANTI, Luciana. **Diplomatica: nuevos usos para una antigua ciencia.** Trad. Manuel Vázquez. Carmona: Asociación de Archiveros de Andalucía, 1995.
- DURANTI, Luciana. La diplomatica dei documenti elettronici. Venezia, Itália: Università Ca'Foscari di Venezia. Disponível em: <http://www.biblio.unive.it/sba/novita/030527Duranti.asp>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- DURANTI, Luciana. The archival bond. **Archives and Museum Informatics.** Vancouver (Canadá): Kluwer Academic Publishers, v.11, p. 213-218, 1997.
- HEREDIA HERRERA, Antonia. **Archivística general; teoría y práctica.** 5 ed. Sevilla: Diputación Provincial, 1991.
- HEREDIA HERRERA, Antonia. En torno al tipo documental. **Boletín de la ANABAD**, tomo 56, n. 3, 2006, p. 13-36. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/166232>. Acesso em: 25 jun. 2023.
- MACNEIL, Heather. **Trusting records: legal, historical and diplomatic perspectives.** Vancouver (Canadá): Kluwer Academic Publishers, 2000.
- RODRIGUES, Ana Célia. **Diplomática contemporânea como fundamento metodológico da identificação de tipologia documental em arquivos.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27112008-151058/publico/TESE_ANA_CELIA_RODRIGUES.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.
- RODRIGUES, Ana Célia. Identificação arquivística como requisito metodológico do Programa de Gestão de Documentos do Governo do Estado do Rio de Janeiro (PGD- RJ): reflexões sobre a construção teórica dos procedimentos e instrumentos. In: **XIII ENANCIB**, 2012, Rio de Janeiro, RJ. In: Anais do XIII ENANCIB. Rio de Janeiro, RJ: ANCIB, 2012. Disponível em: <http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19564.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- RODRIGUES, Ana Célia. Identificação como requisito metodológico para a gestão de documentos e acesso a informações na administração pública brasileira. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 41 n. 1, p.64-80 jan./abr.,



2013. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/issue/view/121>. Acesso em: 25 mar. 2023.

RODRIGUES, Ana Célia. **Tipologia documental como parâmetro para a gestão de documentos de arquivos: um manual para o Município de Campo Belo, MG.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25042003-181526/publico/tesaAnaCelia.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

RODRIGUES, Ana Célia. Tipología documental: diálogos entre la archivística y la diplomática para la construcción del método de identificación del documento de archivo. **Boletín de la ANABAD**, v. 68, n. 3-4, p. 429-445. (Ejemplar Especial Homenaje Antonia Heredia Herrera), 2018.

ROMERO TALLAFIGO, Manuel. Ayer y hoy de la diplomática, ciencia de la autenticidad de los documentos. In: CARUCCI, Paola, *et al.* **Documento y archivo de gestión: diplomática de ahora mismo.** Carmona: S & C / Universidad Internacional Menéndez Pelayo, 1994. p. 11-49. (Col. Biblioteca Archivística, 2).

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.



COMO SURTIU *ARQUIVO: ESTUDOS E REFLEXÕES,* DE HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Renato Venancio¹ 

Na França, há algumas décadas, começaram a proliferar relatos pessoais de historiadores contando a própria trajetória profissional. Em razão de esses relatos se diferenciarem de biografias, por quase não registrarem aspectos da vida íntima, como a vida familiar e os círculos de amizades, concentrando-se na trajetória profissional e tentando aplicar métodos de contextualização histórica, procurou-se um novo termo para marcar a especificidade dessa produção intelectual. “Ego-história” foi o termo escolhido. Pierre Nora, ao apresentar um dos manifestos da “Ego-história”, afirma: nesse tipo de produção intelectual, “historiadores procuram ser historiadores deles próprios” (NORA, 1989, p. 9).

¹ Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica - RJ (1982), mestrado pela Universidade de São Paulo (1988), doutorado pela Universidade de Paris IV - Sorbonne (1993) e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2005). É professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Essa introdução se faz necessária, pois, cabendo a mim a honra de participar desta homenagem a Heloísa Liberalli Bellotto, achei por bem, até mesmo em respeito à homenageada, ser fidedigno. Nesse sentido, o primeiro aspecto que gostaria de sublinhar é que meu contato com a autora foi relativamente recente. Embora em 2008, ela tenha concedido entrevista à *Revista do Arquivo Público Mineiro*, com o título “O discreto fascínio da arquivologia”, publicação da qual fui coordenador editorial. Na época não cheguei a contactá-la diretamente, ficando essa iniciativa sob responsabilidade da equipe de produção desse periódico.

Meus contatos com a grande referência da Arquivologia brasileira, de fato, só começaram a ocorrer em fins de 2011. Naquele ano havia sido procurado pelo Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, João Antonio de Paula, que me propôs projetos e solicitou propostas sobre os arquivos institucionais da universidade. Nessa ocasião, junto à Ivana Parrela, Ana Lúcia do Carmo e Silvana Santos, tivemos uma reunião com esse Pró-Reitor, em que debatemos diversos assuntos, inclusive a realização de publicações na área de arquivística. João Antonio de Paula abraçou com entusiasmo essa proposta e marcou nova reunião, agora com Wander Melo Miranda, então responsável pela Editora da UFMG.

Em menos de uma semana, outra reunião foi realizada, contando com minha participação, além dos referidos Pró-Reitor e editor. Levei para essa reunião uma listagem de nomes de autores, cujas produções são essenciais para a área de Arquivologia. Na elaboração dessa listagem pude contar com a colaboração de colegas da UFMG, a saber, Welder Silva, Marta Melgaço, Ivana Parrela e Cintia Chagas. Ressalto a contribuição de Adalson Nascimento na consolidação da referida listagem

Após ouvir a apresentação desta proposta, João Antonio de Paula sugeriu que a coleção fosse inaugurada com o lançamento de livro de autor brasileiro. Concordei com essa proposta e, na mesma reunião, sugeri a publicação dos textos de Heloísa Liberalli Bellotto, já que eles, além de reconhecida qualidade e prestígio na área, permitiriam alcançar um dos principais objetivos da coleção, que é divulgar as reflexões mais avançadas, sem romper com os princípios clássicos da Arquivologia.



De fato, desde 2010, quando comecei a trabalhar como professor de Arquivologia, pensava em publicar uma reunião dos textos de Heloísa Bellotto, em alguma plataforma *online* ou algo semelhante. A sugestão do Pró-Reitor apenas ativou a lembrança desse projeto e, ao final da reunião, foi acordado que eu faria o contato com a autora. Wander Melo Miranda também aprovou a proposta da coleção, sugerindo apenas que o título fosse alterado, passando de “Coleção Arquivo, Gestão & Memória”, conforme constava na proposta original, para somente “Coleção Arquivo”.

Em fins de 2011, portanto, dei início aos contatos com Heloísa Liberalli Bellotto. Achei que seria melhor lhe escrever uma carta. Fiz essa escolha por achar que as comunicações enviadas pelos correios agregam mais seriedade à mensagem. Antes de enviar a carta, entrei em contato com Ana Maria Camargo, a quem o Brasil deve muitas contribuições, e pedi a ela para reforçar a proposta. Com Ana Maria Camargo, já mantinha contato há de algum tempo, pois em 2007 e 2008 fomos Consultores Científicos da UNESCO, no Comitê Nacional Memória do Mundo-Arquivo Nacional. Posteriormente, convidei-a para escrever artigo na *Revista do Arquivo Público Mineiro* e para participar em eventos da UFMG.

O texto da primeira carta enviada à Heoísa Liberalli Bellotto é reproduzido abaixo:

Belo Horizonte, 04 de novembro de 2011.

Prezada Profa. Heloísa Bellotto,

Conforme a Profa. Ana Maria Camargo deve ter lhe comunicado, a Editora da UFMG lançará, em 2012, uma coleção visando à publicação de livros na área de Arqueologia. Conforme está sendo planejado, essa coleção incluirá publicações nacionais e internacionais. Em relação a 2012 estão previstas as seguintes traduções:

Richard J. Cox. *Personal archives and a new archival calling: readings, reflections and ruminations*. Litwin Books, 2008.

Terry Eastwood, Heather MacNeil. *Currents of archival thinking*. Libraries Unlimited, 2010.

Em relação ao autor nacional, gostaríamos de convidá-la para publicar livro, com sua vasta produção de artigos científicos e capítulos de livro. Trata-se uma obra de grande relevância, dada a importância e a contribuição da produção intelectual da Sra. para a área.

Case aceite este convite, a Sra. faria a seleção dos artigos e textos que considera mais relevantes.

Cordialmente,

Renato P. Venancio



A resposta a essa carta chegou via e-mail, no dia 13 de novembro, com o conteúdo abaixo:

Prezado Renato

Desculpe o atraso, eu estava sem internet e só agora respondo sua carta, na qual me propõe o projeto de um livro. Fico muito honrada e agradecida. Aceito, mas só me proponho a mandar algum esboço para você examinar no início do ano, pois dentro de uma semana vou para Lisboa, só voltando para as Festas. Um grande abraço e parabéns por esses esforços para uma maior consolidação da Arquivologia no Brasil

Heloísa

Com a seriedade intelectual que sempre a caracterizou, Heloísa Bellotto pede desculpas pelo atraso da resposta, embora tenha levado pouquíssimo tempo para responder, tendo em vista que as cartas enviadas pelos correios levam alguns dias para chegar ao destinatário. Além disso, não avançou prazos irrealistas, como é comum quando se é convidado para escrever ou organizar um livro.

A partir de 2012, conforme combinado, retomei os contatos. Em resposta a uma mensagem, agora via e-mail, Heloísa Bellotto responde:

Quando você dizia dos textos esgotados ou de difícil acesso que os alunos procuravam, você tinha em mente algum específico? É que selecionei estes para que você tenha uma ideia. Na verdade, são os mais recentes e estão aqui no meu computador (alguns publicados, outros só apresentados em congressos). E não estão nos meus livros porque não teria sentido republicar capítulos deles. Se você lembra de algum que não esteja aí, poderão estar em CDs ou disquetes antigos (não se preocupe que logo resgata-los, pelo menos, penso eu). Leia a lista, julgue e palpíte. Os 3 últimos são mais do campo da Diplomática, não sei se interessa. Até poderia colocar mais algum nessa área. Claro que revisarei tudo, mencionando as revistas ou os anais onde estão e vi que tudo dá mais ou menos umas 160 páginas.

1. Qualificação profissional e código de ética do arquivista
2. Da gênese à função: o documento de arquivo como informação e testemunho
3. Constituição, dispersão e reintegração de fundos arquivísticos
4. A especificidade da informação arquivística
5. Arquivo e sociedade: políticas e ações voltadas para a cultura e para a educação.
6. Estratégias de capacitação de recursos humanos de arquivo.
7. O arquivista contemporâneo e o desafio da credibilidade
8. Os arquivos frente às novas tecnologias



9. O papel instrumental dos arquivos
10. Diplomática para quê.
11. Uma abordagem diplomática dos atos dispositivos normativos luso-brasileiros no século XVIII: as distintas formas de *intitulatio*
12. O documento público e o documento privado: um estudo de caso da diversidade do discurso em língua portuguesa do século XVIII

Conforme é possível notar, a versão final do livro, publicada com 37 textos e 477 páginas, é bem mais robusta do que a proposta inicial e foi sendo construída através de diálogos, não só meus com a autora, como também os dela com Ana Maria Camargo, que participou ativamente nas discussões sobre o título, seleção de textos, escolha de temas das seções, elaboração do prefácio, e assim por diante.

Em relação à correspondência acima, respondi nos seguintes termos, em 11 de fevereiro:

A estrutura proposta para o livro é magnífica. Segue anexa minha sugestão de textos para o livro. Em um resgate desta natureza, seus textos - além da dimensão intelectual formativa - são também importantes do ponto de vista da própria história da Arquivologia no Brasil, história que não será compreendida sem a leitura de sua inestimável contribuição. Também acho muito importante a inclusão dos textos de Diplomática [...]

Por favor, veja a lista anexa. Podemos retirar algum texto que não ache adequado (ou, é claro, incluir outros), mas seria muito importante recuperar o maior número possível de textos de sua autoria.

Embora nunca tenha afirmado explicitamente, Heloísa Bellotto parecia resistir à republicação de vários textos, por considerá-los "datados". Eu tentava demovê-la dessa posição, destacando que tais textos eram fundadores e sem o acesso a eles haveria uma compreensão parcial da história da Arquivologia no Brasil. Em meu levantamento constavam 52 títulos de artigos, capítulos de livros, comunicações, conferências e entrevistas, registrados na plataforma Lattes. Frente a esse levantamento, a autora responde em 14 de fevereiro:

[...] Já assinaiei, naquela lista, os artigos que não deverão mesmo constar da planejada coletânea e depois explicarei o porquê da eliminação de cada um deles. Uns vieram a formar capítulos do livro da Getúlio Vargas², outros porque são catálogos de documentos de arquivo, não interessaria nada aos interesses da "nossa" coletânea; e outros porque são diminutos,

² BELLOTTO, 2004.



quase que notícias, não valeria a pena. Fica tudo reduzido à metade, isso porque já fiz algumas concessões meio a contragosto. Pergunto o porquê de não constarem ali as conferências mais recentes ou comunicações a congressos que saíram em Anais. Vocês só viram a lista de artigos publicados no Lattes? Digo as conferências mais recentes, pois as mais antigas já deram origem a alguns dos artigos mencionados na sua lista [...]

Após informar que o levantamento de dados do currículo da plataforma Lattes estava incompleto, Heloísa Bellotto enviou uma listagem completa, com a indicação de 132 textos. Desse conjunto, ela e Ana Maria Camargo selecionaram o material final do livro. Além de revelar o intenso trabalho de pesquisa e de escrita, essa última listagem também mostra que suas contribuições na área de História são tão vastas quanto as da área de Arquivologia.

Tendo em vista os limites de páginas dessas notas, não é possível reproduzir todos os textos deste último levantamento. Porém, é possível reproduzir os que têm algum nexos com a Arquivologia, mas não foram incluídos no livro:

BELLOTTO, H. L. . Resenha. Viana, Hélio. São Paulo no Arquivo de Mateus. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 8, p. 113-115, 1970.

BELLOTTO, H. L. . Coleção Guerra do Paraguai de Jorge Tibiriçá Filho: levantamento analítico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 15, p. 113-164, 1974.

BELLOTTO, H. L. . Orientação para referenciação de documentos. **Revista de História** (USP), São Paulo, n. 99, p. 249-262, 1974.

BELLOTTO, H. L. . Resenha. Horch, Rosemarie E. . Catálogo dos folhetos da Coleção Barbosa Machado. **Revista de História** (USP), São Paulo, n. 52 (104), p. 1049-1050, 1975.

BELLOTTO, H. L. . Manuscritos da Coleção Lamego. **Mensário do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, n. 9(7), p. 8-10, 1978.

BELLOTTO, H. L. . Resenha. Bastos, Zenóbia Pereira. Organização de mapotecas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, n. 11(1,2), p. 11-12, 1978.

BELLOTTO, H. L. . Resenha. Arquivo municipal em catálogo. Catálogo geral dos manuscritos do Arquivo Municipal de São Paulo. **Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, n. 32 (11), p. 1589-1590, 1980.



Essa listagem reforça os argumentos apresentados na mensagem acima. “Arquivo: estudos e reflexões” excluiu os textos “diminutos, quase que notícias”, incluindo apenas o núcleo central da produção teórica da autora. Em 7 de maio de 2014, na Reitoria da UFMG, ocorreu com enorme sucesso o lançamento do livro. A Diretoria de Arquivos Institucionais-Diarq, que passou a patrocinar a coleção, organizou um ciclo de palestras que antecedeu à noite de autógrafos. Nesse evento registrou-se a presença de cerca de 200 pessoas. As vendas do lançamento foram consideradas pela Editora como as mais bem sucedidas de que se tinha notícias.

Essas breves notas registram a honrosa experiência de contribuir para a publicação do livro “Arquivo: estudos e reflexões”. Elas também são o reconhecimento de que essa obra clássica, que inaugurou a “Coleção Arquivo”, contou com a colaboração de várias pessoas. Elas formaram não apenas a base institucional que viabilizou tal iniciativa, como também representam uma rede de admiradores de Heloísa Liberalli Bellotto, que contribuíram no sentido de perenizar seus conhecimentos para as novas gerações.

Referências

BELLOTTO, Heoísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2004 [a 1ª edição foi publicada em São Paulo: TA Queiroz, 1991].

BELLOTTO, Heoísa Liberalli. O discreto fascínio da arquivologia: entrevista. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. 2008 Ano XLIV(2), 2008, p. 9-19. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/RAPM07A122008_entrevista.pdf Acesso em: 15 mai. 2023.

NORA, Pierre. Apresentação. In: CHAUNU, Pierre et al. **Ensaio de Ego-história**. Lisboa: Edições 70, 1989.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



ENTRE HISTÓRIA E ARQUIVOLOGIA: A OBRA DE HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Clarissa Schmidt¹ 

O sentido dos arquivos não muda. Continua a ser irrefutável o fato de que o documento de arquivo e o conjunto no qual se integra, denunciam de imediato sua origem funcional e institucional, demonstrando que sua proveniência e seu contexto de produção imprimem ao documento e ao conjunto verdadeiramente o seu caráter probatório e testemunhal. O sentido dos arquivos continua a ser evidenciado na sua especificidade, que reside justamente na natureza da dualidade prova/memória que cada um dos seus componentes documentais traz em seu âmago (Heloísa Liberalli Bellotto, XI Congresso de Arquivologia do Mercosul, São Paulo, 2015).

¹ Professora do Curso de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal Fluminense. E-mail: clarissaschmidt@id.uff.br



A produção intelectual de Heloísa Liberalli Belotto, além de ser um legado indelével para os campos da História e da Arquivologia, tem origem nas inúmeras atividades desenvolvidas no decorrer de sua atuação profissional. À vista disso, o sentido de sistematizarmos sua obra é justamente evidenciar e lembrar suas múltiplas contribuições.

Destaca-se que a produção aqui apresentada é aquela que está publicada e não representa a totalidade de seus trabalhos. Paralelamente, é importante pontuar que optamos por não distinguir ou separar o que é de cada área, qual seja História e Arquivologia, já que há pontes entre ambas no pensamento de Heloísa. Por fim, ressaltamos que organizamos as informações por categorias identificadas em currículos de Bellotto², sendo: livros; capítulos de livros; prefácios, apresentações e introduções de livros; artigos; resenhas e/ou comentários bibliográficos; verbetes em obras de referências; entrevistas concedidas; traduções e revisões técnicas de traduções; comunicações apresentadas em eventos científicos.

BIOGRAFIA PROFISSIONAL

Licenciada em História pela Universidade de São Paulo, onde se doutorou em História Econômica, bacharel em Biblioteconomia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Fez especialização em Arquivística na *Escuela de Documentalistas* da Espanha e seguiu cursos de aperfeiçoamento na mesma área nos *Archives Nationales* da França e no *National Archives* dos Estados Unidos. Orientou mestrados e doutorados no Curso de Pós-Graduação em História Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Foi consultora científica e pesquisadora do *Projeto Resgate de Documentação Histórica* do Ministério da Cultura/Ministério das Relações Exteriores do Brasil e do Arquivo Histórico Ultramarino do Ministério de Ciência e Tecnologia de Portugal. Neste Projeto, uma equipe luso-brasileira analisou, descreveu, fez microfilmar e editar em CD-ROMs e publicou catálogos sobre os documentos

² Disponível em: <https://wiki.blablalab.net/pt/index.php?title=Heloísa_Bellotto>. Acesso em: jun, 2023; e <<http://lattes.cnpq.br/0520024683403735>>. Acesso em: jun, 2023.



respeitantes ao Brasil existentes naquele arquivo português (1998-2012). Participou como membro da Comissão Executiva da implantação do Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo (SAUSP), prestou consultoria à Comissão Executiva do Sistema Estadual de Arquivos (SAESP), coordenado pelo Arquivo do Estado. Implantou e foi professora de várias disciplinas e primeira coordenadora do *Curso de Especialização em Organização de Arquivos* do Instituto de Estudos Brasileiros e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Implantou e foi professora e a primeira coordenadora do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília e também lecionou no Curso de Arquivologia da Universidade do Rio de Janeiro e no da Universidade de Lisboa, Portugal. Foi professora na *Maestría Anual* en Gestión de Documentos y Administración de Archivos da Universidade Internacional de Andaluzia, La Rábida (Huelva), Espanha. Lecionou como professora concursada História Geral e do Brasil na rede estadual do ensino médio (SP). Lecionou no ensino superior, de forma sistemática, na Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, SP (História); na Universidade de São Paulo (Biblioteconomia); na Universidade de Brasília (Arquivologia). Também ministrou cursos de curta duração, pronunciando conferências e apresentado comunicações a congressos em universidades e instituições arquivísticas e de pesquisa nas áreas de História, Biblioteconomia e, principalmente, de Arquivologia, em quase todos os estados brasileiros, em Portugal, Espanha, Angola, Cuba, Paraguai, Peru, Uruguai e Argentina. Foi pesquisadora/historiógrafa do Setor de História do Brasil no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo durante 20 anos. Recebeu bolsas e/ ou auxílios da Organização dos Estados Americanos (OEA); do Ministério da Educação de Portugal e da Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal), da Fundação VITAE (São Paulo), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPQ) para realizar estudos e pesquisas em diferentes épocas de sua vida profissional. Participou de bancas de mestrado, doutorado e de concursos públicos para admissão de professores universitários e de arquivistas. Foi membro do Conselho Editorial de revistas de universidades e de arquivos públicos. Publicou livros, artigos, capítulos em coletâneas, prefácios, resenhas bibliográficas, e verbetes em dicionários e enciclopédias. Participou de congressos e seminários



nacionais e internacionais na área de História, Biblioteconomia e de Arquivologia. Organizou arquivos e deu consultoria a projetos de Arquivística e de História do Brasil em várias instituições públicas e privadas. Foi membro de várias associações de classe. Recebeu o Prêmio *Clio* de História (SP) e a Medalha de *Honra ao Mérito Arquivístico* do Arquivo Nacional brasileiro (RJ), assim como várias placas de prata e homenagens de arquivos e entidades de classe.

PRODUÇÃO INTELECTUAL

LIVROS

- 1979** *Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo, 1765-1775.* São Paulo: Secretaria de Cultura, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979 (Textos e documentos, 36). 364p.
- 1983** *Inventário analítico dos manuscritos da Coleção Lamego.* Em colaboração com Arlinda Rocha Nogueira e Lucy Maffei Hutter. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1983. 2v. 815p.
- 1990** *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística.* Em colaboração. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros - Núcleo Regional de São Paulo / CENADEM, 1990. 163p.
- 1991** *Arquivos Permanentes: tratamento documental.* 1ª. ed. São Paulo: TA Queiroz, 1991. 198p.
- 1996** *Dicionário de Terminologia Arquivística.* Em colaboração com Ana Maria de Almeida Camargo. São Paulo: AAB/Núcleo Regional de São Paulo, Secretaria de Cultura, 1996. 142p.
- 2000** *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo. Catálogo I (1644-1830).* Em colaboração com Gilson Matos Reis. Coordenação de José Jobson de Andrade Arruda. São Paulo: FAPESP/EDUSC, 2000.316p.
- 2002** *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo. Catálogo II: Mendes Gouveia (1644-1830).* Revisão, atualização e resumo em colaboração



- com Gilson Matos Reis. Coordenação de José Jobson de Andrade Arruda. São Paulo, FAPESP/EDUSC, 2002. 804p.
- Arquivística: objetos, princípios e rumos*. 1ª ed. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002. 41p.
- Catálogo dos documentos da Colônia do Sacramento e Rio da Prata*. Em colaboração. Organização de Helen Osório. Porto Alegre/Rio de Janeiro: IFCH/UFR/Nórdica, 2002. 375p.
- Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo. Catálogo II: Mendes Gouveia (1644-1830)*. Revisão, atualização e resumo em colaboração com Gilson Matos Reis. Coordenação de José Jobson de Andrade Arruda. São Paulo, FAPESP/EDUSC, 2002. 804p.
- Como fazer análise diplomática e análise tipológica em documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2002. 120p. (Série Como Fazer, 8).
- 2003** *Catálogo dos manuscritos da Coleção Alberto Lamago*. Em colaboração com Arlinda Rocha Nogueira e Lucy Maffei Hutter. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 2003. 295p.
- 2004** *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 2ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2004. 320 p.
- 2005** *Archivística, arquivos y documentos*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2005. 32p.
- Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005. 318 p.
- 2006** *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006. 318 p.
- 2007** *Nem o tempo nem a distância: correspondência entre o Morgado de Mateus e sua mulher, D. Leonor de Portugal (1757-1798)*. Lisboa: Editora Aletheia, 2007. 473 p.
- Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo (1765-1775)*. 2ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Editora Alameda, 2007. 340p.



Arquivos Permanentes: tratamento documental. 4ª edição. 1ª e 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2007. 318 p.

2008 *Diplomática e Tipologia Documental em Arquivos*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 106p.

Arquivos Permanentes: tratamento documental. 4ª edição. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2008. 318 p.

2009 *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 4ª edição. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2009. 318 p.

2011 *Catálogo dos documentos manuscritos avulsos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa/IICT/Portugal (1581-1834) referentes à Ultramar, Serviços de Partes, Visita do Ouro, Contratos do Sal, Brasil-Geral*, em colaboração com Érika Simone Almeida Carlos Dias. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, 2011. 623 p.

2014 *Arquivo: estudos e reflexões*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. 477p.

No prelo *Catálogo dos documentos da Coleção Província Cisplatina*, em colaboração com Odete Ernestina Pereira. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo (no prelo).

CAPÍTULOS DE LIVROS

1986 O Estado português no Brasil: sistema administrativo e fiscal. In: *O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*. Coord. Maria Beatriz Nizza da Silva. Lisboa: Estampa, 1986. p. 261-300.

1989 Arquivos de São Paulo. In: *Roteiro de Fontes da História Portuguesa Contemporânea*. Coord. Joel Serrão. Dir. Maria Beatriz Nizza da Silva. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989. p. 245-267. v. IV, em colaboração com Nanci Leonzo.

1991 Los lineamientos de la función archivística en los archivos permanentes. In: *Archivística*. Coord. César Gutiérrez Muñoz. Lima: Universidad Católica del Perú, 1991. p. 99-105.



- As fronteiras da documentação. In: *A sistematização dos arquivos públicos*. Coord. Ataliba Teixeira de Castilho. Campinas: UNICAMP, 1991. p. 25-35.
- Identificação de fundos. In: *A sistematização dos arquivos públicos*. Coord. Ataliba Teixeira de Castilho. Campinas: UNICAMP, 1991. p. 63-70.
- 2000** Glossário das espécies documentais. In: *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (Catálogo I, 1644-1830)*. Coord.: José Jobson de Andrade Arruda. São Paulo: FAPESP/EDUSC, 2000, v. I, p.305-316.
- 2002** Glossário das espécies documentais. In: *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (Catálogo II, 1644-1830)*. Coord.: José Jobson de Andrade Arruda. São Paulo: FAPESP/EDUSC, 2002, v. II, p.789-804.
- 2003** Política indigenista no Brasil colonial (1570-1758). In: *A presença de Castello*. Coord. de Edilene Matos et alii. São Paulo: Humanitas, 2003. p.339-352.
- 2005** Vicenta Cortés y el check-up de Cervantes. In: *Tributo a Vicenta Cortés Alonso*. Lima: Fondo Pro-Archivo, 2005, v. I, p.17-19.
- 2006** Arquivo e sociedade: políticas e ações voltadas para a cultura e para a educação. In: *Memória da saúde: desafios e possibilidades do trabalho em arquivos e museus*. Coord.: Antônio Carlos Duarte de Carvalho. Ribeirão Preto, FUNCEP-RP, 2006, p.41-52.
- 2007** Atos dispositivos normativos luso-brasileiros no século XVIII: as distintas formas de *intitulatio*. In: *Paleografia e Diplomática*. Coord. de Eneida Isabel Richter. Obra comemorativa dos 30 anos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Santa Maria: UFSM, 2007.p. 123-134.
- 2008** Reflexões sobre os arquivistas brasileiros: do grande encontro à atualidade. In: *Arquivologia. Sua trajetória no Brasil*. Astréa de Moares e Castro. Brasília: Ed. Stilo, 2008, p. 238-243.
- 2010** Razões de Estado: a extinção e os primórdios da Restauração da Capitania de São Paulo (1748-1755). In: *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. Coord. Nilo Odália e João Ricardo Caldeira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado / UNESP, 2010, v. 1, p. 105-133.



A função social dos arquivos e o patrimônio documental. In: *Tempo, memória e patrimônio cultural*. Coord. Áurea da Paz Pinheiro e Sandra, C. A. Pelegrini. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 73-84.

Da gênese à função: o documento de arquivo como prova e testemunho. In: *Documento: gênese e contextos de uso*. Orgs. Lídia Silva de Freitas, Carlos Henrique Marcondes e Ana Célia Rodrigues. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010, p. 161-174.

2012 As especificidades semânticas e genéticas do documento de arquivo. In: *Filologia, críticas e processos de criação*. Coord. Célia Marques Telles e Rosa Borges dos Santos. 1ed. Curitiba: Appris, 2012, p. 107-117.

2013 Constituição, dispersão e reintegração de fundos arquivísticos. In: *Seminários de saberes arquivísticos: reflexões e diálogos para formação do arquivista*. Coord. Eliete Correa dos Santos e Francinete Fernandes de Sousa. Curitiba, Ed. Appris, 2013. p. 121-136 (Coleção Arquivologia, Documentação e Ciência da Informação).

2015 Uma base terminológica consensual: limites e possibilidades. In: *Dar nome aos documentos: da teoria à prática*. Coord. Ana Maria de Almeida Camargo et alii. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015, p. 272-284.

Archivística, archivos y documentos. In: *Archivos & Documentos: textos seminales*. Coord. Ana Célia Navarro de Andrade. 1ed. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2015, p. 3-4.

PREFÁCIOS, APRESENTAÇÕES E INTRODUÇÕES DE LIVROS

1970 *Catálogo da Exposição sobre o Recôncavo Baiano*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1970 (Introdução, em colaboração).

1984 *Catálogo das publicações do Arquivo do Estado*. São Paulo, Arquivo do Estado, 1984 (Prefácio, p. 5-9).

Inventário analítico do Arquivo João Martins da Silva. Belém, CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1984 (Introdução, p. 11-16).



- 1987** *Inventário analítico do Fundo Rudolf Schuller*. Belém, CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987 (Introdução, p. 11-15).
- 1988** *Repertório de fontes sobre escravidão: Posturas*. Arquivo Municipal de Salvador, 1988 (Prefácio, p. 13-15).
- 1994** *Catálogo de depoimentos orais*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1994 (Prefácio, p.13-15).
Arquivos: uma questão de ordem, de José Pedro Esposel. Rio de Janeiro, Muiiraquitã, 1994 (Prefácio, p.13-18).
- 1996** *Atendimento a usuários de arquivos públicos: algumas reflexões e a experiência do ArGDF*, de Marco Aurélio de Lemos Santos. Brasília, Arquivo Público, 1996 (Apresentação, p. 3 -4).
- 1997** *Gestão da informação*, de Luís Carlos Lopes. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997 (Prefácio, p.13-17).
- 1999** *A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo*, de Carol Couture, Jocelyne Martineau e Daniel Ducharme, tradução de Luís Carlos Lopes. Brasília, Finatec, 1999 (Prefácio, p. 7-12).
- 2000** *A nova arquivística na modernização administrativa*, de Luís Carlos Lopes. Rio de Janeiro, Papéis e Sistemas Assessoria Ltda., 2000 (Prefácio, p.9-15).
Catálogo do Arquivo de Mateus. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2000 (Prefácio, p 11-20).
- 2002** *Inventário de fontes documentais: contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo*. Org. por Carmen Sylvia Vidigal Moraes e Julia Falivene Alves. São Paulo, Centro Paula Souza, 2002 (Prefácio, p. 9-13).
- 2005** *Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização*, de Paulo Elian dos Santos. São Paulo, Associação de Arquivistas de São Paulo, 2005 (Prefácio, p. 7-9).
- 2007** *A Vila de São Paulo de Piratininga: fundação e representação*, de Cylaine Maria das Neves. São Paulo, Editora Annablume, 2007 (Prefácio, p.15-16).



Anais do II Encontro Nacional da Memória da Justiça do Trabalho. Campinas, Tribunal Regional do Trabalho, 15^a. Região. Centro de Memória, Arquivo e Cultura, 2007 (Apresentação, p.9-10).

2008 *Noções de Paleografia e Diplomática*, de Ana Regina Berwanger e João Eurípedes Franklin Leal. Santa Maria, Editora UFMS, 2008 (Prefácio, p. 9-10).

2013 *Método e Arte: urbanização e formação territorial na capitania de São Paulo (1765-1811)*, de Maria Fernanda Derntl. São Paulo, Ed. Alameda, 2013 (Texto da contracapa).

2014 *O legado dos Congressos Brasileiros de Arquivologia (1972-2000)*, de Mariza Bottino. Rio de Janeiro: FGV, 2014. (Prefácio, p. 11-14).

História da arquivologia no Brasil: instituições, associativismo e produção científica, de Angélica Alves da Cunha Marques, Georgete Medleg Rodrigues e Paulo Roberto Elían dos Santos, orgs. Rio de Janeiro, Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2014 (Prefácio, p. 9-13).

2015 *Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil*, de Maria Teresa Navarro de Britto Matos et alii. Salvador: EDUFBA, 2015. (Prefácio, p. 9-10).

Bandos do Ceará: historicidade social, discursiva e documental (1670-1832), de Cinthya da Silva Martins. Curitiba, Appis Editora, 2015. (Prefácio, p. 11-13).

2017 *A Câmara dos Deputados e a arquivística brasileira (1970-2000)*, de Vanderlei Batista dos Santos (organizador). - Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. (Prefácio, p. 15-24).

Estância Climática de Campos do Jordão: sanatórios e pensões na luta contra a tuberculose, de Ana Eneidi Prince. Taubaté, Editora e Livraria Dom Cabral, 2017. (Série Tuberculose e História, v.3) (Prefácio, p. 25-29).

O arquivo e o lugar: custódia arquivística e a responsabilidade pela proteção aos arquivos, de Margareth da Silva. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017. 280p. (série Nova Biblioteca, 17) (Orelha da capa).

2023 *Manual de Comunicação Oficial do Governo do Distrito Federal*. Coord. Por Eliane Silva de Oliveira, Mariana Cristina Resende. Brasília: Secretaria de Estado



de Planejamento, Orçamento e Administração do Distrito Federal, 2023 (Prefácio, p. 5-6).

ARTIGOS

- 1965** Em ritmo de Biblioteca. *Jornal A Voz da Terra*. Assis. Oito artigos, publicados entre outubro de 1965 e janeiro de 1966: 1. Portas dentro; 2. Aquisição do material; 3. Incorporação ao acervo; 4. A catalogação e o arranjo; 5. O acervo da biblioteca; 6. O uso da biblioteca; 7. Biblioteca circulante e biblioteca volante; 8. O sentido da biblioteca pública.
- 1966** Introdução ao misticismo grego: origem e natureza do culto de Dionísio, *Revista de Letras*, Assis, 8-9:136-47, 1966.
- 1970** Normalização de referências bibliográficas e uso das notas de rodapé em monografias e teses acadêmicas (ed. mimeografada). São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.
- 1972** Normalização de referências bibliográficas (mimeografada). Assis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.
- 1973** Computador e História Política: uma experiência metodológica em nível de pós-graduação. Em colaboração com Fernanda Pacca de Almeida Wright e Regina de Mello. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 301:33-47, out./dez. 1973.
- 1974** Coleção Guerra do Paraguai de Jorge Tibiriçá Filho: levantamento analítico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 15:113-164, 1974.
Orientação para referenciação de documentos. *Revista de História*, São Paulo, 99:249-62, 1974.
- 1975** Povoamento e colonização no Vale do Paranapanema durante o governo Jorge Tibiriçá, 1904-1908. *Anais de História*, Assis, 7:31-47, 1975.
- 1978** Manuscritos da Coleção Lamego. *Mensário do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, 9(7):8-10, 1978.



Problemática atual dos arquivos particulares. *Revista Arquivo e Administração*, Rio de Janeiro, 6(1):5-9, abr.1978.

A Capitania de São Paulo na política de D. João V. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Cultura, 10.12.1978.

Arquivos, Bibliotecas e Centros de Documentação: da convergência de objetivos à diversidade da documentação e do processamento técnico. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, 11(3,4):169-75, jul./dez.1978.

1979 O Morgado de Mateus Governador de São Paulo. Sep. do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, no especial em homenagem a Jorge Peixoto, Coimbra, 34, 2ª parte:6-69,1979.

O Presídio do Iguatemi: função e circunstâncias, 1767-1777. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, 21:33-56, 1979.

1980 Assistência educativa em arquivos. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 193:9-24, 1980.

1981 As coordenadas da função arquivística em arquivos permanentes. *Boletim Histórico e Informativo do Arquivo do Estado de São Paulo*, São Paulo, 2(3):85-94, set./dez. 1981.

1982 Arquivos, bibliotecas e museus: fronteiras definidas. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 1:5-11, jan.1982.

Tipologia documental em arquivística. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 195:9-17, 1982.

A dinâmica do livro na universidade medieval. *Revista Comunicações e Artes*, São Paulo, 11:1-11, 1982.

Trabalho indígena, regalismo e colonização no Estado do Maranhão nos séculos XVII e XVIII. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2(4):177-192, set. 1982.

O Marquês de Pombal no bicentenário de sua morte (1782-1982). *Arquivo: Boletim Histórico e Informativo*, São Paulo, 3(4):137-40, out./dez. 1982.



- 1983** Antecedentes da política pombalina para a Capitania de São Paulo. *Leopoldianum* (Unisantos), Santos: 10(28):51-60, ago. 1983.
A administração pública e a preservação de arquivos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 dez. 1983, p.3.
A economia na política militar e nos critérios de administração do Morgado de Mateus (1765-1775). *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 13 (número especial), p.813-824, 1983.
- 1984** As fronteiras da documentação. *Cadernos FUNDAP*. São Paulo, 4(8):12-16, abr. 1984.
Identificação de fundos. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 6:28-35, jul. 1984.
Elaboração de guias de arquivo. *Arquivo: Boletim Histórico e Informativo*. São Paulo, 3(3):81-89, jul./set. 1984.
- 1985** Direito à História: a questão da microfilmagem de arquivos coloniais. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 37(6):943-946, jun.1985.
Bibliografia analítica básica para Historia del Brasil. *Historiografia y Bibliografia Americanistas*, Sevilla, 29(2):167-207, 1985 (em colaboração).
- 1986** Arquivos permanentes: a ordenação interna dos fundos. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 5(1):4-15, jan. 1986.
Desafio arquivístico em discussão: o X Congresso Internacional de Arquivos. *Arquivística*. Belo Horizonte, 5(8):1-2, 1o sem. 1986 (Supl. esp. *O Lutador*).
Arquivos para a Administração e para a História. *Ágora*, Florianópolis, 2(3):10-13, jul.1986.
- 1987** Descrição: processo e instrumentos(I). *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 6(1):8-30, jan. 1987.
Descrição: processo e instrumentos (II). *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 6(2):40-49, jul.1987.
A administração pública e a preservação de arquivos. *Boletim Informativo do Arquivo Público do Maranhão*, São Luís, 1:11-13, jul./dez. 1987.
- 1988** Política de descrição documental. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 7(2): 24-30, jul. 1988.



- Um patrimônio a ser explorado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 nov. 1988. Suplemento Cultura, 7(345):p.5.
- Política indigenista no Brasil colonial (1570-1757). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 29:49-60, 1988.
- Descrição sumária: solução de acesso. *Arquivo: Boletim Histórico e Informativo*. São Paulo, 9(2): 65-71, jul./dez. 1988.
- 1989** O sentido da descrição documental. *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, Campinas, 1(1):7-10, jan./jun. 1989.
- Arquivologia: objetivos e objetos. *Arquivo: Boletim Histórico e Informativo*. São Paulo, 10(2): 81-83, jul./dez. 1989.
- Tipologia documental em arquivos. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. Lisboa, 2:9-20, 1989.
- Avaliação, seleção e descarte de documentos de arquivo. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Lisboa, 2:39-46, 1989.
- Universidade e Arquivos: perfil, história e convergência. *Transinformação*, Campinas, 1(3):15-28, set./dez.1989.
- 1990** Tipologia documental em arquivos: novas abordagens. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 17: 4-15, jan. 1990.
- Formação profissional e ensino arquivístico. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 18: 37-48, jul.1990.
- Arquivos públicos: avaliação e eliminação de documentos. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 42(10):745-749, out. 1990.
- 1991** A profissão do arquivista na era da informação. *Boletim do Núcleo da AAB*. São Paulo, 8: maio/ago. 1991, p. 1-5.
- O exercício da memória. *Jornal A Crítica*. Manaus, 26 out. 1991. Seção Cultural, p. 2.
- 1992** Archivo y universidad: puntos de convergencia. *Boletín de la Comisión de Archivos Universitarios*, Lima, 2: jan.1992 p. 2.



- Presença do Brasil no Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa: catálogo seletivo da Série Azul. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 33:165-189, 1992.
- A profissão e o ensino da Arquivologia. *Boletim do Arquivo*. São Paulo, 1(1):11-18, dez. 1992.
- 1994** Patrimônio cultural, arquivo e universidade. *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, Campinas, 6(11): 11-18, jan. jun. 1994.
- 1995** O historiador e os arquivos empresariais. *Informativo Hora H*, São Paulo 1(3 e 4: ago./set. 1995.
- 1996** A importância do arquivo público municipal. *Boletim do Arquivo Histórico de Joinville*, Joinville, 14:31-32, jun. 1996.
- O florescimento de um instituto. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 de julho de 1996 (Caderno Mais, p.10).
- A imagem do arquivista na sociedade e o ensino da Arquivologia. *Arquivo & História*, Rio de Janeiro, 2: 7-16, out. 1996.
- 1998** Informação e documento arquivístico. *Revista D'ART*, Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 2:52-55,1998.
- A especificidade da informação arquivística. *Contracampo; revista do mestrado em comunicação, imagem e informação*. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2: 21-29, jan./jun. 1998.
- Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 11(21): 201-207, 1998.
- 1999** Diplomática luso-brasileira do século XVIII: tipologia dos documentos ascendentes e descendentes. *Páginas: arquivos e bibliotecas*. Lisboa, Portugal, 3:19-39, 1999.
- Estudo diplomático da Consulta do Conselho Ultramarino sobre o Regimento das Casas de Fundação das Minas. *Varia História*, Belo Horizonte, 21: 274-294, jul. 1999 (Número especial: Códice Costa Matoso).



- 2000** Patrimônio documental e ação educativa nos arquivos. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, 27: 151-166, jan./jun. 2000.
- 2002** Os desafios da formação profissional dos modernos arquivistas. *Cenário Arquivístico*, Brasília, 1(1): 47-52, jan./jul. 2002.
- Política de ação cultural e educativa nos arquivos municipais. *Registro*, Indaiatuba, 1(1): 14-27, julho, 2002.
- Documento de arquivo e sociedade. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, 31: 167-175, jan./jun. 2002.
- A dinâmica das Monções na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Ethnos*, São Paulo, UNESP, 1(2): 69-82, set. 2002 (número intitulado Cultura e Sociedade, dedicado à obra de Sérgio Buarque de Holanda).
- Raro privilégio: homenagem a Sérgio Buarque de Holanda. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, 34(187): out./dez. 2002 (número dedicado à obra de Sérgio Buarque de Holanda).
- O espaço da diplomática no ensino da arquivologia. *Caderno de Arquivologia*, Santa Maria, 1:138-155, 2002.
- El espacio de la diplomática en la enseñanza de la archivología. *Cenário Arquivístico*, Brasília, 1(2): 9-14, jul./dez. 2002.
- 2003** Biblioteca de apoio em arquivos. *Arquivo Rio Claro: revista do Arquivo do Município de Rio Claro*, 1: 18-36, 2003.
- 2007** A terminologia nas áreas do saber e do fazer: o caso da arquivística. *Acervo*, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 20 (1,2): 47-56, jan./dez. 2007.
- Pertinência e permanência dos princípios arquivísticos na era digital. *Revista do Arquivo Histórico de Joinville*, Joinville, SC, 1(1): 13-29, 2007.
- Capitania de São Paulo [no Projeto Resgate]: glossário das espécies documentais e explicação metodológica (com Gilson Matos Reis). *Revista História Digital*, Brasília, 1(1): 93-123, 2007.
- 2008** A História do Historiador: O dia a dia de um governador colonial. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 3(36): 98, 2008.



- O documento público e o documento privado: um estudo de caso do discurso em língua portuguesa do século XVIII. *Revista Philologica*. (formato eletrônico) Universidade Federal de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 4:316-326, 2008.
- Qualificação profissional e código de ética do arquivista. *Registro* (Indaiatuba), 7: 7-215, 2008.
- 2009** La situación actual de los archivos en Brasil. *Documento em Revista*, 1:13-16, 2009.
- 2011** El papel instrumental de los archivos y la actuación de sus profesionales. *Revista del Archivo Nacional de Costa Rica*, 1:9-17, 2011.
- O Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco: acesso às fontes da História do Brasil existentes no exterior. Dossiê História Colonial. *CLIO. Série História do Nordeste* (UFPE), 1:1-1, 2011. (Em colaboração com *Esther Caldas Bertoletti e Erika Simone de Almeida Carlos Dias*).
- 2012** O papel instrumental dos arquivos e as qualidades profissionais do arquivista. *Revista Ágora*, Florianópolis, 22(44): 5-18, 2012.
- 2015** Itinerário documental do Morgado de Mateus. *Revista do Arquivo*, São Paulo, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 1(1):out. 2015.
- 2016** A Diplomática como chave da teoria arquivística. *Archeion Online*, 3:1, 2016.
- Questões diplomáticas e arquivísticas na prática burocrática luso-brasileira do século XVIII: o caso da visita do ouro. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 29:271-290-290, 2016.
- 2018** Concepto de especie documental como antecedente al tipo en la teoría archivística. *Boletín de la ANABAD*, v. LXVIII, p. 446-456, 2018.
- 2020** A Diplomática na formação do historiador. *Revista de Fontes*, 7(13): 40-54, 2020.
- 2022** O entendimento da espécie e do tipo documentais na teoria e na prática arquivísticas. *OFFICINA - Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo*, São Paulo, 1(1):09-16, 2022.



RESENHAS E/OU COMENTÁRIOS BIBLIOGRÁFICOS

- 1964** Sidney, Spencer. *Mysticism in World Religion*. Resenha. *Revista de Letras, Assis*, 6:161-4, 1964.
- Décarreaux, Jean. *Les moines et la civilisation en Occident*. Resenha. *Revista de Letras, Assis*, 6:164-5, 1964.
- 1967** Lloyd-Jones, Hugh. *O mundo grego*. Resenha. *Revista de Letras, Assis*, 10:202-3, 1967.
- 1970** Carrato, José Ferreira. *Igreja, iluminismo e escolas mineiras coloniais*. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo*, 8:109-10, 1970.
- Viana, Hélio. *São Paulo no Arquivo de Mateus*. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo*, 8:113-5, 1970.
- Leite, Myriam Moreira. *O ensino da história no primário e no ginásio*. Resenha. *Anais de História, Assis*, 2:161-65, 1970.
- 1971** Salomon, Décio Vieira. *Como fazer uma monografia; elementos de metodologia do trabalho científico*. Resenha. *Anais de História, Assis*, 3:183-88, 1971.
- 1972** Dean, Warren. *The industrialization of São Paulo: 1880-1945*. Comentário Bibliográfico. *Anais de História, Assis*, 4:193, 1972.
- Bastide, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. Comentário Bibliográfico. *Anais de História, Assis*, 4:194, 1972.
- 1973** Camargo, Josué. *Conheça a pré-história brasileira*. Comentário Bibliográfico. *Anais de História, Assis*, 5:270, 1973.
- 1974** Maxwell, Kenneth R. *Conflicts and conspiracies: Brazil and Portugal, 1750-1808*. Comentário Bibliográfico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo*, 15: 106, 1974.
- 1975** Mendonça, Marcos Carneiro de. *Raízes da formação administrativa do Brasil*. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo*, 16: 87-8, 1975.
- Horch, Rosemarie E. *Catálogo dos folhetos da Coleção Barbosa Machado*. Resenha. *Revista de História, São Paulo*, 52(104): 1049-50, 1975.



- 1976** Alden, Dauril. Colonial roots of modern Brazil. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 18: 95-6, 1976.
- Leite, Beatriz Westin de Cerqueira. Região bragantina: estudo econômico-social, 1653-1836. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 18: 102-3, 1976.
- 1977** Schwartz, Stuart. Sovereignty and society in colonial Brazil: the High Court of Bahia and its judges, 1609-1751. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 19: 102-3, 1977.
- 1978** Nova metodologia para a história econômica (Comentários à coletânea organizada por C.M. Peláez e Mircea Buescu). *Anais de História*, Assis, 10: 229-34, 1978.
- Bastos, Zenóbia Pereira. Organização de mapotecas. Resenha. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, 11(1,2): 11-2, jan./jul. 1978.
- Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais. Bibliografia de Dom Pedro II e sua época. Resenha. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, 11(3,4): 242-3, jul./dez. 1978.
- Matos, Odilon N. de. Afonso de Taunay, historiador de São Paulo / Ellis, Myriam e Horch, Rosemarie. Afonso d' Escragnolle Taunay no centenário do seu nascimento. Resenha. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, 11(3,4): 243-4, jul./dez. 1978.
- 1979** Mello, Evaldo Cabral de. Invasão holandesa e açúcar pernambucano. Resenha. Olinda restaurada, 1630-1654. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 31(5): 584-5, maio 1979.
- Maxwell, Kenneth. Conflitos e conspirações. Devassa da devassa. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 31(1): 105-6, jan. 1979.
- Solano, Francisco. Dinâmica do processo urbano na América Latina. Resenha.ed. Estudios sobre la ciudad iberoamericana. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 31(5): 589-91, maio 1979.



- Ribeiro Júnior, José. Política mercantilista do século XVIII em Pernambuco. Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 31(7): 820-1, jul. 1979.
- Alden, Dauril e Dean, Warren. Essays concerning the social economic history of Brazil and Portuguese India. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 21: 103-5, 1979.
- Patte, Geneviève. Laissez-le lire. Resenha. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, 12(3,4): 311-3, jul./dez. 1979.
- 1980** Macedo, Jorge Borges de. O real como essência de Os Lusíadas. Os Lusíadas e a História. Resenha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultural, 13 de abril de 1980.
- Costa, Iraci del Nero. Ouro Preto no tempo da mineração. Vila Rica: população. Resenha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultural, 9 de março de 1980.
- Alden, Dauril e Dean, Warren. Ensaio brasilianistas. Essays concerning the social economic history of Brazil and Portuguese India. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 32(7): 983-5, 1980.
- Mota, Carlos Guilherme. Formas de pensamento em situação colonial. Idéia de revolução no Brasil, 1789-1901. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 32(8): 1141-2, ago. 1980.
- Testemunhos sobre Santa Catarina antiga. Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 32(9): 1289-9, set. 1980.
- Por uma sistemática arquivística: marginalia à obra de Vicenta Cortés. Resenha. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, 8(2): 7-8, maio/ago. 1980.
- Schwartz, Stuart. Panegírico fúnebre como fonte histórica. A governor and his image in baroque Brazil. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 32(10): 1430-32, out. 1980.



- Documentação municipal em catálogo. Catálogo geral dos manuscritos do Arquivo Municipal de São Paulo. Resenha. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, 8(3): 12-3, set./dez. 1980.
- Arquivo municipal em catálogo. Catálogo geral dos manuscritos do Arquivo Municipal de São Paulo. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 32(11): 1589-90, nov. 1980.
- Pinto, Virgílio Noya. O Brasil colonial na economia atlântica. O Ouro brasileiro e o comércio anglo-português. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 32(12): 1711-3, dez. 1980.
- 1981** Novais, Fernando A. Crise e descolonização. Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808). Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 33(10): 1408-10, out. 1981 e *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 23: 1981.
- Contier, Arnaldo Daraya. Vocabulário político no século XIX. Imprensa e ideologia em São Paulo. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 33(11): 1544-5, nov. 1981 e *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 23: 1981.
- Morais, Rubens Borba de. Difusão cultural no Brasil. Livros e bibliotecas no Brasil colonial. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 33(12): 1680-1, dez. 1981.
- Marx, Murilo. Evolução urbana. Cidade brasileira. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 33(12): 1681-3, 1981.
- Carvalho, Laerte. As reformas pombalinas da instrução pública. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 23: 126-7, 1981.
- 1982** Luna, Francisco Vidal. Minas setecentista. Minas Gerais: escravos e senhores. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 34(1): 116-7, jan. 1982.
- 1983** Cortés Alonso, Vicenta. Para organizar a gestão e memória municipais. Manual de arquivos municipais. Resenha. *Boletim do Arquivo Histórico de Rio Claro*, Rio Claro, 4: 24-9, jul. 1983.



- 1984** Terra, Ruth Lemos Brito. Literatura de folhetos. Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste, 1893 a 1930. Resenha. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 6 de maio de 1984.
- Colombo, Cristóvão. A descoberta da América. Diários da descoberta da América. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 7(21): p.11,5 de agosto de 1984.
- Estrutura e dinâmica da escravidão. Economia escravista brasileira. Resenha. Número especial da Revista Estudos Econômicos. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 36(9): 1657-8, set. 1984.
- Terra, Ruth Brito Lemos. Cultural popular na República Velha. Memória de lutas. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 36(10): 1861-2, out. 1984.
- Horch, Hans. Francisco Adolpho Vanhargen. Historiografia em bibliografia textual. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 36(11): 2089-90, nov. 1984.
- Vespúcio, Américo. Relatos de viagens de Vespúcio. Novo Mundo. Cartas de viagens e descobertas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 4(243): p.11, 10 de fevereiro de 1984.
- Mendonça, Marcos Carneiro de. D. João VI e o Império do Brasil: a Independência e a Missão Rio Maior. Resenha. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo, 2: 118-9, 1984-85.
- 1985** Pigafetta, Antonio. Superando a fantasia. A primeira viagem ao redor do mundo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5(268): p.10, 4 de abril de 1985.
- Polo, Marco. O Livro das Maravilhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5 (277): p:10, 6 de outubro de 1985.
- 1986** Witter, Geraldina Porto. Desenho industrial: uma perspectiva educacional. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Cultura, 5(293):p.11, 26 de janeiro de 1986.
- Batista Filho, Jonatas. Nacionalismo místico. Santa Joana. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5(295): p.11, 9 de fevereiro de 1986.
- Almino, João. Era uma vez uma Constituinte. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5(296): p.11, 16 de fevereiro de 1986.



- Castro, Silvio de. A carta de Pero Vaz de Caminha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5(298): p.11, 2 de março de 1986.
- Federalismo e Farrapos. Revolução Farroupilha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5(302): p.10, 30 de março de 1986.
- Barros Filho, Edgard. Tiradentes. Resenha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5(306): p.11, 27 de abril de 1986.
- Tuchman, Barbara. A marcha da insensatez: de Tróia ao Vietnã. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 5(312): p.9, 7 de junho de 1986.
- Infantosi, Ana Maria. A escola na República Velha. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 26: 144-6, 1986.
- 1987** Batista, Marta Rossetti. Bandeiras de Brecheret. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 27: 179-92, 1987.
- Lafuente, Antonio Saldaña, Juan. Historia de las ciencias: nuevas tendencias. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, São Paulo, 3: 138-9, 1986/1987.
- 1988** Azevedo, Célia Maria Marinho. A elite ameaçada. Onda negra, medo branco. Resenha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 7(395):p.10, 6 de fevereiro de 1988.
- Demografia da escravidão. Revista Estudos Econômicos, Número especial. Resenha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 7(401):p.10, 1 de março de 1988.
- Fascinantes descobertas. Novos Estudos CEBRAP, no. 19. Resenha. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 7(406): p.9, 30 de abril de 1988.
- Lafuente, Antonio e Saldaña, Juan. Renovação da história das ciências. História de las ciencias: nuevas tendencias. Resenha. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 40(1): 95-6, jan. 1988.
- Gama, Ruy. O roubo do segredo. A tecnologia e o trabalho na história. Resenha. *Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, 4(17): 14-5, abr./maio 1988.
- 1989** Gama, Ruy. A tecnologia e o trabalho na história. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 30: 217-9, 1989.



- Motta, Carlos Guilherme. Idéia de revolução no Brasil. Resenha. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 7(499): p.11, 2 de dezembro de 1989.
- 1990** Os pobres na Idade Média. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Cultura, 7(500): p.11, 24 de fevereiro de 1990.
- Janotti, Maria de Lourdes Mônaco. Os subversivos da República. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 31: 227-30, 1990.
- 1995** Monteiro, John Manuel. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. Resenha. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 38: 242-245, 1995.
- Vázquez, Manuel. Archivología General. Resenha. *Papel de Arquivo*, São Paulo, 1:3-4, 1995.
- Rodriguez Muñoz, César. Archivos Universitários. Resenha. *Papel de Arquivo*, São Paulo, 1: 5-6, 1995.
- 1996** A normalização arquivística (Resenha de Couture, Carol, ed. La normalisation archivistique). *Papel de Arquivo*, São Paulo, 2:1-4, 1996.
- 1997** Novas normas internacionais: a ISAAR (CPF). Resenha. *Papel de Arquivo*, São Paulo, 3:3-4, 1997.
- 2010** Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos. (Resenha de Currents of archival thinking). *Arquivo & Administração*, v. 9, n. 2, 2010.
- 2013** Reconsiderando os arquivos pessoais (Resenha de Richard Cox. *Personal Archives and a New Archival Calling: Readings, Reflections and Ruminations*). *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, 12(12): 78-84, jul. dez. 2013.
- 2014** Reconsiderando os arquivos pessoais (Resenha de Richard Cox. *Personal Archives and a New Archival Calling: Readings, Reflections and Ruminations*). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 27:435-443, 2014.
- Reconsiderando os arquivos pessoais (Resenha de Richard Cox. *Personal Archives and a New Archival Calling: Readings, Reflections and Ruminations*). *Ágora, Florianópolis*, 24(48), 370-381, 2014.



Reconsiderando os arquivos pessoais (Resenha de *Richard Cox. Personal Archives and a New Archival Calling: Readings, Reflections and Ruminations*). Ponto de acesso, Salvador, UFBA, 8(1),101-109, 2014.

2016 *Centros de memória: uma proposta definitiva* (Resenha de Ana Maria de Almeida Camargo e Silvana Goulart. *Centros de memória: uma proposta definitiva*). *Acervo, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 29(1): 282-284, jan. jul. 2016.*

2018 *Abreu, Jorge Phelipe Lira de. Existir em bits: arquivos pessoais nato-digitais e seus desafios à teoria arquivística. Resenha. Anuario Escuela de Archivología, Córdoba, Argentina, 10: p. 147-149, 2018.*

VERBETES EM OBRAS DE REFERÊNCIA

1984 Verbetes: Brasil-História. Brasil-Organização militar. Brasil-Organização do Ensino. Brasil-Organização política. *Enciclopédia do Círculo dos Leitores*. Lisboa: Estampa, 1984.

1994 Verbetes: Conde de Bobadela. Marquês de Lavradio. Morgado de Mateus. Erário Régio. Pombal e o Brasil. Vice-Reinado. Arquivos portugueses e brasileiros. *Dicionário da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Editorial Verbo, 1994.

1996 Verbetes sobre teoria e metodologia arquivísticas e sobre arquivos permanentes. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo, AAB/ Núcleo Regional de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

1998 Verbetes: Arquivologia: objetivos e objetos. *Enciclopédia Britânica/Barsa*. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1998.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS

1991 Arquivologia, a vida dos papéis. *Correio Braziliense*, Brasília, Caderno Educação, p.1-3, 25 de novembro de 1991.



- 1992** Em busca da recuperação do passado. *Revista Memória*, São Paulo, 4(14): 14-19, abr./jun. 1992.
- 1992** Arquivo do DF recebe elogio de professora. *Correio Braziliense*, Brasília, Caderno Cidades, p.8, 2 de jun. 1992.
- 1997** O Curso de Especialização em Organização de Arquivos da USP em sua 12a. Edição. *Radio USP*, 16 dez. 1997
- 1999** Nova História do Brasil. *Revista Problemas Brasileiros*, SESC, São Paulo, 332; 21-22, mar./abr. 1999.
- 2000** Entrevista a *Memorando: informativo da Associação dos Arquivistas de São Paulo*, no. 1: 3-8, mar. 2000.
Um Brasil com contornos mais nítidos. FAPESP Pesquisa. *Revista da FAPESP*. Suplemento especial. setembro de 2000. p.17-20.
- 2005** O governo do Morgado de Mateus em São Paulo. *Antena Dois* (emissora de rádio de Lisboa, Portugal). Por telefone, 24 de fevereiro de 2005.
- 2008** O discreto fascínio da arquivologia. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, p. 8 - 15, 01 jan. 2008.
Memória. Entrevista ao Projeto de Memória da FFLCH/USP. *Revista Informe: informativo da FFLCH*, São Paulo, nº 44, agosto de 2008, p.19-22.
- 2015** Morgado de Mateus. São Paulo: *Univesp TV*, 2015.
Intérpretes do acervo. Arquivos: onde Filologia, Diplomática e História se encontram. *Revista do Arquivo de São Paulo*, 2015, v. 1.
- 2018** Entre a História e a Arquivologia. *Epígrafe*, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 359-385, 2018.
- 2022** Arquivologia/Nas trilhas da informação. Entrevista [remota] com a primeira Coordenadora do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília, 2022.
- 2023** Sou mais conhecida como arquivista do que historiadora. *OFFICINA - Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo*, São Paulo, 2(1):77-120, 2023.
Arquivologia: Memórias de uma Ciência. *OFFICINA - Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo*, São Paulo, 2(1):121-151, 2023.



TRADUÇÕES E REVISÕES TÉCNICAS DE TRADUÇÕES

- 1993** Vazquez, Manuel. *Política arquivística* (tradução, introdução e notas do original em castelhano). *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, 10(2); 11(2); 12(1): 10-22, jan. 1991- jan. 1993.
- 2010** Delmas, Bruno. *Arquivo para quê: textos escolhidos* (revisão técnica da tradução feita por Danielle Ardaillon do original em francês). São Paulo, Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.
- 2016** Eastwood, Terry & Mac Neil, Heather, orgs. *Correntes atuais do pensamento arquivístico* (revisão técnica da tradução feita por Anderson Bastos Martins do original em inglês *Currents of Archival Thinking*). Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
- 2017** Cox, Richard. *Arquivos pessoais: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações* (revisão técnica da tradução feita por Anderson Bastos Martins do original em inglês *Personal Archives and a New Archival Calling. Reflection and Ruminations*). Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS EM EVENTOS CIENTÍFICOS

- 1972** Os arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros: Setor de História / *Congresso Brasileiro de Arquivologia*. Rio de Janeiro-RJ, outubro de 1972 (publicado em Anais).
- 1975** Bibliotecas especializadas em estudos brasileiros no exterior: características e responsabilidade. *VIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*. Brasília-DF, julho de 1975 (publicado em Anais).
- 1976** O Presídio do Iguatemi: singularidade no processo de combate ao espanhol no Rio Grande, 1767-1777. *Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande, 1776-1976*. Rio de Janeiro-RJ, julho de 1976 (publicado em Anais).



- 1977** Documentação missioneira no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. *II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*. Santa Rosa-RS, outubro de 1977 (publicado em Anais).
- 1978** Projeto de extensão para História do Brasil em sistemas de classificação bibliográfica. *IV Assembleia da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários*. São Paulo-SP, agosto de 1978 (publicado em Anais).
- 1979** Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. *IV Congresso Brasileiro de Arquivologia*. Rio de Janeiro-RJ, outubro de 1979 (texto apresentado em Mesa-Redonda); (publicado em Anais).
- 1980** Trabalho indígena, regalismo e colonização no Maranhão nos séculos XVI e XVIII. *V Encontro Regional da ANPUH*. São Paulo-SP, setembro de 1980 (publicado na Revista da ANPUH).
- O Códice São Paulo dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa. *II Semana de História*. UNESP-Campus de Franca. Franca-SP, novembro de 1980 (publicado na Memória II).
- 1981** Coleção Lamego: memórias científicas, roteiros e diários militares (em colaboração). *III Semana de História*. UNESP-Campus de Franca. Franca-SP, agosto de 1981 (publicado na Memória III).
- São Paulo e Angola no século XVIII: impacto e desajuste de política iluminista. *I Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo-SP, setembro de 1981 (publicado em Anais).
- De aldeamentos a vilas: circunstância pós-jesuítica em São Paulo no terceiro quartel do século XVIII. *IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*. Santa Rosa-RS, outubro de 1981 (publicado em Anais).
- 1982** Política pombalina no sul do Brasil. *II Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro-RJ, julho de 1982. (texto apresentado em Mesa-Redonda); (publicado em Anais).
- 1983** Administração fazendária no Brasil colonial: a Junta da Fazenda da Capitania de São Paulo (1761-1808). *III Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Brasília-DF, julho de 1983 (publicado em Anais).



Espaço missioneiro e geopolítica pombalina. *V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*. Santa Rosa-RS, 18 a 21 de outubro de 1983. (Conferência); (publicado em Anais).

A questão da microfilmagem de documentos coloniais. *VI Seminário Nacional de Sistemas Micrográficos*. Niterói-RJ, novembro de 1983 (texto apresentado em Mesa-Redonda).

1984 O cotidiano administrativo colonial: o Diário de Governo da Capitania de São Paulo (1765-1775). *IV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro-RJ, 25 a 27 de julho de 1984 (publicado em Anais). Arquivos intermediários e permanentes: organização, transferência e preservação. *VII Seminário Nacional de Sistemas Micrográficos*. Campinas-SP, 8 de novembro de 1984 (texto apresentado em painel sobre microfilmes e arquivos permanentes); (publicado em Anais).

1992 Políticas governamentais de documentação. *V Encontro de Arquivos Catarinenses*. Itajaí, SC, 24 de setembro de 1992 (Conferência) (Publicado em Anais, p.35-43).

2000 Estratégias de capacitação de recursos humanos (Conferência na I Sessão Plenária sobre políticas e gestão de arquivos). *XIII Congresso Brasileiro de Arquivologia*, Salvador, BA, 17 de outubro de 2000 (publicado em Anais, formato eletrônico).

2017 Novas concepções do contexto arquivístico. Trabalho premiado com menção honrosa, apresentado e publicado nos anais do *XI Congresso de Arquivologia do Mercosul - Entre tradição e modernidade*, volume 1: Associação de Arquivistas de São Paulo-São Paulo: ARQ-SP, 2017. (publicado em formato eletrônico).

O preparo didático dos professores de Arquivologia. VII Reunião da Rede Ibero-americana de Ensino Arquivístico Universitário. *XI Congresso de Arquivologia do Mercosul - Entre tradição e modernidade*, volume 1: Associação de Arquivistas de São Paulo-São Paulo: ARQ-SP, 2017. (publicado em formato eletrônico).



2019 Arquivos em bibliotecas: um problema para a classificação e a descrição arquivísticas, em colaboração com Ana Maria de Almeida Camargo. *Memorias del XIII Congreso de Archivología del MERCOSUR*. Paradigmas de los archivos en las políticas públicas. Montevideo, 2019. (publicado em formato eletrônico).

Não há construção sem alicerces: a disciplina *introdução à arquivologia* nos cursos universitários. *Memorias del XIII Congreso de Archivología del MERCOSUR*. Paradigmas de los archivos en las políticas públicas. Montevideo, 2019. (publicado em formato eletrônico).

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



“SOU MAIS CONHECIDA COMO ARQUIVISTA DO QUE HISTORIADORA” ENTREVISTA COM HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Paulo Roberto Elian dos Santos¹

Em 2006, como parte da minha pesquisa para a tese de doutorado, iniciei um conjunto de entrevistas com personagens de trajetórias destacadas na Arquivologia brasileira. A partir das sugestões que me foram feitas durante o exame de qualificação, busquei introduzir uma perspectiva histórica em um dos capítulos, de forma a traçar um panorama da disciplina no Brasil desde a década de 1930, tomando por referência a reforma administrativa do governo Getúlio Vargas que levou à criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), em 1938. As entrevistas com José Pedro Esposel, Helena Corrêa Machado, Marilena Leite Paes e Nilza Teixeira Soares, cotejadas com a pesquisa em fontes

¹ Pesquisador do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. Professor nos programas de pós-graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (PPGPAT/COC/Fiocruz) e Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO).



bibliográficas e documentais me permitiram delinear as bases institucionais e conceituais que orientaram as ações e o pensamento de uma geração de profissionais do mundo dos arquivos na segunda metade do século 20.

Depois da tese, defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da profa. Heloísa Liberalli Bellotto, procurei dar continuidade à linha de pesquisa voltada ao estudo da institucionalização da Arquivologia no Brasil, apoiado em fontes de arquivo e entrevistas. Neste contexto, a trajetória de Heloísa Bellotto merecia atenção, não apenas por sua relevância e rigor teórico-conceitual na pesquisa e no ensino deste campo disciplinar, mas sobretudo por seu legado na formulação de um pensamento e de práticas arquivísticas em diferentes espaços institucionais, como o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), a Escola de Comunicações e Artes (ECA) e o Programa de Pós-Graduação em História Social, todos na USP, os sistemas de arquivo do Estado de São Paulo e da USP, a Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP) e o curso de Arquivologia da UnB, dentre outros. Ao lado de Ana Maria Camargo, investiram na pesquisa e na formação de jovens profissionais e estabeleceram conexões acadêmicas que extrapolaram as fronteiras de São Paulo e alcançaram escala em âmbito nacional e internacional.

Em dado momento, me pareceu crucial a entrevista com Heloísa Bellotto para uma compreensão mais ampla sobre a institucionalização da Arquivologia entre nós. Convite feito e aceito, currículo em mãos e muito trabalho para organizar um roteiro de perguntas. Como imaginei, seriam necessários pelo menos dois encontros para esgotar aspectos de sua longa carreira e colher sua opinião sobre diversas questões. A segunda entrevista infelizmente não aconteceu e assim não pudemos explorar sua participação no Projeto Resgate da documentação do Brasil Colônia; sua visão sobre a importância dos estudos de diplomática e tipologia documental; sua participação na criação de um “Mercosul Arquivístico” por meio dos congressos realizados a partir da década de 1990; a edição revista e ampliada (2004) do seu livro *Arquivos permanentes*; tratamento documental, lançado em 1991; sua opinião sobre os impactos da Lei de Acesso à Informação na gestão dos arquivos; os desafios da formação dos arquivistas no Brasil e



no exterior; e as “novas correntes” do pensamento arquivístico no cenário global. Por sorte, alguns destes temas estão em outras entrevistas concedidas por Heloísa.

Orientadora de inúmeros trabalhos de alunos e alunas, Heloísa Bellotto combinou com rara felicidade o faro de pesquisadora, as habilidades de docente e o gosto pelos documentos de arquivo e o seu tratamento à luz dos princípios e conceitos da Arquivologia. É possível afirmar que estas qualidades foram costuradas, porque soube como poucos unir ao longo da carreira as diferentes matrizes de sua formação e conhecimentos nos campos da Biblioteconomia, da História e da Arquivologia.

Paulo Elian: Entrevista feita em 25 de julho de 2015 com Heloísa Bellotto (1935-1923), professora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), para o projeto “A contribuição José Honório Rodrigues à institucionalização da Arquivologia no Brasil”, coordenado pelo pesquisador Paulo Elian, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, e financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Heloísa, para iniciar a entrevista eu gostaria de saber a sua origem familiar e a sua formação inicial.

Heloísa Bellotto: Eu nasci no Rio de Janeiro em 1935, e a minha família toda é do Rio de Janeiro, não tínhamos ligação nenhuma com São Paulo, tanto da parte da minha mãe, de origem portuguesa, como de meu pai, de origem italiana, e meus primeiros anos foram passados no Rio de Janeiro.

Paulo: Onde vocês moravam, em qual bairro?

Heloísa: Nós somos da Tijuca. Quando eu nasci, meus pais moravam na rua Carlos de Vasconcelos, eu nasci no hospital Gaffrée Guinle. Mais tarde morei alguns anos com meu avô, meus avós moravam na rua Delgado de Carvalho, em pleno Largo da Segunda-Feira.



Paulo: Eu morei nessa rua.

Heloísa: Eu sei, você até me disse o número e eu fui ver, pois naquele tempo era uma casa de cômodos ali onde depois fizeram o seu prédio. Dizia-se casa de cômodos, aqui em São Paulo se diz cortiço, quer dizer, onde moram muitas famílias. E para quem vinha do Largo de Segunda-Feira tinha esse local onde foi construído seu prédio, depois tinha umas casas baixas e a minha casa, a casa do meu avô era uma casa mais moderna que as outras, era de dois andares, ele morava no número 66.

Paulo: Quantos filhos vocês eram?

Heloísa: Tem a ver com a vinda para São Paulo essa minha infância, digamos assim. Porque meu pai tinha uma [boa] formação... ele foi um bom aluno, foi um excepcional aluno no Colégio São Bento e foi professor de química já enquanto estudava Farmácia. Estudou Farmácia na então chamada Universidade do Brasil, e também fez a medicina hahnemanniana [homeopatia], cuja sede era na Urca. Começou a vida profissional muito jovem, com 18, 19 anos já dava aula de química no Colégio São Bento, publicou um livro que depois foi muito usado, chamado Elementos de química, e depois esteve empregado no laboratório que emite licença para os alimentos poderem ser vendidos, comercializados. Ele fez uma carreira até brilhante, mas meteu-se no integralismo, e em [1937] foi preso, porque era o chefe da célula da Tijuca, ele era o diretor. Muito entusiasmado, contra a vontade do meu avô, que era médico, não gostava de política, dessas coisas, mas ele foi preso. Ele tinha se casado em 1934, eu nasci, eu sou a mais velha, depois a Cecília, que faleceu ano passado, meu irmão Carlos Francisco e minha irmã Lucia, a última, que já nasceu em São Paulo. Mas o Cândido Fontoura, que naquela época fazia grande sucesso, o laboratório do Biotônico Fontoura, há muito tempo vivia convidando meu pai, oferecendo mundos e fundos para ele se mudar. Mas minha mãe tinha pavor de frio, não queria morar em São Paulo. Mas aquele ano em que ele ficou preso, pois ficou preso um ano, foi até um período brilhante, vamos dizer assim. Tinham sido presos no Rio de Janeiro, pelo então chefe de polícia Filinto Muller, pessoas como



Graciliano Ramos, os comunistas, os integralistas. Eles eram intelectuais e acabaram ficando amigos, porque as conversas eram de alto nível intelectual. Meu pai sempre gostou muito de história, ele era de uma disciplina basicamente técnica chamada Farmácia Galênica, na qual se produzem os medicamentos, mas ele sempre se interessou por história, tem muitos trabalhos publicados de história da farmácia, história da medicina.

Paulo: Qual o nome dele?

Heloísa: Carlos Henrique Robertson Liberalli. A família da minha avó era de origem escocesa. E meu avô era médico, teve uma farmácia em São Cristóvão; meu pai nasceu em São Cristóvão. Naquele tempo era um bairro classe média. E esse meu avô Robertson vendia cavalos para corrida, tinha uma propriedade grande ao lado do Instituto de Manguinhos. Isso tudo muito antes de eu nascer, de meu pai nascer, mas ele chegou a morar um tempo em São Paulo, a minha avó nasceu em São Paulo, ele também fazia esse tipo de trabalho no bairro da Aclimação, e hoje tem a rua Robertson no bairro da Aclimação...

Paulo: Aí vocês vieram para São Paulo?

Heloísa: Aí o Candido Fontoura convidando, convidando, então meu avô falou: "eu vou fazer uma barganha com o Filinto Muller", disse, "ele vai para São Paulo, não vai mais aborrecer e tal", e o Filinto Muller falou: "se ele desaparecer em 24 horas, daqui a uma semana, ele sai", mas isso depois de um ano. Então foi muito apressada essa vinda para São Paulo, o Cândido Fontoura logo o empregou, e depois, durante toda a vida ele foi diretor técnico do Fontoura. Tanto que ele nunca trabalhou o tempo integral na USP. Ele morreu catedrático, naquele tempo havia o catedrático; ele fez concurso, entrou na USP e ficou a vida inteira. Ele faleceu em 1970, de câncer no cérebro, mas ele se aposentou e quando ia ficar só na USP, ficar só na pós-graduação, como quase todo mundo faz, ficar com uma cadeira de História da Ciência, nesse momento foi detectado o câncer e ele



acabou falecendo. Mas então vieram para São Paulo. Vieram logo morar aqui no Jardim Paulista, onde nasceu minha irmã Lúcia. Nessa altura tinha falecido uma irmã de meu pai; quando eu era criança as pessoas falavam que ela morreu de asma, mas hoje sabemos que eles escondiam a verdade da família, das crianças, e que era tuberculose. Mas, por exemplo, ela foi morar um tempo junto com uma prima em [Nova] Friburgo, acho que por causa do clima. Ela tinha 29 anos e meu avós pediram muito que eu ficasse uns tempos com eles porque ela tinha acabado de falecer. A minha mãe não gostou muito da ideia, mas concordou. E como inicialmente ela foi morar em um hotel, ela com duas crianças pequenas já, eu acabei ficando no Rio de Janeiro por dois anos. Assim, o primeiro colégio que frequentei foi a Escola Pública Francisco Cabrita, numa ruazinha que sai na rua Haddock Lobo. E uma árvore que eu plantei ainda está lá, não sei se destruíram a escola, tantos anos depois...

Paulo: A escola ainda está lá.

Heloísa: Porque uma vez no Dia da Árvore pediram, e coube a mim plantar. E depois muitas vezes eu passei lá e vi essa árvore.

Paulo: Você veio para São Paulo em que ano, você lembra?

Heloísa: Aí eu fiquei [no Rio] em 1942, 1943, eu vim em 1944, porque eu nasci em 1935, eu vim com dez anos. Acho que vim no Natal de 1944. Meus pais iam [para o Rio] nas férias com meus irmãos, mas chegou a um ponto que a minha mãe disse para meu pai que tinha que encostar meu avô na parede, que esse negócio de filho longe dos pais [não podia ser], aí meus avós já estavam mais conformados e concordaram, viram que na verdade eu tinha que vir. Então eu vim, e sempre morávamos nesse bairro do Jardim Paulista.

Paulo: E estudava no ginásio público?



Heloísa: Não. Nos anos 1940 meu pai disse: “colégio de freira, não, mas colégio misto também não”. Então passamos a procurar um colégio... e colégio particular, porque nem tinha por aqui colégio público. Tinha só na avenida Paulista, no qual meu filho Toni chegou a estudar, no Rodrigues Alves. Mas enfim, achou-se um colégio longe aqui do Jardim Paulista, na Barra Funda, chamado Colégio Stafford, que era um colégio inglês, só de meninas, mas não era de freiras. Mas o primário ainda fiz nos colégios aqui perto, inclusive fiquei um ano no Assunção, porque não tinha outro colégio, fiquei nas freiras. Mas meu pai sempre procurando. Aí minhas irmãs estavam num externato aqui perto, na rua Guarará, perto da nossa casa, que era na Eugênio de Lima, uma dessas travessas, perto da Brigadeiro [Luís Antônio], sempre nesse bairro. Aí fiquei um ano no Assunção, um ano nesse externato, e na verdade eu entrei no Stafford no então chamado ginásio. Lá eu fiz todo ginásio; depois, o científico, cursei no Colégio Dante Alighieri.

Paulo: É um colégio tradicional.

Heloísa: Tradicional, italiano, e foi muito importante para mim porque ali eu tive um professor, o Orestes Rosolia, um grande professor de História; grande parte das vocações de historiador é por causa de um professor que a gente tem na juventude, não é? Foi muito importante. Então eu fui fazer o “científico”, mas eu não gostava de matemática, nem de química, e o professor Simão Faiguenboim, de química, tinha estudado pelo livro do meu pai, todo dia fazia bulling comigo, todo dia falava: “a filha do professor Liberalli é uma péssima aluna de química”. Quanto mais ele falava, mais eu odiava química.

Paulo: Você gostava mais das Humanidades.

Heloísa: Eu gostava mais das Humanidades, mas eu... Eu tive no ginásio um curso muito puxado de Latim, e eu já estava enjoada de Latim, disse, eu também não quero Latim, falei: “entre o Latim, a Química, a Física e a Matemática eu vou para o científico”, mas penei, penei até mesmo porque uma vez fiquei de segunda época em Química e



Matemática. E eu falei: “não vou trabalhar nas férias, não vou fazer segunda época, prefiro repetir”. Aí eu repeti, mas os outros professores, com os quais eu só tirava nota dez, diziam: “mas o que a senhora está fazendo aqui, repetindo, se a senhora é tão boa aluna de Inglês, de História, de Português?”, e eu dizia: “mas é que eu não vim fazer a segunda época.” Mas foi bom porque eu fiquei quatro anos no Dante Alighieri, que era um colégio muito agradável, mesmo do ponto de vista social, tinha muita comemoração, muita reunião. A escola organizava excursões para o Pico do Jaraguá, para uma chácara dos padres em Santana, era um colégio muito agradável de se estar.

Paulo: E a escolha da profissão? Se fazia vestibular naquela época, como se chamava?

Heloísa: Existia vestibular, existia cursinho, mas é uma questão de honra, uma pessoa que é do Dante Alighieri não faz cursinho, entra na faculdade direto. Então em [1954], quando terminei o colegial, falei, eu vou fazer História.

Paulo: Queria ser professora?

Heloísa: É, eu gostava da História, não sabia bem... hoje ainda tem outras carreiras paralelas, tem mais alternativas, mas naquele tempo...

Paulo: A opção era o magistério, não é?

Heloísa: Imagina, naquele tempo eu pedi para meu tio Marcelo, que era da Escola Naval de Química, para pedir para meu tio mandar minha certidão de nascimento, para eu me matricular no vestibular, em 1955. Isso demorou, veio pelo correio, registrado, e eu perdi a data da matrícula. Meu pai disse: “o que você vai fazer esse ano para esperar até o ano que vem para o vestibular da História?”, eu falei: “ah, não sei”. Porque nesse tempo todos os filhos já estudavam na Cultura Inglesa, e eu estudava italiano, porque eu tinha um namorado de família italiana, achava que um dia ia morar na Itália. Naquele tempo todo mundo fazia piano, claro, os quatro faziam piano, esse piano que ainda está aí, que era



da minha avó, e estudava taquigrafia, datilografia. E meu pai era professor de faculdade de Farmácia e era da comissão de biblioteca. Ele sempre gostou muito de biblioteca, tem essa parte aqui de História Antiga, tudo era dele, ele era muito apaixonado por história grega, história egípcia etc., enfim, ele era da comissão da biblioteca, e ele falou: “você vai fazer Biblioteconomia enquanto isso”. Biblioteconomia naquele tempo eram dois anos. Ele falou: “você vai tentar o vestibular de Biblioteconomia”, porque nesse entremeio chegou a documentação do Rio de Janeiro com a minha certidão de nascimento. Só tinha um curso de Biblioteconomia em São Paulo, hoje é Fundação Escola de Sociologia e Política, e era muito novo. As minhas professoras todas tinham feito o curso nos Estados Unidos. E eu fiquei dois anos, gostei. Na Biblioteconomia tinha aula de Paleografia e de História do Livro, tanto que fui muito boa aluna, saí em primeiro lugar, pois eu era apaixonada por essas duas disciplinas.

Paulo: Era um curso basicamente de mulheres, ou tinha homens também?

Heloísa: Tinha alguns homens, mas depois, quando eu dei aula na ECA [Escola de Comunicações e Artes] já tinha mais homens, porque a profissão começou a ser mais valorizada em termos de salário, mas naquele tempo tinha só um rapaz na nossa classe. Era até mais velho, eram pessoas que já estavam para se aposentar, iam por razões intelectuais, faziam o curso para cuidar dos próprios livros; e aí eu fiz o curso, mas enquanto cursava o segundo ano de Biblioteconomia eu entrei no vestibular da História. Aquele vestibular que naquele tempo era específico, e foi a primeira turma... Quando eu fui ao guichê, com aquela fila, para fazer a matrícula, “agora, a senhora vai para Geografia ou História?”, “como? Não é junto?!” [A formação] sempre tinha sido junto, e em 1956 foi separada. Então, com aquela fila ali, eu tive que decidir a minha vida em cinco minutos. Porque eu gostava muito de Geografia também. No Stafford eu fazia mapas para a classe inteira, eu fazia mapa para todo mundo, eu dizia: “deixa eu fazer seu mapa?”

Paulo: Separou exatamente no ano que você entrou.



Heloísa: Pois é, em 1956, separou nesse ano. Eu falei, vou fazer História, e entrei. Era ali na rua Maria Antônia. O vestibular era específico para História, então tinha a prova escrita, um tema geral e um tema de Brasil, duas dissertações e a prova oral. E na prova oral caía Geografia, conhecimentos gerais e tinha a prova de Português, não tinha [outra] língua ainda.

Paulo: Era uma prova difícil?

Heloísa: Era difícil e era específica. Os professores que examinavam eram os próprios professores do curso de História. Eu lembro que a Emília Viotti foi quem examinou Geografia. Meu pai tinha aquela preocupação cultural com os filhos, vivia viajando. Meu pai sempre foi assim, a gente ia pela estrada, querendo dormir, tínhamos um apartamento em São Vicente, para descer a via Anchieta, “bromélia não sei o quê, aquela planta lá...” e a gente querendo dormir... “vocês estão sentindo a temperatura, agora está baixando 400 metros... isso aqui é a via Anchieta, porque no século 16 subia por ali, no século 17 subia por ali”, ele sempre foi muito de ensinar. As férias eram para um lugar assim... Agora, paradoxalmente, ele só foi a Europa nos anos 1960, depois que eu fui. Mas ele não. Aqueles meninos daquela geração, ele nasceu em 1909, tinham uma cultura geral incrível. Ele dizia: “eu tenho Paris toda na minha cabeça”. E a gente tinha acabado de ir ver salinas em Cabo Frio, e ele explicou tudo das salinas, como secava, como não secava e o que era o sal, e os nomes científicos, e eu sei que me cai as salinas [no exame], eu tirei dez no exame oral. Eu lembro desse exame oral de Geografia por causa das salinas.

Paulo: Heloísa, deixa eu te perguntar uma coisa, você entra na universidade num momento em que o Brasil inicia os anos JK, tempos de euforia, dinamismo na vida econômica, social e cultural. Quais são as lembranças desse período, de uma jovem universitária?



Heloísa: Olha, é assim, aquela educação burguesa das moças, os pais, não só eu, mas as outras colegas da minha classe, parece mentira pensando numa jovem universitária, 18, 19 anos na universidade, a gente era proibida de ir ao grêmio, proibida de entrar no grêmio, proibida de ficar nas discussões depois da aula, então éramos muito alienadas politicamente, eu e minhas colegas de classe. Eu sinto isso hoje, porque o pessoal do [curso] noturno era mais engajado, porque eram moças que já trabalhavam, estudavam à noite, havia muitas moças que estudavam à noite. Tanto que no terceiro ano passei para o noturno, porque aí conheci o meu marido, Manuel Lelo Bellotto, que estudava História à noite, porque trabalhava, então acabei passando para o noturno e em 1959 nos casamos. Mas nos primeiros anos da faculdade nós éramos muito alienadas, porque tudo que a gente pensava era nas férias, em organizar excursões, desde o primeiro ano tínhamos um grupinho e o líder era um que já era advogado, era um pouco mais velho, e nas férias sempre fazíamos viagens. A nossa primeira viagem foi para Ouro Preto, a segunda para o Paraguai, na terceira fomos até Santiago do Chile, tudo por terra, e fomos até Callao, no Peru, viajando por terra. Sempre nas férias de julho, em dezembro não, por causa do Natal. O pessoal de Geografia viajava e a gente viajava. Na volta era assim: “quanto vocês gastaram na viagem?” Tinha uma rivalidade com a Geografia, quem ia mais longe, quem aprendia mais e gastava menos nas excursões. Então a gente conseguia [doação de] alimento, a gente ia na Kodak e conseguia filme, a gente conseguia trem na [Estrada de Ferro] Sorocabana, a gente viajava no carro da diretoria que era um carro todo bonito com uma cozinha, com banheiro, não sei o quê, e era o nosso vagão que encaixava nos trens. Assim fomos até Santa Maria, com o nosso vagão encaixando no trem. Depois de Santa Maria passamos ao Uruguai, de ônibus, e depois fomos de trem de Santiago a Buenos Aires. Então passávamos o semestre mais pensando na excursão. E o curso era puxado, porque os professores indicavam os livros em língua estrangeira, o Pedro Magri, de História Romana indicava até livros em alemão, e todo mundo ficava protestando, então a gente estudou muito em francês, em História Medieval todos os livros eram em francês, então estudávamos muito; aos sábados e domingos eu estudava na Biblioteca Municipal, e estudávamos nas casas umas das outras.



Paulo: Quais foram os professores que mais te marcaram?

Heloísa: De professor, por todo estilo dele, embora ele só passe a dar aula para nós no terceiro ano, o Sergio Buarque de Holanda. E o de História Antiga, o Eurípides Simões de Paula. Eram aqueles professores que amavam profundamente o que faziam e a gente recebeu o entusiasmo deles pelas disciplinas que eles ministravam. Eu tive bons professores, o Pedro Moacir Campos, de [História] Romana, o Paulo Pereira de Castro, que dava o seminário de [História] Antiga e o Egon Schaden, de Antropologia. A Gioconda Mussolini, também de Antropologia. Um era de Antropologia Física e o outro de Antropologia Social. Geografia era dada por um professor do Rio de Janeiro, que veio como substituto, não lembro o nome dele. E havia um espanhol que deu Introdução [à História], mas ele praticamente não dava Filosofia da História, ele dava Paleografia. E aquele espanhol, Ricardo Roman Blanco que brigou com todo mundo. Ele era muito anticomunista e foi para Universidade de Brasília (UnB). Foi ele que acusou os alunos quando a polícia invadiu a UnB; depois acabou falecendo, mas ele era um grande paleógrafo.

Paulo: Vocês tinham aula de Paleografia?

Heloísa: Eu especialmente era muito boa, porque tinha tido um excelente professor de Paleografia na Biblioteconomia, que era o prof. Leoni, esqueci o primeiro nome dele, era um italiano, tinha muito sotaque, ele lecionou História do Livro e Paleografia. Então eu tive bons professores de Paleografia. Depois veio um português, Torquato de Souza Soares, que deu uma [disciplina] optativa de Paleografia, que eu também cursei. Então Paleografia eu estudei muito, porque estudei primeiro na Biblioteconomia, depois na História, depois na especialização com esse professor português, depois, quando eu fiz o curso em Madrid, da OEA [Organização dos Estados Americanos], foi com uma espanhola de origem italiana, muito boa professora de Paleografia. Enfim, mas eu continuava na Biblioteconomia, no segundo ano, porque o curso era de dois anos.



Depois ele foi revalidado, e nós todos levamos o diploma para revalidar, para termos o título de bibliotecário, embora tivéssemos cursado nessa primeira fase. Então, politicamente, eu nem posso te dizer nada, eu via que havia uma efervescência, mas aquilo estava meio vedado para nós porque os pais ficavam assim: “você não foi ao grêmio!”, meu pai sempre foi integralista, ele tinha largado o integralismo, mas ele era um cara de direita, digamos, então já pensou... Eu não sou de direita, mas sou tucana, confesso. Nós estávamos falando dos professores, então no segundo ano entravam os professores de Brasil, Brasil Colônia, Myrian Ellis, ela era uma boa professora, ela não entusiasmava muito a gente para pesquisa, mas ela era muito boa didata, ao contrário da aula do Sergio Buarque de Holanda, cuja aula era genial, mas na qual ele sempre se perdia, porque ele começava, mas nunca indicava o assunto que propunha, e se perdia. E Eduardo de Oliveira França, de [História] Moderna e Contemporânea e Manuel Nunes Dias. Depois tinha uma turma boa de [História da] América, o Astrogildo de Mello, os professores de América também eram muito bons, eram três professores. A Emília [Viotti] dava o seminário do França, seminário de [História] Moderna. Eu peguei Sergio Buarque, no terceiro, depois no quarto ano, quando cursávamos apenas as disciplinas de didática, que naquela época chamava-se Didática Especial, e não Práticas de Ensino, e escolhi algumas optativas. Escolhi a optativa de Monções, dentro de [História do] Brasil Colônia, então fui por mais um ano aluna do Sergio Buarque na optativa. Não se chamava “optativa”, na época chamava-se especialização, tinha que fazer duas disciplinas. Enfim, aí eu saí em 1959.

Paulo: Aí você foi dar aula na Unesp [Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho].

Heloísa: Foi assim, a gente estava namorando e queria casar quando acabasse o curso. Acabamos o curso em 1959, e nesse ano meu pai fazia 50 anos em setembro, aí meu pai falou assim: “olha, vem toda família do Rio de Janeiro, vem todo mundo para os 50 anos, então porque vocês não se casam?” A gente queria casar depois da formatura. “Vocês casam em setembro porque já vem a família”. Tanto que eu casei no dia do aniversário



do meu pai, dia 13 de setembro de 1959, ele fazia 50 anos, nos casamos. Aí, como me casei, passei para o noturno. Mas os professores eram os mesmos. A nossa formatura foi em março, pois ocorreram uns atrasos, por causa de greves. Aí meu marido, o Lelo, já tinha feito concurso. E eu também fiz concurso anos depois. Era questão de honra, saiu da faculdade tem que fazer concurso para rede pública. Onde vai ter cadeira para os dois? Naquele tempo eram poucas vagas, muito poucas, muito procuradas, e tinha que começar no interior, lá longe.

Paulo: A rede de ensino era menor.

Heloísa: Era menor e tinha muito candidato. Aí ele fez o concurso e eu não fiz, eu só fui trabalhar muito mais tarde na Unesp, enquanto as crianças eram pequenas eu não trabalhei. Quer dizer, até quando eu estava grávida da Lisa, em 1963, lecionei um ano em Martinópolis, dei aula no secundário...

Paulo: Você foi para Unesp em 1964?

Heloísa: Em 1964. Porque quando meu marido se tornou professor da rede pública, em Flórida Paulista, lá na... aqui em São Paulo a gente conta as regiões pelas [cidades maiores], lá na "Flórida Paulista", é mais para o norte do estado. Ele escolheu cadeira lá, mas ele já tinha... A Unesp, com o nome de Instituto Superior do Estado, em 1959, começou a se organizar, eram institutos espalhados pelo interior. Ele já tinha sido convidado para ir para [Presidente] Prudente para lecionar História da América. Então nós fomos para Flórida Paulista sabendo que logo iríamos para Prudente. Então, em Flórida, ficamos seis meses, morando em hotel, depois mudamos para Prudente. Em Prudente, o Antônio Carlos era pequeno, depois eu fiquei grávida da Lisa, morava em Martinópolis, que era ali perto, dei aula como substituta quando estava grávida, mas eu não queria trabalhar, queria cuidar das crianças pequenas. Aí, em 1964, ele dava aula de História para o curso de Geografia em Prudente. Ele dizia: "não é a mesma coisa que estar no curso de História, porque os alunos pouco estão ligando para História, os alunos



são de Geografia”. Porque primeiro abriu em Prudente, depois abriu o curso de História em Assis, que era aquele do prof. Amora, que era o português que tinha organizado a faculdade de Assis. Aí um colega nosso, o Virgílio, de História, foi quem começou a convidar as pessoas, ele tinha sido colega nosso no [curso] noturno, e falou: “Lelo, vem para cá para dar aula de História da América”. Aí fomos morar em Assis, ele ficou com a História da América e eu em casa. Foi quando faltou um professor de História Antiga, e veio uma comissão de professores: “então você não tem vergonha de ter o desperdício de um diploma da USP pendurado na parede? E você aqui em casa, e a gente precisando de professor de História Antiga...”, mas eu nunca quis saber de História Antiga, na faculdade eu não era tão boa aluna de História Antiga... eu sempre fui melhor aluna de História do Brasil. Aí me convenceram, eu comecei lecionando História Grega, mas nesse ínterim eu fiz concurso. Então, de tarde eu lecionava História Grega na faculdade e pela manhã dava aula para aqueles meninos... o único lugar perto de Assis que tinha vaga era Cândido Malta, uma cidadezinha pequena. Então eu lá, em Cândido Malta, com aqueles meninos de 12 anos. Eu lembro quando dei guerras púnicas, aquela história que a gente conta que Aníbal veio com os elefantes, e o menino, “quantos elefantes, professora?” “Não sei quantos elefantes, mas eu vou pesquisar”. Aí eu pesquisei em algum lugar, achei que era 11 e falei para ele; anos depois, agora há pouco tempo, eu descobri que eram 44. Era alguma leitura de paleografia que o 11 [foi confundido com 44]... Fui lecionar História Antiga para meninos num pequeno município, aqueles meninos todos trabalhavam na lavoura, então não era fácil, mas eu gostava. Dava aula para o Normal; no Normal era bom porque mandava as meninas fazer pesquisa na cidade, dava muitas aulas de História lá. E eu fiquei praticamente um ano no secundário, em 1967, mais ou menos. E em 1966... eu saí, porque falei, vou continuar só na faculdade, vou pedir tempo integral, porque ficava com tempo parcial, porque não tenho muita paciência para ficar aqui no secundário, já fiz a honra de ter feito concurso, que era minha obrigação, pelo meu diploma de História.

Paulo: Heloísa, como você foi em 1968 para o IEB [Instituto de Estudos Brasileiros]?



Heloísa: Em 1968 o Lelo pediu uma bolsa, porque em 1969 ele fez doutorado em História da América. Ele pediu uma bolsa... ele também estava estudando correio marítimo hispano-americano e correio marítimo de D. Maria I. Pediu uma bolsa, ganhou uma bolsa de seis meses da Fundação Gulbenkian para pesquisar o correio marítimo D. Maria I, e paralelamente estava pesquisando as coisas de Sevilha, mas Sevilha não tinha bolsa, então com aquela bolsa da Gulbenkian, antes [de ir para Portugal] a gente foi fazer as pesquisas em Sevilha. O que eu fiz? Eu pedi uma licença sem remuneração da faculdade, larguei o secundário e ficamos seis meses na Europa. E fomos passar o Natal de 1967 - a minha sogra, já falecida, era portuguesa -, e passamos o Natal com a família portuguesa lá na Beira Baixa. Depois ele e eu fizemos umas voltas daquelas de [world pass] na Europa inteira, ficamos um mês em Sevilha pesquisando correio marítimo de Carlos III. Eu, para não ficar aquele tempo sem fazer nada, pedi para fazer estágio, fiz um estágio no CNRS [Centre National de la Recherche Scientifique], lá em Paris, tudo por minha conta, e com o dinheiro que ele tinha da bolsa, que ele me mandava, fui eu com as duas crianças, minha sogra e minha irmã, ficamos um mês e meio em Paris, depois quase dois meses em Madrid, e aí eu pego maio de 1968, um pouco em Paris, um pouco em Madrid, para mim foi muito interessante. Mas o Lelo ficou em Portugal. E voltamos em junho, quando voltamos aqui já era o segundo semestre de 1968, eram aqueles grupos de discussão todo dia, lá em Assis tinha reuniões, tinha aquelas coisas... Parecia psicodrama, psicologia de grupo, era só discussão, discussão, e eu tinha ficado aquele tempo todo sozinha na Europa com essas ideias na cabeça, libertária, aí disse "eu não aguento mais ficar aqui"; eu nunca gostei de interior, mas as crianças eram pequenas, enfim. Aí eu fiz a proposta para o Lelo "eu não quero mais ficar, eu vou para São Paulo com as crianças e a gente vem fim de semana, quer ir comigo?" "Não". "Então fica. Eu vou procurar qualquer concurso para ir para São Paulo, e as crianças vão comigo e vão estudar lá". Mas ele, coitado, depois nos divorciamos, mas eu me dava bem com ele. E como diz a avó dele, portuguesa, ele sempre foi uma paz de almas, ele era muito tranquilo, então falou "tudo bem". Então eu comecei a procurar concurso, o que eu podia fazer em São Paulo. Então me inscrevi em três concursos, para historiógrafo do IEB, bibliotecário da FAU, de Arquitetura e Urbanismo, e bibliotecário da Faculdade de



Filosofia, e passei nos três. E naquele tempo o tal do historiógrafo era como se fosse um pesquisador e o salário era igual ao de bibliotecário, não ganhava como professor. Só em 1972 foi equiparado, foi obrigado a fazer doutorado...

Paulo: Salário de professor era melhor?

Heloísa: Era bem melhor. E em 1972, na reforma da universidade, acabaram com esse cargo de historiógrafo, era professor com função de pesquisa, no IEB. Eu passei nos três, ganhava mais ou menos a mesma coisa, mas eu falei, a carreira de pesquisador é mais instigante, é mais interessante, então optei pelo IEB, e as crianças vieram estudar aqui, e até a gente se separar em 1996, ficamos nessa vida de fim de semana de lá para cá, nas férias a gente viajava muito e foi assim. Eu fiquei no IEB até que apareceu essa bolsa da OEA para eu fazer esse curso de arquivo, em 1977. Quando eu fui para o IEB comecei a fazer o doutorado em Brasil Colônia.

Paulo: Você entrou no IEB em 1972?

Heloísa: No IEB era assim, por exemplo, pesquisa de história econômica; a gente fazia pesquisa que era subsídio para alguns professores do Conselho, como Alice Canabrava. Houve um grande Congresso Internacional de Estudos Brasileiros, em 1972, vieram muitos diretores da Alemanha, dos Estados Unidos, desses centros de estudos latino-americanos, estudos brasileiros no exterior, e a nossa obrigação era levantar uma bibliografia gigante, a Alice Canabrava era a coordenadora, e os quatro do Setor de História tivemos que fazer isso, organizar os documentos que interessassem para a história do arquivo; foi quando começamos a fazer o catálogo da Lamego.

Paulo: Você passou a ter contato com os arquivos de lá?

Heloísa: Não, já explico sobre o arquivo. E o IEB tinha uma coisa de bom, a pessoa podia trabalhar meio dia para o instituto e meio dia para as suas próprias pesquisas, então o



prof. Castelo, de Literatura, que era o diretor, me chamou, eu entrei lá em 1969, e ele me chamou e falou assim: “a senhora é formada em História e Biblioteconomia, para mim arquivo...” – agora a gente sabe que não é –, “arquivo é a união dessas duas coisas” – tudo que não é –, “então a senhora fica encarregada da [Coleção] Lamego”. Naquele tempo nem tinham entrado os colegas que entraram depois. Só tinha eu de História. Aí eu pego a Lamego, código 1, documento 1, casa jesuítica, 940 ponto 1, comecei a fazer carta por carta. Falei: “isso não pode ser, tem alguma coisa de errado, não pode ficar classificando um por um, tem algum erro aqui, arquivo não é isso.” Logo apareceu o primeiro Congresso Brasileiro, que foi em 1972, ou quase 1972. Então teve um pequeno cursinho, mínimo, básico da Marilena [Leite] Paes. Quando a Marilena fala, eu falo, pronto, “já sei o que é arquivo, não é nada disso aqui”. Aí eu voltei e falei “prof. Castelo, vou ter que estudar alguma coisa de arquivo”, naquele tempo nem tinha o curso superior, não tinha nada e fiquei lendo coisas de arquivo, com aquelas orientações da Marilena Paes, continuei. De todo jeito como aquilo é coleção, não é fundo, teve que fazer um por um mesmo, levamos anos. Mas foi um período muito bom, porque a gente podia fazer...

Paulo: Tinha liberdade de pesquisa.

Heloísa: É, eu estava fazendo a pós-graduação, aí eu comecei, entrei no Brasil Colônia, escolhi a profa. Maria Thereza Petrone, vou fazer qualquer coisa de São Paulo, não sei bem o quê, aí assisti essas disciplinas de pós-graduação. Ela estava dando aula sobre a plantação do açúcar em São Paulo, a lavoura do açúcar, século 18, e começou a falar no Morgado de Mateus, esse governador fez tanta coisa, mas nunca foi bem estudado. Então eu falei, eu podia até fazer um projeto para fazer um mestrado sobre ele. Aí fui falar com ela, e ela falou “de jeito nenhum você vai fazer o mestrado”; porque o concurso do IEB era muito interessante, o Sergio Buarque era presidente da banca, era o diretor. O concurso para a gente entrar no IEB era assim, você tinha o dia inteirinho, podia usar a biblioteca para montar um projeto de pesquisa, depois tinha uma prova escrita e outra prova oral de História, História do Brasil. Eu passei em segundo lugar, em primeiro lugar passou Emília Viotti da Costa porque ela já estava sendo perseguida, desde 1969, e



queria sair da faculdade e ela disse que fez mais pelo título, porque estava pleiteando ir para os Estados Unidos, como realmente acabou indo. Ela passou em primeiro lugar e eu em segundo, mas ela já veio logo falar comigo, “olha, logo eu vou desistir”; a Emília, tinha sido minha professora, uma honra. Então a Maria Thereza Petrone, acho que tinha sido da banca, falou assim: “você fez aquele concurso monstro, e já tem artigos publicados” e eu já tinha dado aula na ECA, porque enquanto eu esperava sair a nomeação para o IEB eu dei aula de História do Livro, de Referência Bibliotecária, em 1967, 1968.

Paulo: Eu anotei isso aqui, depois eu queria falar.

Heloísa: Aí eu dei aula na ECA, e na Escola de Sociologia [e Política de São Paulo], enfim, estava esperando sair a nomeação, porque ali era tempo integral. A Maria Thereza falou assim: “você não vai fazer mestrado nenhum, você vai fazer doutorado direto”. Então não tenho mestrado, eu fiz o doutorado direto, fiz o projeto e comecei a fazer as disciplinas da pós-graduação e defendi minha tese em 1976. Mas em 1974 peguei uma bolsa do governo português, do Ministério da Educação, e fiquei lá praticamente um ano.

Paulo: Em 1972 têm duas coisas importantes, você participa do primeiro Congresso Brasileiro de Arquivologia e participa daquela comissão que vai fazer o currículo mínimo. Como foi isso?

Heloísa: É assim, o primeiro Congresso foi muito interessante, ninguém tinha ideia que no congresso era bom apresentar [pesquisa], ninguém sabia nada de teoria, porque as pessoas, como a Nilza [Teixeira Soares], eram todas bibliotecárias, eram do curso de secretariado, trabalhavam... A Gilda [Nunes Pinto], da empresa Furnas, era uma grande arquivista, mas ninguém tinha formação em Arquivologia. Então no primeiro Congresso não teve teoria, nem metodologia. O que teve foi cada um apresentar o seu arquivo. Eu fui lá apresentar um arquivo do IEB. O que era um arquivo de escritório, de políticos, de pessoas notáveis. Porque o arquivo do IEB era e é isso. Tem o arquivo da instituição, que



está lá na secretaria, e o arquivo do IEB é um arquivo cultural, um arquivo só de fundos que vêm de fora. Então eu apresentei um arquivo do IEB.

Paulo: Com o conhecimento que você tinha na área de História, ou você escolheu coisas na área de Arquivologia?

Heloísa: Não, era só apresentar mesmo. Meu arquivo é formado de tantas... nem se falava fundo, é formado de tantos arquivos pessoais. O IEB sempre teve muita fama de ser o arquivo de Graciliano Ramos, de Mario de Andrade, do Fernando de Azevedo, do Oswald de Andrade, então todo mundo estava interessado, as pessoas perguntavam muito e eu dizia o que tinha; tem tantos livros encadernados, tem cinco mil documentos, veio junto com a biblioteca, não veio junto com a biblioteca, era só isso que era dito. E as outras pessoas também, cada um apresentava seu arquivo, mas o congresso foi um espetáculo.

Paulo: Qual foi sua impressão do congresso?

Heloísa: Espetacular, pela primeira vez no país as pessoas viam a cara do colega. Ah, você é arquivista? Eu não sou uma ave rara, você também é arquivista. E cada um muito sedento de aprender, aprender coisas mais teóricas. Poucas pessoas tinham estudado no exterior, como a Nilza. Então foi muito valioso por isso. As pessoas se conheceram, deram conta que tinha uma teoria por trás [do seu trabalho] e o [José Pedro] Esposel na batalha para implantar os cursos superiores. Eu acho que o Esposel chamou aquelas pessoas pelo arquivo em si. A USP sempre tem uma marca de peso no país. Então, eu era a única que de alguma maneira lidava com um arquivo dentro da USP, e eles me chamaram, chamaram a Hâmida [Rodrigues Helluy], porque há anos e anos era uma professora de arquivo de empresa, professora no sentido que ela organizava empresas e dava pequenos cursos.

Paulo: Ela era aqui de São Paulo?



Heloísa: É. Já faleceu. Então me chamaram para aquela comissão, eu fiquei muito honrada e foi muito interessante. Aí se estabeleceu o currículo mínimo, mas claro que o Esposel trouxe todos os dados e foi discutido, e dali saiu muita coisa, daquele primeiro congresso. E eu fiquei então no IEB, mais voltada para meu doutorado, defendi a tese em dezembro de 1976 e aparece... Até o Lelo, meu marido nessa época, fazia parte de comissões na reitoria da Unesp, aqui em São Paulo, já era diretor, ele foi diretor em Marília, em Prudente, foi várias vezes diretor em Marília e em Assis. Aí ele trouxe da Unesp a papelada do curso da OEA. Falou: “olha o que apareceu lá na reitoria, você não gostaria de fazer? É um curso de arquivo.” Eu fui falar com o professor [Aderaldo] Castelo, falei: “olha, professor, do jeito que eu faço não é o jeito que se faz arquivo, mesmo para trabalhar com coleções” Ah, também me cabia coordenar as meninas de Letras que estavam organizando [os arquivos de] Mario de Andrade e de Graciliano [Ramos], e não tinha um profissional de arquivo. Aí ele disse: “sim, eu concordo com o afastamento”, então eu peguei o afastamento para fazer o curso. Sete meses, que foram valiosíssimos para mim porque realmente abriram totalmente um horizonte. Então ele tem o status que depois ficou, tanto do ponto de vista formal, na universidade, é curso de especialização. Mas era um curso de dia inteiro, naqueles horários espanhóis, aulas das nove às duas, depois das cinco às oito, durante sete meses, com grandes estágios, fizemos um estágio em Sevilha, outro em Florença, outro em Valência e com professores que eu já conhecia de nome, de procurar na bibliografia, como Vicenta Cortés [Alonso]; então realmente foi espetacular.

Paulo: Você era a única brasileira?

Heloísa: Não, eu e Angela Mader Machado que, depois descobri, é prima da minha nora, Malu Mader. Mas Angela Mader Machado era arquivista de arquivo corrente, ela era arquivista do Ministério do Planejamento, e ela também foi.

Paulo: E havia alunos da América Latina.



Heloísa: De uns 12 países. No Dante Alighieri, no científico fazíamos dois anos de espanhol, eu tinha uma base de espanhol, mas ali procurava treinar bastante o espanhol. Hoje eu acho que lido bem com espanhol. Foi muito interessante essa experiência, porque cada um tinha uma pronúncia e... “Não, não, não aprende com ele não, porque colombiano não é assim”, aí o peruano falava... e certas palavras que um usava... foi uma experiência interessante.

Paulo: Você considera esse curso uma experiência fundamental para você se posicionar na área?

Heloísa: Esse curso foi fundamental. Esse curso era um curso muito respeitado, porque quando eu fiz estágio em Paris, dois anos depois... Foi quando o prof. Castelo falou “a senhora já aprendeu arquivo suficiente, não dou licença para ficar agora mais dois meses em Paris”. Eu falei, “então dá minha licença prêmio”. Aí peguei licença prêmio, fui com meu dinheiro, às minhas custas, mas eu tinha as primas portuguesas, me arranjaram lá uma água-furtada, foi uma experiência espetacular. Mas o curso... tinha professor francês que dizia, “olha, é aquela aluna que fez o curso espanhol”, eles mesmos respeitavam muito. Foi espetacular.

Paulo: Antes de você falar um pouco mais do curso da França, eu queria falar de duas coisas da sua trajetória. Primeiro é em 1974, o segundo Congresso Brasileiro de Arquivologia, que é em São Paulo, queria que você falasse um pouco sobre isso.

Heloísa: O professor Esposel foi um pouco precipitado... claro é natural, São Paulo, tantos destaques em tantas áreas, ele falou: “vamos tentar fazer lá”. Ele tinha contato com um pessoal de arquivo corrente de algumas empresas, e eu tinha dito: “olha, eu sou do IEB, mas na universidade eu não sou do Departamento de História, eu não tenho peso para chegar para a reitoria e pedir dinheiro, pedir sala”. Eu falei, “eu vou poder ajudar muita coisa, montar o congresso, mas eu não vou conseguir [financiamento]...” Naquele



tempo era diferente, não tinha como hoje esses congressos com patrocínio, CNPq, essas coisas, nem Fapesp; e ele ficou falando com o pessoal, com uma empresa famosa de microfilmes...

Paulo: Cenadem.

Heloísa: É, Cenadem [Centro Nacional de Desenvolvimento Micrográfico] então, ele ficou de ajudar Hâmida, enfim, conseguiram fazer no Tuca, tinha um pessoal da PUC que ajudou e tal, mas isso é muito peso para a Biblioteconomia, muito peso, e... É até cômico, porque teve briga de bater o guarda-chuva na cabeça da outra... Tipo assim, as bibliotecárias: "aqui vocês não vão tomar nosso lugar". Como talvez já tenham tomado em alguns órgãos do Rio de Janeiro, "mas aqui, não". Então era assim, uma não aceitação por parte das bibliotecárias, mas elas foram lá para ver. Veio o prof. [Aurelio] Tanodi. Então algumas apresentações foram espetaculares, para mim o que ficou...

Paulo: Você estava na comissão organizadora?

Heloísa: Para mim o que ficou na história da Arquivologia foi o trabalho que a Nilza apresentou. Esse congresso vale por aquele trabalho da Nilza, que é sobre o circuito dos documentos, a rotina. Nunca isso tinha sido falado no Brasil. Ela é muito modesta em relação àquele trabalho. Eu queria que ela revisse aquilo, e que aquilo fosse publicado, porque pela primeira vez no Brasil alguém falava numa metodologia arquivística.

Paulo: Você conheceu a Nilza nesse congresso?

Heloísa: Eu conheci a Nilza nesse congresso e fiquei de boca aberta e com uma admiração espetacular por ela. Depois, quando morei em Brasília, na implantação do curso de Arquivologia, tinha grandes conversas teóricas com ela, toda vez que encontrava com ela aprendia muito. A primeira vez que eu ouvi falar em organicidade foi com ela. Porque o historiador tem aquela tendência a considerar o documento em si,



nunca pensar em contexto nem nada disso, nem organicidade, e esse trabalho foi espetacular. Mas é considerado um fracasso aquele congresso.

Paulo: É, não é?

Heloísa: Tanto que depois... depois vários foram no Rio de Janeiro, porque o Esposel sentia que precisava ter a força dele ali. Os outros congressos foram espetaculares, depois de 1986, 1988, eu fui praticamente a todos aqueles primeiros.

Paulo: Esse texto da Nilza não está publicado em lugar nenhum?

Heloísa: Todo mundo tem os anais... não tem os anais, claro que não. Anos e anos depois, graças a Nilza que fez revisão dos anais do primeiro congresso, estão publicados os anais, é um trabalho da Nilza. Mas eu tenho xerocado, já nem sei onde está. Mas todo mundo xerocava aquele trabalho da Nilza. Quando voltei da Espanha foi que comecei realmente o meu trabalho dentro da área, porque aqui em São Paulo eu era a única que tinha feito um curso. O prof. Litto, da ECA, que era um professor americano de Teoria da Informação, das coisas de Biblioteconomia, logo me chamou para dar aula na pós-graduação, tanto que eu dava aula com o nome dele, porque eu ainda não era cadastrada na pós, comecei a dar uma coisa básica de Introdução, Arquivologia, na pós-graduação da ECA.

Paulo: Você tinha uma boa relação com o pessoal da ECA?

Heloísa: Sim, porque eu cheguei a dar aula... eu acumulei com o IEB dois anos, eu dava Bibliografia Referência, eu fui professora da primeira turma da ECA, tinha Johanna [Smit], tinha Cristina que depois foi professora... muitos professores de Biblioteconomia saíram dessa primeira turma.

Paulo: Você teve várias experiências lá como professora. Você gostava?



Heloísa: Sim, eu gostava, mas sempre a minha preferência era acabar voltando para pesquisa histórica e século 18. Uma das coisas que eu destaco nas entrevistas que eu dou, eu sei que eu sou mais [conhecida] como arquivista do que como historiadora, porque historiador têm muitos e professor de arquivologia são poucos.

Paulo: Heloísa, fala um pouco mais do curso que você fez, do estágio na França, no Arquivo Nacional, em 1979.

Heloísa: Com esse curso de 1977, imediatamente quando cheguei da Espanha, comecei dar essas aulas na ECA, graças ao prof. Lito. Lá no IEB mudamos muita coisa na organização dos arquivos e aí começaram a me chamar pelo país todo. Se eu tiver que destacar alguma coisa na minha carreira, eu acho que foi esse papel; não propriamente como professora universitária de Arquivologia, o que fui por pouco tempo, foram três anos UnB e dois anos na UNIRIO, aí efetivamente eu dei aula na graduação, mas eu acho que mais esse meu papel, porque eu dei aula em todos os estados, com exceção do Rio Grande do Norte, Roraima, Rondônia e Amapá, com exceção de quatro estados, eu dei cursos de 40 horas, muitas vezes, até repetidamente nos mesmos estados, mas dei em todos os outros estados com exceção desses. Fui muitas vezes, não só nas capitais, dei aula na Ceplac, no sul da Bahia, no Museu [Emilio] Goeldi, fui muitas vezes durante anos e anos. Durante o ano eu ia durante três, quatro meses dar curso no Museu Goeldi [em Belém do Pará], me chamavam os arquivos públicos, as universidades, as instituições, dei aula em Santa Maria várias vezes. Enfim, eu dei aula em todas aquelas cidades da terra gaúcha, em Caxias, aquelas outras cidades do vinho.

Paulo: Região da Serra Gaúcha, Bento Gonçalves...

Heloísa: Bento Gonçalves, em Santa Catarina, Orleans, Blumenau, enfim, no Acre dei cursos duas vezes, Manaus, Cuiabá, Aquidauana [MS], eu acho que a minha principal contribuição para a área foram esses cursos e o entusiasmo que eu tenho pela área,



porque isso eu transmito. Se eu fosse contar minha carreira, os fatos, os testemunhos que eu tenho das pessoas... Como no Acre, um funcionário público: “eu trabalho há 20 anos no arquivo, nunca ninguém me disse que aquilo era isso”. Ou quando eu fiquei um mês dando aula em Angola, na verdade aquela vez eu fui mais por causa de indexação, mas acabei dando um curso de arquivo em indexação, e veio um general daqueles cheios de medalha... Eu fiz uma conferência sobre a importância dos arquivos, e tinha gente saindo pelas janelas em Luanda, eram aqueles anos horríveis da guerra, eu fui em 1985. Aí veio toda aquela elite do governo e da universidade, eles tinham já universidade, mas era tudo incipiente, e aquela penúria, eles passavam fome. Eu fui naquela época que tinha sabotagem, então explodiam mina, essas coisas. Eu disse: “olha, eu me sinto constrangida nesse país que procura agora se estabelecer com tanta dificuldade, com fome, e eu a dizer que no manuscrito precisa pôr uma folha de papel de seda japonês comprado...”, eu falei, “isso aí é constrangedor porque com criança passando fome, falar no papel japonês que tem...”. Aí um [senhor] grisalho, cheio de medalhas, disse: “a senhora, doutora, não esteja preocupada com isso, porque para nós mais vale saber a nossa identidade, mais vale a identidade, então esses documentos do passado são preciosos para conhecer nosso passado; então se é para passar fome, passa fome, mas esses documentos não podem se perder”. Já pensou? Até hoje me arrepio só de pensar. Então eu tenho muitas experiências desse tipo. Lá em Orleans também, uma documentação que ninguém sabia o que era, e no final foi uma coisa emocionante porque a prefeitura achava que aquilo era tudo para jogar fora, e eram documentos que mostravam os primeiros colonos, as brigas que eles tinham com os índios, então tenho muita experiência nesse sentido. Nesses pequenos cursos vinham alunos da História, da Biblioteconomia, mas também muitos funcionários, porque como são cursos rápidos, cursos de aperfeiçoamento, de atualização, então vinham funcionários que só tinham o curso primário. Quem trabalhasse em arquivo eles mandavam. Já tive uma experiência aqui em São Paulo, quando fui dar um curso de Diplomática, e uma menina que trabalhava em arquivo no Saesp, Sistema de Arquivos do Estado, me disse: “adorei a sua aula, achei tão bonita, não entendi nada, mas adorei sua aula”. Eu falei, “agora, aos poucos, você vai fazer os cursos elementares, porque isso aqui, vamos dizer assim, na



escala do seu aprendizado de Arquivologia está em quinto lugar, você chegar na Diplomática”. Então eu me orgulho disso, porque fui um caixeiro viajante, também fiz isso. Na Argentina o prof. Manuel Vázquez me convidou para Córdoba: “eu já fiz um périplo aqui para a senhora”, lá eu ia de ônibus. Porque na Argentina, naquele tempo, anos 1990, não havia ligação entre as cidades, mesmo as cidades grandes. É um país muito vazio, é um país macrocéfalo, o país tem vinte e não sei quantos milhões de habitantes e uns cinco milhões em Buenos Aires ou ali em Rosário, naquela região do Prata. Lá eu ficava na casa de uma colega, Norma [Fenoglio], dormia na casa dela. Dei um curso em Buenos Aires, outro em Córdoba, depois ia para Buenos Aires, saía meia-noite, chegava de manhã em Salta, Jujuy, Tucumán, ficava dois dias, fazia aqueles cursinhos rápidos, voltava. Eu sei que eu entusiasmava as pessoas porque eu falo da profissão, insisto nisso, que não é uma profissão de segunda, não é o historiador fracassado que vai ser arquivista. Então eu acho que eu contribuí para que muita gente realmente passasse a gostar da área.

Paulo: Heloísa, eu queria que você falasse sobre duas experiências fundamentais nos anos 1980. Os anos 1980 para o Brasil, de maneira geral, é a chamada década perdida, do ponto de vista econômico, mas para a Arquivologia acho que foi uma década muito rica e exitosa de projetos e iniciativas diversas. Você participou de duas iniciativas fundamentais, primeiro foi o projeto SAESP [Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo] no governo Franco Montoro, quando a diretora do arquivo era a Inês [Etienne Romeu] e depois o José Sebastião Witter, e em 1986, quando você está à frente da criação do curso de especialização do IEB, Organização de Arquivos, que é um curso considerado exemplar, foi um curso importantíssimo para a formação de profissionais de arquivo durante muito tempo, num período, nos anos 1980, em que tínhamos [apenas] três graduações, então foi um curso que formou muita gente, e não só de São Paulo, de outros estados também. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso.

Heloísa: Embora o sistema fosse posterior ao curso, eu vou falar primeiro do sistema. Na verdade, a primeira experiência que a gente teve nessa questão do sistema foi com o



SAUSP, o Sistema de Arquivos da USP. Nós tivemos o convite do reitor, ele pediu que isso fosse organizado antes da sua saída, que parece que seria em 1994. Ele pediu que fosse organizada uma comissão para pensar na questão dos documentos da USP. Então a reitoria chamou a profa. Ana Maria Camargo, a Johanna Smit, a Rose Inojosa, que era da Fundap, que é a fundação que o governo tem para aperfeiçoamento administrativo, e essa comissão, a Ana Maria, a Johanna Smith, a Rose e eu, com auxílio de alguns funcionários administrativos da reitoria, começamos então a montar o que seria o sistema de arquivo da USP, que hoje em dia floresce, funciona perfeitamente. Foi a metodologia participativa digamos assim, como a chamava a profa. Rose Inojosa, em que nós dávamos as diretrizes e os próprios funcionários dos arquivos iam preenchendo aquele “esqueleto” que a gente fornecia. Nisso a informática teve um papel importante, porque era tudo feito, para cá e para lá, através da informática, mas cada unidade da USP organizou a sua comissão de arquivo. Isso foi muito importante. A gente teve a colaboração tanto da reitoria como dos diretores, e essas comissões receberam um pequeno curso introdutório sobre arquivologia em geral, e depois a metodologia de como ia ser construído o sistema. A gente fazia reuniões periódicas e em dois anos [o sistema] estava montado e foi um trabalho muito importante. Depois, no Arquivo do Estado, a administração do governador Franco Montoro pediu para que também que se instalasse um sistema. Eles não tinham uma ideia clara de que era preciso instalar um sistema. Eles queriam que se organizasse a informação arquivística, os arquivos da administração pública do estado, então o governo Montoro teve esse papel importante. Chamou o mesmo grupo, o prof. Witter foi intermediário e foi o Francisco de Assis Barbosa que veio para fazer o aperfeiçoamento do Arquivo do Estado. Depois ele, com o prof. Witter, foram diretores... porque o prof. Witter foi [diretor] duas vezes, foi logo depois do Francisco de Assis, depois teve a Inês Romeu, depois o Witter voltou para direção do Arquivo do Estado. Então viram que aquela metodologia do SAUSP seria ideal para esse arquivo. Porque os participantes, quem estava no dia a dia do arquivo, foram construindo a metodologia com a gente. A gente dava a parte teórica, mas a prática deles também serviu, serviu e muito. Isso tudo muito amparado pela legislação. Então a gente teve testemunhos interessantes de quando a gente completou o sistema de arquivo da



USP, e muitos diretores disseram: “só agora que eu vi qual é a estrutura administrativa da USP, agora que o sistema foi publicado, com todo o organograma da universidade; precisou vir um sistema de arquivo para nos mostrar o funcionamento da universidade”. Então no estado foi utilizada essa metodologia. Também as secretarias de estado formaram comissões, elas receberam um pequeno curso e foi também esse vai e vem... nós mandávamos os questionários, vinham preenchidos, e no caso do SAESP, do Sistema de Arquivos do Estado, a comissão era pequena, porque comissão grande não funciona, os membros da comissão foram encarregados de, entre aspas, inspecionar como estavam funcionando essas comissões nas várias secretarias. Lembro que a mim coube a Secretaria da Saúde, a Secretaria da Educação, então de vez em quando ia lá, conversava e via como a coisa ia marchando, e depois de uns dois anos de trabalho, de preparativos, saiu a lei, o decreto do governador criando o SAESP, com a mesma metodologia que foi usada na USP, isto é, em vez de começar pelo plano de classificação, que era o que a gente aprendia nas aulas teóricas, que primeiro faça um plano de classificação, depois vem a bendita avaliação; nosso primeiro instrumento publicado foram as tabelas de temporalidade. Porque a tabela de temporalidade é que levantou as funções e os documentos pertinentes a cada uma das funções, subfunções das atividades, operações da USP, depois a mesma metodologia foi usada no estado; e se a gente examina a publicação vê, ali tem a função, a subfunção, a atividade. A qual atividade correspondem os documentos. E houve muito trabalho também na terminologia dos documentos, documentos iguais com nomes diferentes, tudo isso, essas arestas todas foram aparadas e hoje o Arquivo do Estado funciona perfeitamente sobre a base da temporalidade. E o Arquivo do Estado tem...

Paulo: Função importante de coordenação do sistema.

Heloísa: Isso, o Arquivo do Estado, com seu arquivo permanente normal. Mas tem também o que eles chamam de gestão dos documentos do estado, que é um departamento importante, atuante, sempre em contato com as secretarias e também dando amparo técnico aos municípios. Quer dizer, os documentos municipais não têm



nada a ver com os documentos estaduais, mas um amparo técnico, metodológico é fornecido pelo estado aos municípios.

Paulo: O SAESP é considerado por muitos, e eu já ouvi isso, um sistema muito bem-sucedido num cenário de dificuldades de arquivos públicos no Brasil, que você conhece, particularmente nos estados. Na sua opinião, que fatores determinam ou determinaram esse êxito do SAESP? O que marcaria essa diferença?

Heloísa: Até parece batido eu falar nisso, ficou banalizado a gente dizer: vontade política. Eu tenho testemunho que, quando um governador de um estado, com as dimensões do estado de São Paulo, como foi o Franco Montoro, sentava-se à mesa conosco, naquele tempo... depois essa comissão desapareceu, mas havia um Conselho Estadual de Arquivo, quando começamos a pensar no SAESP, esse governador ficava horas assistindo a nossa reunião, fazendo perguntas. Quer dizer, a autoridade máxima do estado estava não só interessada como estava procurando compreender o que era o sistema. Volto ao exemplo da USP, foi a mesma coisa, quando a reitoria, primeiro, a autoridade máxima, os diretores se convenceram que isso era bom que fosse feito, a coisa foi adiante. Então o apoio que a gente teve das autoridades, tanto na USP como no estado, foi da máxima importância. E isso é uma coisa que o Arquivo Público do Estado de São Paulo tem procurado sempre, fazer com que essa chama não se apague, quer dizer, que as autoridades das diversas secretarias continuem a compreender [a importância disso], e por isso o Arquivo do Estado está sempre publicitando o que ele faz. Porque as vezes parece exagero, parece que é demagogia, mas não é. Porque é chamar atenção, "olha, a gente não parou, a gente está continuando".

Paulo: Está buscando desafios, buscando inovação...

Heloísa: E a coisa está seguindo. Porque no país também existe muito aquele estrondo quando a coisa é lançada, depois sai do noticiário e nunca ninguém mais sabe se continuou ou não.



Paulo: Heloísa, gostaria que falasse um pouco do curso do IEB.

Heloísa: O curso do IEB surgiu da seguinte forma: em 1983, portanto quando as outras faculdades existentes já estavam formando mais de uma turma, estavam florescentes, o prof. Sebastião Witter, então diretor do Arquivo do Estado - era do Departamento de História [da USP], infelizmente faleceu no ano passado [em 2014], mas deixou uma obra importante como diretor do Arquivo do Estado [Arquivo Público do Estado de São Paulo] por mais de uma gestão. O prof. Witter me procurou e disse: "eu acho que está na hora da USP ter um curso de graduação em Arquivologia, você pode fazer o projeto?" Então, eu tomei os currículos dos cursos existentes, mais a minha experiência do que tinha feito na Espanha, as disciplinas, e a minha ideia, que era alguma coisa que não existia nos demais cursos de Arquivologia, dar mais peso às matérias que tivessem a ver com a administração, tanto pública como privada. Então, eu fiz um projeto, como se faz normalmente para a USP ao se tentar um curso novo. Você coloca as disciplinas que pretende que estejam presentes em cada semestre e, se são disciplinas já existentes na USP, você coloca o número USP, o número da disciplina com a sigla da faculdade. E depois as disciplinas novas, porque as que tem a ver com o curso novo estão em branco, isto é, são disciplinas a criar. Então, eu montei o curso usando disciplinas, evidentemente, já existentes na Escola de Comunicações e Artes, principalmente as ligadas à área de Biblioteconomia, que eram relativamente poucas, as disciplinas do Departamento de História, que também eram relativamente poucas, e as disciplinas novas, que ficavam em branco. O que eu pensei - e falei com o Witter e ele achou espetacular a ideia - era: não vamos apresentar isso na Faculdade de Filosofia nem na Escola de Comunicações e Artes, vamos apresentar na FEA, a Faculdade de Economia e Administração. Porque eu sempre digo isso, a Arquivologia tem muito mais a ver com Administração e Direito do que com História e Biblioteconomia. Então vamos apresentar à Faculdade de Administração. Ora, isso foi no final de 1983. Esse projeto chega na Congregação da FEA, os professores da Administração olham e não se dão conta de que aquelas disciplinas em branco eram disciplinas a serem criadas lá, e nem eram tantas, e começam



a contar as disciplinas que pertenciam à ECA e à História. E dizem: “ah, mas esse curso tem muita disciplina da ECA, esse curso não é para cá, esse curso é para a ECA. Eu acho que é engano terem apresentado isso à Administração.” Quer dizer, talvez tenha faltado na introdução que o prof. Witter e eu fizemos, de ter frisado mais que o lugar da área de Arquivologia, dentro de uma universidade, é junto [ao curso de] Administração. Então [o projeto] foi mandado para a Congregação da ECA. Aí a força da Biblioteconomia é muito grande, e elas falaram assim: “não, não interessa estar criando um curso novo, aqui na USP é sempre difícil um curso novo, mas uma especialização em Arquivo seria interessante aqui na ECA”. E eu, nessa altura, pertencia ao Instituto de Estudos Brasileiros, e o próprio diretor do IEB, prof. Aderaldo Castelo, não queria abrir mão de que fosse um curso também ligado ao Instituto. Então houve um entendimento entre os dois diretores, de que o curso seria uma iniciativa da Escola de Comunicações e Artes e do Instituto de Estudos Brasileiros. Mas sabe como essas coisas demoram, até ir para FEA, sair da FEA, ir para a ECA, chegou 1985, em 1986 foi dado o primeiro curso. Convidamos o prof. [José Pedro] Esposel, que veio fazer a apresentação. O prof. Esposel sempre foi muito a favor dos cursos de graduação, ele era contra esses cursos de especialização, porque isso alimentava um mercado de trabalho de pessoas não graduadas. Então ele fez um discurso muito bonito, para a gente foi interessante, só que...

Paulo: Ele tocou nesse ponto.

Heloísa: Ele falou assim, “espero que esse curso de especialização comece muito bem, chame atenção sobre a área, mas dure pouco tempo e seja logo substituído por uma graduação”. Aí todos nós concordamos, pronto. Mas aí até a gente explicou que por enquanto não estávamos visando esses meninos que saem do secundário com 17, 18 anos, estávamos visando profissionais de História, de Biblioteconomia, pessoas que estavam formadas em Letras e que estavam trabalhando em arquivo sem saber teoria e tal. E o curso começa a funcionar em 1986. Em 1986 e 1987 funcionou em dependências da ECA, depois houve um certo desinteresse do Departamento de Biblioteconomia, “não há sala, o horário vai atrapalhar”, uma certa má vontade, e o Instituto de Estudos



Brasileiros encampou. Continuava [sendo] ECA porque havia muitos professores da ECA que vinham gratuitamente dar essas aulas, mas o curso começou a funcionar só nas dependências do IEB. Mas ele foi estruturado como se fosse uma pequena graduação, tinha todas as disciplinas de uma graduação, tinha estágio e naturalmente a USP não tinha professores para todas aquelas disciplinas, principalmente para a área de Arquivo Corrente, Informática etc. Informática ainda tinha. Então os professores, sendo da USP, davam aulas gratuitamente, quer dizer, dentro do trabalho normal deles como professores, e o instituto pagava as aulas dos professores que vinham de fora. A professora de Arquivo Corrente era Rose Inojosa. Aliás, a Rose é formada em cinema, mas ela tinha trabalhado muitos anos no Arquivo Municipal, e muito tempo na Fundap, na área administrativa, e ela foi realmente a primeira professora de Arquivos Correntes, de maneira brilhante. Então o curso durou vinte anos, Era um curso que obrigava as pessoas estarem em São Paulo, porque era todo dia, tínhamos aulas de manhã e estágios à tarde, o curso variou entre 450 e 470 pessoas, até 600 horas/aula, dentro da legislação da USP para curso de especialização, e foi um curso vitorioso, pois tivemos alunos de praticamente de todos os estados brasileiros, tivemos alunos da Colômbia, do Peru, de Angola e Moçambique, e é um curso que nós acompanhamos... Eu fui coordenadora até me aposentar da USP, em 1990, e quando me aposentei continuei a dar aula lá, mas aí já não era mais coordenadora. O resultado que tivemos foi muito bom, quer dizer, [depois de] anos e anos a gente ainda tem ecos de pessoas dizendo "isso eu aprendi no IEB", e a gente tem testemunhos de alunos de graduação que vieram do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro "mas isso foi uma maravilha, porque foi como um resumo dos quatro anos que eu fiz na faculdade". Quer dizer, era como se fosse uma graduação de forma densa. E o curso foi naturalmente acompanhando a modernização, nas primeiras aulas usávamos transparências, depois passamos ao PowerPoint, e os alunos obrigatoriamente faziam estágio em Arquivo Corrente, nos arquivos da USP...

Paulo: O trabalho final o que era, uma monografia?



Heloísa: Primeiro, não era monografia, era relatório de estágio, dos dois estágios que eles faziam, obrigatoriamente. Faziam [estágio] de Arquivo Corrente nos protocolos de várias faculdades na USP, com os quais entrávamos em contato e eles aceitavam, e eram escolhidos, no Arquivo Municipal e no Arquivo do Estado, partes de fundos dos quais os alunos faziam catálogo ou faziam inventário, um trabalho de descrição. O último curso foi em 2008, mas só acabou na verdade em 2010, porque mudou a legislação da USP em relação aos cursos de especialização, agora eles tinham que durar um ano e meio, os alunos tinham que defender um TCC, um trabalho escrito ao final, com defesa, e para nós esse TCC foi muito vantajoso, nós tivemos defesas de TCC sérias, com três professores, três examinadores, foi muito interessante, mas o nosso público não era esse, o nosso público era, por exemplo, funcionários de arquivos estaduais, do Acre, do Ceará, do Maranhão, que vinham com licença para ficar três meses.

Paulo: E ter que ficar um ano e meio...

Heloísa: O curso tinha que se espalhar... isto é, o curso começou a ser só as sextas-feiras, assim mesmo tivemos muitos alunos do interior que viajavam e vinham e voltavam; mas já um funcionário público não pode ficar um ano e meio em São Paulo só para ter aula sexta-feira. Então o público mudou.

Paulo: Também houve o crescimento da graduação no país.

Heloísa: Pois é. Outra coisa foi que, com a aposentadoria da profa. Yeda Dias Lima, de Paleografia, ela foi a última das professoras do curso a se aposentar no IEB, isto é, no IEB já não tinha [um professor que pudesse] ser coordenador, um professor que desse aulas. Provisoriamente ainda ficou a profa. Flavia Toni, mas ela é uma especialista em Música, trabalhou em muitos arquivos privados de músicos, ela dava aulas sobre organização de documentação musical, e ainda ficou nos últimos anos, mas já não era um professor que tivesse acompanhado o curso. Depois, houve o aparecimento de um curso em uma das universidades estaduais. Em Marília, em 2006, 2007, abriu o curso de Arquivologia. O



crescimento, [o surgimento de] outras faculdades de Arquivologia em outros estados, e, principalmente, foi cada vez apertando mais a exigência legal do diploma de Arquivologia nos concursos públicos. As pessoas reclamavam, porque era um curso puxado. Eu sempre dizia assim, eu me responsabilizo pelos alunos que saem daqui, pois eles foram capazes de fazer esse curso. O curso era puxado, eles tinham muito trabalho de um dia para outro. Então, as pessoas diziam: “eu fico três meses, me sacrifico, faço o curso, eu sou capaz de fazer um concurso, mas não tenho direito de me inscrever porque não tenho título de arquivista”. Então isso fez com que realmente o IEB desistisse de continuar o curso, ainda que até hoje haja muita procura, gente que telefona “mas o curso não vai voltar...”, porque ele era principalmente para pessoas que já trabalhavam em arquivo. As aulas eram muito interessantes porque havia muita gente experiente e também vinha muita gente de fora.

Paulo: E tinha um bom corpo de professores.

Heloísa: Um bom corpo de professores, com gente que trabalhava, mas não tinha o título, a metodologia, enfim, os debates eram muito interessantes, e as diferenças regionais eram... havia sempre muita confraternização, havia alunos de fora que acabavam indo morar na casa de alunos daqui, havia uns que vinham sem recursos e o pessoal ajudava. Nós tivemos alunos do Acre que vinham passar os feriados e vinham de ônibus! Então a experiência foi muito interessante. E os resultados a gente tem até hoje, alguns foram fazer a graduação de Arquivologia e outros, mesmo com outros cargos administrativos, com outro nome, digamos assim, de registro profissional, mas trabalhando em arquivo... Por exemplo, eu visitei um arquivo do Fórum de Juiz de Fora. Tinha uma menina que trabalhava no Fórum e eles não deram licença para ela fazer o curso da USP, aí ela pediu demissão, morava cada semana na casa de uma colega, fez o curso, voltou, e foi readmitida lá. Depois eu fui dar um curso em Juiz de Fora e fui visitar o arquivo. Quando eu vi plano de classificação que a menina fez para o Fórum, eu disse “menina, onde você aprendeu tudo isso?”, “no curso do IEB”. Daquele jeito, de favor dos colegas... Então são muitas emoções. No passado, eu estava num restaurante no Rio de



Janeiro com o Toni, e veio um senhor, e disse: “professora, professora Bellotto...” O Toni até espantou. Quer dizer, “eu fui aluno, há 20 anos, do curso do IEB, eu sou do Acre, eu era funcionário de uma secretaria...”, e estava numa mesa com amigos, e começou a falar do curso do IEB, e eu claro que nem lembrava mais dele. Então essas experiências são gratificantes. E muitos são professores de Arquivologia, a coordenadora do Saesp foi aluna do curso, o prof. Renato [Tarciso] da UnB, o André [Ancona Lopez], Ana Célia Rodrigues quer dizer, a Yeda Bernardes Pimenta que é do Arquivo do Estado. Então os que trabalhavam, agora estão aposentados, do arquivo do IEB, fizeram o curso, e essas pessoas de outros estados, a atual diretora do arquivo do Museu Goeldi, e dos arquivos estaduais, da Paraíba nós tivemos muitos alunos, mas o estado que mais mandou foi o Pará. Nós tivemos 19, entre os vários anos, entre o Museu Goeldi e o Arquivo Público vieram muitos e muitos do Pará. De Manaus também. São pessoas que trabalham nos arquivos estaduais. A maioria era mesmo formada em História, e muitos são até professores de Arquivologia ou trabalham em arquivo, mas claro, sem o título. Eu acho que o curso representou um papel na história da Arquivologia do país.

Paulo: Sem dúvida. Heloísa, nessa mesma época, nos anos 1980, a Ana Maria Camargo vai dirigir o arquivo de Rio Claro que é importante. Quando você conheceu a Ana? Foi nessa época ou você já conhecia a Ana Maria?

Heloísa: Eu conheci a Ana Maria no Departamento de História, da ANPH, Associação Nacional dos Professores de História, pois ela, praticamente desde a graduação, sempre trabalhou ali como monitora, se formou e logo se tornou professora do departamento. Então eu já a conhecia desde o tempo que fui professora de História lá na Unesp. Porque, claro, a Ana Maria e a Raquel Glazer, esse grupo todo, eles se formaram na faculdade, ela saiu em 1964, quer dizer, ela não chegou a ser nem minha caloura, ela entrou na faculdade quando eu já tinha saído. Mas um dos trabalhos que ela fez, como aluna, com seus colegas, foi do prof. Eurípedes Simões de Paula. Era um grande projeto chamado “Fontes primárias da cidade de São Paulo”, e até meu marido, Manoel Bellotto, em várias cidades onde moramos, ele fez [colaborou com] esse projeto e mandava [o material] para



o prof. Eurípedes e ele ia reunindo. E a Ana Maria, a Raquel, a Dulce Ramos, elas trabalharam também nesse projeto das fontes. Quer dizer, não só na História, mas também através dos arquivos, nós nos encontramos. Devo a ela, por exemplo, uma série de artigos que ela publicou na revista do arquivo de Rio Claro [Boletim Arquivo Rio Claro], e que depois deram origem ao livro Arquivos permanentes. E a Ana Maria hoje tem um papel muito importante, porque ela é uma teórica, ela é professora de Metodologia da História, e ela voltou-se para os arquivos, primeiro dedicou-se muito à questão dos arquivos municipais e agora aos arquivos pessoais, para os quais ela é uma autoridade na teoria, na metodologia.

Paulo: Não só nacional, mas internacional também.

Heloísa: A metodologia dela para organização de arquivos pessoais é revolucionária, ela é muito respeitada na Espanha, em Portugal.

Paulo: Heloísa, ainda falando de certa forma da Ana Maria, no final dos anos 1980, o núcleo da AAB [Associação dos Arquivistas Brasileiros] de São Paulo toma a iniciativa de criar o grupo de trabalho de terminologia arquivística, que vai resultar, logo em 1990, na publicação de um dicionário brasileiro. Queria que você falasse um pouco dessa experiência e da importância desse trabalho.

Heloísa: Quando o Conselho Internacional de Arquivos lançou o dicionário, nos anos 1980, e solicitou que os vários países fizessem as respectivas traduções, dando a liberdade de que fossem acrescidos termos próprios da sistemática daquele país e tal, e que fossem feitas tentativas, fossem entregues, fossem tornadas públicas para que as pessoas discutissem, mandassem sugestões etc., então o grupo dos arquivistas, aqui eu digo arquivista como aquelas pessoas que trabalham em arquivo, não propriamente pessoas tituladas, isto é, formadas em Arquivologia ou provisionadas, como eu, que sou das poucas provisionadas [ainda] vivas, então nós logo pensamos em fazer essa tradução com base no dicionário do Conselho Internacional de Arquivos. E foi importante, era uma



equipe formada por pessoas que ainda hoje estão na área, a Viviane Tessitore [da PUC-SP] e o pessoal do Arquivo Municipal e outras que trabalhavam no Arquivo do Estado. E então foi lançada em 1990, e acho que em 1996, uma outra edição mais atualizada, depois apareceu a tradução feita pelo Arquivo Nacional, e, naturalmente, sendo a publicação do Arquivo Nacional ela é considerada a tradução oficial do país para o dicionário de terminologia arquivística internacional. Eu acho que foi importante esse dicionário, tanto que os alunos usam dicionário de São Paulo, um do Rio de Janeiro... é bastante semelhante porque nenhum foi inventado, está baseado sempre no dicionário do Conselho Internacional de Arquivos. Mas de todo jeito, essa uniformização da terminologia é muito importante para a área, uma área não se constrói sem ter metodologia própria, a terminologia, uma certa uniformização nos currículos das escolas superiores, para que afinal todos os profissionais acabem falando a mesma língua.

Paulo: Em 1990 você participa da concepção da criação do curso da UnB, como você comentou agora há pouco. Foi coordenadora do curso e foi professora por aproximadamente três cursos, em torno de três anos. Queria que você falasse um pouco sobre essa experiência e o que ela significou. Ela é vista como referência, na medida que você tinha durante um bom tempo três cursos, que foram criados nos anos 1970. Sobre esse curso da UnB, passados dez anos ou um pouco mais da criação dos primeiros cursos, o que, na sua, visão trouxe de acúmulo esse período, de inovação, o que significou a concepção desse curso?

Heloísa: Mais uma vez eu chamo atenção para o papel da Nilza Teixeira Soares, porque ela nessa altura, acho que já estava aposentada do Arquivo da Câmara Federal em Brasília, mas ela, juntamente com a profa. Lídia Alvarenga, que era uma professora que tinha vindo de Minas Gerais para o curso de Biblioteconomia da UnB, sentiu a necessidade de abrir um curso de Arquivologia na UnB. E as duas conversavam muito, já tinham material para lançar o projeto de um curso, e pensaram no meu nome, eu ainda estava na USP, mas eu tinha tempo para aposentadoria, não por idade, mas por tempo de serviço. A proposta delas era tentadora, que eu fosse para Brasília, contratada pela



UnB, para implantar o curso da maneira como eu queria. Cheguei a conversar com elas que ia dar muita importância às áreas de Administração e Direito. E elas gostaram e me incentivaram.

Paulo: E não houve resistência da Biblioteconomia, nesse caso?

Heloísa: Não. Lá foi interessante. Não houve porque também estiveram muito presentes os professores da Biblioteconomia de lá. E era mesmo uma professora da Biblioteconomia, no caso, a Lídia Alvarenga, que estava concordando com isso. Aí elas disseram: “então você pode estar aqui em dezembro?”, eu disse: “não, em dezembro eu já tenho a viagem marcada”, que a gente ia passar o Natal com a família lá em Portugal. Elas disseram: “mas não tem importância, você vem conosco nessas aulas...” Porque novembro, mais ou menos, tinha saído a minha aposentadoria da USP. Elas falaram comigo durante o ano, então eu já estava pensando... eu não estava pensando, não, eu pedi a aposentadoria mais por causa disso, porque eu achei que era um projeto tentador. Interessante porque aí foi feito o contrato, tudo, e esse contrato aparece na aldeia da minha sogra lá em Portugal. Era um papel da UnB, então a aldeia inteira sabia que tinha uma universidade de Brasília, porque é uma aldeia muito pequena, que nem tem entrega de correio, nem nada, tudo chega no correio central, e a senhora do correio central sabe da vida de todas as pessoas da aldeia. Eu tinha dado o endereço de uma das primas lá de Portugal, e chega aquilo, eu assinei o contrato, e fiquei de voltar, mas esse contrato foi assinado em dezembro, e em janeiro a gente voltou e eu logo fui para Brasília. E o projeto então foi apresentado com muitas disciplinas de Direito, de Administração e as da Biblioteconomia e algumas novas, com pessoas a serem contratadas. O departamento aceitou, mas alguns departamentos, como o de Administração, estranharam um pouco, mas mesmo eles gostaram. Esses cursos, quando você monta, por razões de falta de verba e tal, eles não podem contratar um professor de Administração para dar aula no curso de Arquivologia, quer dizer, os nossos alunos têm que assistir as aulas lá. Então você não pode pôr qualquer disciplina. Havia certas disciplinas que eu tinha posto porque eu tinha visto no currículo deles disciplinas espetaculares, só que elas tinham pré-



requisitos, pré-requisitos que os alunos do nosso curso não fariam. Então o pessoal de Direito me chamou, disse: “essa disciplina de Direito Administrativo, não pode ser porque precisa ter feito isso, isso e aquilo”. Eles mesmo aconselharam, “o ideal para vocês é IDPP, que é Instituições do Direito Público e Privado”, essa disciplina vai calhar muito bem, que os meninos da Arquivologia venham aqui porque eles vão entender. E assim foi, a Administração também, eles mudaram um pouco, mas concordaram com aquele número de disciplinas. Mas me chamaram nos departamentos, e eu fui, porque a UnB deu um apoio muito grande, logo me arranjaram apartamento, já fui para morar lá dentro da universidade; e apenas um professor de Direito falou: “eu estranho que tenha essa disciplina de ‘diplomacia’”, e eu falei: “Diplomática é o seguinte, é o estudo intrínseco do documento, estrutura do documento, para entender as partes...”, “ah, não é diplomacia?”, “não, é Diplomática”. Mas foi muito bem recebido. E realmente já mexeram nesse currículo, já diminuíram o jeito que eu tinha deixado. Por quê? Algumas disciplinas da Administração, os meninos começaram a reclamar “a gente tem que aprender a fazer orçamento, para que eu tenho que aprender a fazer orçamento?” Aí eu fui lá para explicar para o professor. “Eles têm só que reconhecer”. Outras disciplinas de Administração foram boas, deu certo, mas essas mais técnicas, “eles têm que reconhecer, mas eles não precisam fazer o orçamento”. Até lá, nos primeiros tempos foram bem legais, mandavam um mestrando, um doutorando, um assistente, ele vinha e só explicava o que era, mas não como fazer. Claro, sempre tem esses desajustes. E algumas disciplinas da Biblioteconomia, por exemplo, tem Inglês Instrumental nos currículos, eles assistiam junto com a Biblioteconomia, aí a professora dava artigo de química, qualquer coisa para eles resumirem, em inglês. Aí eu fui falar, “artigo para esses alunos de Arquivologia, não interessa nada”. “Mas um dia pode trabalhar com química, com física, sabe lá em que biblioteca. Isso sim, se a pessoa vai trabalhar na biblioteca de química”. “Mas não interessa nada”. Falei assim: “custa para você dar um decreto, pega um edital, recorta de um jornal, dá um edital para eles traduzirem”. “Ah, professora, não é a mesma coisa, porque eles têm que prestar atenção numa coisa...” quando eles colocaram a palavra-chave, a palavra-chave de química é só o [autor] entende o que está ali; agora, no edital, se na palavra-chave ele não põe que é de um condomínio de um prédio... enfim, mas aí



deu certo. As matérias da Biblioteconomia, os professores entenderam. Por exemplo, a professora de Indexação também, dava artigo, porque eles têm que resumir artigo, e para nós tem que resumir decreto, também não é a mesma coisa, porque no decreto não é só o assunto. Isso foi tudo ajustado, no tempo que eu fiquei lá... mas depois eu perdi o contato com as modificações. Mas lá eu dava aula só de Introdução e de Diplomática. Ao contrário do que pensam muitas pessoas, e não é só na área de Arquivo; todo mundo acha assim, que para dar Introdução pode ser o recém-formado, a pessoa que não tem experiência. Introdução de qualquer coisa, só vai dar o "basiquinho", três idades, o que é arquivo, história dos arquivos, qualquer um pega um livrinho, chega lá e reproduz. Quando, na verdade, Introdução é síntese, e só pode fazer síntese quem tem muita experiência. Eu sempre falo isso, quem tem que dar Introdução em História é o Sergio Buarque, é a Alice Canabrava, esses têm que dar Introdução. Até hoje eu vejo que nesses cursos novos, Introdução se dá para o professor novato. Aí o novato pega o meu livrinho de Arquivos permanentes... Uma vez me perguntaram, na Unirio: "porque a senhora dá Introdução?", e ao mesmo tempo Diplomática é colocada no oitavo semestre como fosse o suprassumo da especialização, quando Diplomática também tem que dar no primeiro ano. Agora eu estou convencida que tem que dar Diplomática no primeiro ano, porque a Diplomática vai dizer o que o arquivo tem de diferente dos outros. Tanto na Unirio como na UnB eu sempre dei Introdução. Na UnB dei também Arquivo Intermediário, dei várias disciplinas, mas eu gostei muito daquela experiência, e é um curso que ainda hoje vai assim de vento em popa.

Paulo: Heloísa, você já falou um pouco sobre as relações da Arquivologia com a História, com a Biblioteconomia, sua visão sobre ela com a Administração, que você acha importante. Queria que você falasse um pouco dessa relação da Arquivologia com outras diversas disciplinas, e como você vê, por exemplo, a relação que existe no Brasil, sob vários aspectos, com a questão da Ciência da Informação. Na minha visão a Arquivologia está em busca de uma autonomia acadêmica, científica, disciplinar, e alguns continuam falando e falam das disciplinas da [Ciência da] Informação. Queria que você falasse um



pouco sobre isso, como você vê isso, analisando também a relação dela com essas outras disciplinas.

Heloísa: Bom, as pessoas com quem eu tenho tido mais contato, colegas, eles sabem a minha posição a respeito. Eu até brinco dizendo que estamos voltando atrás, a 1911, quando a FID, Federação Internacional de Documentação, resolveu se reunir e achou que, realmente, era preciso separar a Arquivologia da Biblioteconomia e desde então o caminho da Arquivologia foi se fazendo pouco a pouco, e culminou com a criação do Conselho Internacional de Arquivos, próximo dos anos 1948, 1949, 1950, o primeiro congresso em 1951. E a progressão foi essa, digamos, na metade do século 20 há uma separação, digamos assim, na formação, na atuação profissional, no objeto de trabalho, o que era objeto da profissão arquivista, o que era objeto da profissão bibliotecário. Independentemente do aparecimento de internet ou não, do mundo digital ou não, são mundos separados. Então, o fato de se dizer que se trabalha com informação, que se trabalha com documento, isso não quer dizer que as áreas venham a se reunir, e, sobretudo, eu vejo com muita preocupação essa aproximação que está havendo nos cursos de Arquivologia no Brasil. Porque o Brasil estava à frente de outros países que ainda tinham os cursos junto; Ciência da Informação era meio confuso, inclusive nos Estados Unidos, há diplomação de arquivista com formação de bibliotecário, e o Brasil nasceu independente. Os cursos de Arquivologia nasceram totalmente independentes. E agora eu vejo alguns cursos universitários em que a disciplina Classificação é dada por bibliotecário, justamente a Classificação. Quer dizer, é muito, muito diferente o que é classificação de documento de arquivo, o que é classificação de livros, artigos etc., independentemente se é eletrônico ou não. Então, isso não quer dizer que não haja teoria da informação, sociologia da informação. Informação é um campo muito amplo e não é que a gente tenha que tirar tudo que seja relativo à Informação dos cursos de Arquivologia. Mas essa autonomia que parecia que estava assegurada para a arquivologia no Brasil, agora... nas próprias agências governamentais, o CNPq, Capes, está embaixo de um guarda-chuva chamado Ciência da Informação. Porque então toda a área de Comunicação, de Jornalismo não está?! Eles trabalham com informação



também, mas eles têm a sua independência, a área da Comunicação. Então eu não vejo com bons olhos. Pode examinar a formação dos professores dos atuais cursos de Arquivologia, têm muitos professores que têm formação só em Biblioteconomia, e estão dando aula dentro da Arquivologia. Pessoas formadas em Arquivologia, houve um tempo em que tinham um desprezo ou uma ojeriza, uma preocupação com professores como nós que vieram da área da História, mas todos nós que viemos da área da História, soubemos muito bem num certo momento ver o que era só da Arquivologia, o que era só da História e conseguimos ser professores de Arquivologia, só de Arquivologia. Mas parece que alguns professores vindos da área da Biblioteconomia ainda não entenderam a especificidade do documento de arquivo. E também todo mundo sabe que eu não quero mais usar a expressão “informação arquivística” porque isso não existe. É uma informação que está num documento, que agora está no arquivo, mas não nasceu para ser documento de arquivo. Então é preocupante. E eu, que ficava tão contente quando diziam, vai abrir um curso novo de Arquivologia, agora fico muito preocupada, porque eu vejo um panorama desses cursos surgido nos últimos dez anos ou menos que isso... A gente vê muito mestrado, muito doutorado em Arquivologia, mas de pessoas que já são da área, de pessoas que trabalham em certos órgãos governamentais. Vou dar um exemplo, da Casa de Rui Barbosa, de museus, de lugares nos quais as pessoas já tem um lugar assegurado, vamos dizer assim, tem um bom emprego, eles não querem ser professores. Porque eles se sentem bem nesses empregos, nessas instituições culturais. E eles fazem doutorado, fazem mestrado, mas não vão ser professores. Agora, o professor da Biblioteconomia que já está ali estende um pouco a sua área de ação num curso que, para a cabeça dele, aquele curso é irmão, é igual, pode muito bem lidar com os mesmos princípios metodológicos e teóricos, e não é. E a Informática veio confundir mais ainda. Porque quando o objeto formal é livro, então é livro, se é documento de arquivo é documento de arquivo. E agora isso tudo é muito... pode ter formas idênticas e não ser a mesma coisa.

Paulo: Heloísa, queria te agradecer. Vamos parar essa primeira parte da entrevista e a gente pode continuar um outro dia, está bom? Obrigado.



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.



ARQUIVOLOGIA: MEMÓRIAS DE UMA CIÊNCIA ENTREVISTA COM HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Neire do Rossio Martins¹

Brenda Rocco²

A entrevista foi produzida no âmbito do projeto de extensão intitulado Arquivologia: memórias de uma ciência, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), coordenado pela Professora Brenda Rocco. Ele tem como objetivo desenvolver uma atividade de produção de fontes e referências por meio da História Oral voltado para os atores sociais que construíram e ainda compõem o cenário da Arquivologia no Brasil, a fim de

¹ Possui graduação em Biblioteconomia e Especialização em Planejamento e Administração de Sistema de Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1982,1989), Especialização em Organização de Arquivos pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (1987), Mestra em Educação, na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte - programa Memória, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2012). Atuou na Universidade Estadual de Campinas tendo instalado e coordenado o Sistema de Arquivos (SIARQ-UNICAMP), 1995-2019.

² Possui graduação em Arquivologia pela Universidade Federal Fluminense (2004), especialização em Gestão Estratégica pela Universidade Candido Mendes (2007), mestrado e doutorado em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT-UFRJ. Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Arquivologia (DEPA) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

“reconstruir” a memória de tal área do conhecimento. Criar as fontes por meio de entrevistas mostrou-se fundamental, em virtude de resgatar nessas informações acerca da área, que, encontram-se na memória de quem vivenciou os atos e desenvolvimento da Arquivologia brasileira, não estando disponíveis ou registradas em quaisquer documentos ou livros.

Heloísa Liberalli Bellotto foi identificada como uma profissional de destaque, em virtude de sua história e participação na consolidação da Arquivologia no Brasil, sendo convidada a ser uma das entrevistadas no projeto.

Para facilitar a coleta do depoimento de Heloísa Liberalli Bellotto, a coordenação do Projeto, solicitou o apoio da equipe do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas. Participaram Neire do Rossio Martins, que fez os contatos e conduziu a entrevista, Telma Murari, que se encarregou da produção e Rodrigo Lizardi, como operador de vídeo e de fotografia. Heloísa recebeu com antecedência o convite e o roteiro pré-determinado pelo projeto e concordou com a gravação em vídeo, pedindo para que fosse uma conversa, para se sentir mais à vontade.

IMAGEM 1 - Equipe responsável pela entrevista e Heloísa Bellotto



A entrevista foi realizada no dia 19 de abril de 2019, na residência da professora Heloísa, em São Paulo.

A entrevista seguiu um curso livre, atendendo, sempre que possível, os contornos do roteiro, pois falar sobre aspectos da história da Arquivologia no Brasil despertou em Heloísa, naturalmente, muitas lembranças de pessoas com quem vivenciou e de suas experiências nos vários lugares e instituições por onde atuou, sobretudo, a entrevista a fez rememorar a sua trajetória de vida e a construção de sua carreira profissional.

A transcrição correu por conta da equipe do projeto: Jéssica Moraes (bolsista), Bianca C. Brito (colaboradora) e Brenda Rocco e revisada por Telma Murare e Neire Martins, antes de seguir para Bellotto finalizar e aprovar.

Heloísa fez intervenções e acréscimos que considerou pertinentes aos objetivos do projeto, reescrevendo vários pontos de sua fala. A seguir será apresentada essa última versão, aprovada para publicação, por sua filha Livia Bellotto, em 2023.

IMAGEM 2 - Neire Martins e Heloísa Bellotto





Neire: Essa entrevista com Heloísa Liberalli Bellotto está no contexto do projeto de extensão da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro [UNIRIO], denominado “Arquivologia: memórias de uma ciência”, coordenado pela docente Brenda Couto de Britto Rocco, do Departamento de Arquivologia.

Professora Heloísa... A gente vai seguir um roteiro que lhe foi apresentado e a entrevista transcrita passará por sua análise para ser encaminhada para publicação. Gostaria que fizesse um pequeno resumo da sua origem, de onde nasceu, seus pais, onde estudou, rapidamente, mais para...

Heloísa: Para começar...

Neire: Quero deixar claro aqui que, de acordo com a Brenda, nós vamos tirar essa parte mais pessoal também de outras entrevistas que você já deu e talvez aqui a gente vá dar um enfoque para sua principal área de atuação que é a Arquivologia. Embora essa seja uma entrevista de história de vida, acho que história de vida completa precisaria de muito mais tempo e como você já deu várias entrevistas... Então, por favor, a palavra é sua...

Heloísa: A gente começa pelo nascimento, não é? Eu nasci no Rio de Janeiro, no dia 23 de fevereiro de 1935 e aí fiz meus primeiros estudos. Meu pai foi convidado a trabalhar em São Paulo e então a família mudou para cá. Onde terminei o curso primário como então se chamava o ensino fundamental. Seguiam-se o curso ginásial e o colegial científico. Sempre me interessei-me muito por História e por Geografia. E foi esse o curso universitário pelo qual iria optar no vestibular, mas naquele ano de 1956, era o primeiro ano da separação e eu acabei optando por História. Mas um ano antes, meus documentos para inscrição no vestibular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo não chegaram a tempo do Rio de Janeiro. e não pude fazer logo a matrícula pro vestibular. Eu teria de esperar um ano e meu pai aconselhou-me fazer o vestibular da Biblioteconomia, que ainda estava em tempo, já que eu gostava tanto de lidar com eles nas bibliotecas que tínhamos em casa. Naquele tempo o único curso que tinha em São Paulo era da Escola de Sociologia e Política, atual FESP, né!?



Então eu fui fazer Biblioteconomia e naquele tempo era em dois anos. Quando eu entrei na História no ano seguinte, acumulei...

E nisso de ter acumulado meus primeiros estudos de História com Biblioteconomia, e nessa eu ter visto o quanto me interessei por Paleografia, disciplina que também tive no curso de História, surge à curiosidade e o gosto pelos documentos. E os professores de História começaram a falar muito em arquivo, mas arquivo sempre acaba sendo um lugar meio misterioso para o aluno, não é? Tínhamos a ideia de um lugar de papéis antigos, isto porque os professores eram de História, eles não falavam o que hoje muita gente sabe que o nenhum arquivo nasce histórico. Ele é parte de uma instituição, de uma empresa, de um órgão público ou é de uma pessoa, que vão acumulando documentos probativos das suas atividades, de sua vida. Então o documento de arquivo, que um dia foi criado e usado por determinada razão e depois foi encaminhado ao arquivamento. Mas isso, naqueles primeiros tempos de alunos de História, a gente só pensava nos documentos antigos, arquivo era lugar de documentos muito antigos.

Mas eu acabei me formando em História e comecei com a carreira que todos nós começávamos a de professor de História no ensino secundário. Depois, em 1964, acompanhando meu marido, Manoel Lelo Bellotto, que fora convidado para professor de História da América no Departamento de História no campus de Assis da UNESP, acabei por ser convidada para preencher a vaga que havia em História Antiga: dava aula de História Grega e História Romana. Em 1967 cheguei a fazer concurso público, escolhi cadeira de História em Cândido Mota, cidade perto de Assis, acumulando com a universidade, onde eu trabalhava em tempo parcial. Foi uma experiência curta, (pedi demissão em 1968), porém interessante e um tanto complicada: pela manhã eu dava História nas primeira e segunda séries do então curso ginásial. Imagine explicar a Antiguidade, falar em Egito, Grécia e Roma como pedia o currículo escolar para meninos numa cidade pequena como Cândido Mota, para os meninos que trabalhavam na lavoura, era um mundo totalmente inimaginável para eles... Era muito difícil, naquele tempo a gente não tinha os recursos da informática, os professores desenhavam, levavam cartazes, os meninos faziam representações teatrais... Imagine de manhã eu



dava aula para aqueles adolescentes, alguns até se interessavam e a tarde dava aula na Faculdade, para cujos alunos também não era fácil compreender aquela História tão distante no tempo e no lugar: Grécia de Roma...

Então, foi de 1964 a 1969 meu tempo de UNESP, sendo que em 1967 eu deixei as aulas de História Antiga e passei a uma disciplina vinda da Biblioteconomia e pioneira em faculdades de Filosofia: Bibliografia e Referência e, na verdade, era mais de acordo com meu gosto e formação. Sua finalidade era a de ensinar e treinar os alunos dos cursos que, em Assis eram naquela época, os de Letras, História e de Filosofia, como, onde e porquê buscar e usar obras de referência gerais e as de suas respectivas áreas, como fazer citação bibliográfica de acordo com exemplos internacionais e normas da ABNT. Mas, há um hiato nessa narrativa: é que, no primeiro semestre de 1968, pedi uma licença sem vencimentos na universidade, demiti-me do ensino médio para, com filhos e sogra, acompanhar meu marido que tinha uma bolsa de estudos e fazia pesquisas para seu doutorado em Espanha e Portugal. Assim, por conta própria, acabei fazendo meus primeiros estágios internacionais em torno justamente daquela disciplina, o que justificava meu afastamento, mesmo que sem vencimentos. Primeiro em Paris, de fevereiro a abril na redação do Bulletin Signalétique, que indexava resumos de obras recém-publicadas nas várias áreas científicas como uma das atividades do Centro de Documentação do CNRS (Conseil Internationale de la Recherche Scientifique). Fui designada para estagiar em Física, Matemática e Filosofia, pois ali o que contava era ser bibliotecária e não historiadora, portanto apta a fazer resumos e índices em geral. Neste estágio, eu devia conversar com os indexadores, em geral, profissionais aposentados daquelas áreas, entender seus métodos de trabalho, tirar dúvidas, observar originais e seus resumos etc. Enfim, treinar e praticar naquilo que eu já aprendera no meu curso de Biblioteconomia - fazer resenhas de livros e de artigos científicos. Ainda que o estágio fosse ciências puras e exatas, as técnicas eram aplicáveis à minha área de hoje - a das ciências humanas, especialmente as históricas e as da informação. Tomei muito gosto por fazer resenhas de livros, até hoje. Já publiquei mais de 80... O outro estágio de 1968 foi em Madri, ainda dentro da Biblioteconomia, em duas versões, na Biblioteca Nacional de Espanha. A primeira, na Seção de periódicos e a segunda, no Serviço Nacional de



Informação Documental e Bibliográfica, para aperfeiçoamento no serviço de referência, isto é, na orientação dos usuários diante de suas indagações de pesquisa. No meu retorno ao Brasil, aliás um tempo de profunda renovação em todo mundo, no segundo semestre de 1968, em consequência dos movimentos de descontentamento estudantil em Paris (sim, eu estava lá). Também no campus da UNESP de Assis, alunos e professores movimentaram-se em debates, cursos, palestras, seminários relativos aos novos rumos acadêmicos. Eu, então com toda essa bagagem de fora e daqui procurei um novo rumo para meu trabalho.

Em inícios de 1969 apareceu aqui em São Paulo na USP, no Instituto de Estudos Brasileiros, que havia sido fundado em 1963 e que estava constituindo seu corpo de pesquisadores, um concurso para a área de História. Via-se, pelas exigências do concurso que eu teria preparo para o cargo de Historiógrafo, porque este seria pesquisador da área, não professor. E eu, como tivera, além do curso de História, toda aquela formação em Biblioteconomia, e o aperfeiçoamento na Europa, via pelos editais do concurso que caberia também ao historiógrafo contribuir na orientação aos usuários da biblioteca e do arquivo, assim como trabalhar com o arquivo e preparar levantamentos bibliográficos e trabalhos historiográficos que fossem exigências do Instituto. Enfim, teria uma carreira de pesquisador de história. Eu achei interessante, vim fazer o concurso e passei e assim entrei na USP em agosto de 69 como historiógrafa.

Alguns anos depois, em 1972, a parte burocrática-administrativa da USP realizou mudanças na estrutura dos chamados institutos especializados, e passamos todos os pesquisadores, fossem os de História, como era o meu caso, os de literatura e os de Artes a serem não mais historiógrafos e sim pesquisadores das respectivas áreas e com direitos e deveres iguais aos dos professores. dentre os quais se incluía o IEB. Assim, teríamos que seguir carreira de professor, obrigando-nos ao mestrado e doutorado. Mas os orientadores tinham (e têm) autoridade para dispensar de mestrado quem já tivesse suficiente experiência em pesquisa e já tivesse suficiente produção de publicações e em ensino superior. Assim fui direto para meu doutorado em História, com tese defendida em 1976.



Antes de assumir no IEB, acabei sendo convidada a dar aulas de Biblioteconomia na Fundação Escola de Sociologia de São Paulo, então o único curso de Biblioteconomia em São Paulo, e depois, pude acumular com o IEB as aulas de Bibliografia e Referência na Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da USP. Em 1972 iniciei meu curso de Pós-Graduação em História na FFLCH da USP, interessando-me mais por história colonial luso brasileira, em especial, no século XVIII. Eu ajudara meu marido, Manoel Lelo Bellotto, que era professor de História da América, na sua pesquisa de doutorado, cujo tema era o Correio Marítimo no século XVIII entre Espanha e o Vice-Reinado do Prata, e eu ajudei muito, trabalhei muito com ele na pesquisa, tanto em Sevilha quanto em Buenos Aires, e acabei me fascinando pelas grandes transformações pelas quais passavam na época tanto a administração do império espanhol como do império português, levando-me à preferência por História Colonial Brasileira no meu doutorado.

Eu tinha facilidade de ler documentos do século XVIII porque, justamente, eu gostava muito da disciplina de Paleografia, tanto no curso de Biblioteconomia como no de História. Então, resolvi que na pós-graduação em História, eu iria escolher tema do século XVIII sendo já historiógrafa do IEB, teria de ser em assunto naturalmente em história colonial luso-brasileira, que já era mesmo área de meu interesse. A professora Maria Tereza Petroni do Departamento de História da FFLCH foi a orientadora que escolhi para o meu doutorado (pulei o mestrado com a concordância dela, já que eu já tinha trabalhos publicados, já lecionara no curso superior e já tinha a prática de pesquisa que o mestrado proporciona). E a escolhi porque na sua disciplina na Pós sobre a introdução do cultivo da cana-de-açúcar, que teve importante papel no reerguimento da Capitania de São Paulo na segunda metade do século XVIII, após o obscuro período de sua economia, terminado o ciclo das bandeiras. E neste curso eu então, tomei conhecimento do governo de Dom Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, que foi Governador e Capitão General de SP entre 1765 até 1772, que era um período pouco estudado e muito importante, pois esse governo acabou por preparar toda a quinada econômica e social que a capitania teve ao iniciar-se o século XIX. Em 1974 consegui uma bolsa de estudos do Ministério da Educação de Portugal e lá permaneci de março a outubro pesquisando em vários arquivos e bibliotecas dados



sobre a vida e atividades daquele Governador, antes e depois dos 12 anos em que permaneceu no Brasil. Em 76, me doutorei pela USP em História Social e Econômica, com a tese "Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus na Capitania de São Paulo (1765-1772)".

Quanto ao início do meu contato com a Arquivologia, quando ingressei no IEB o então diretor, Professor José Aderaldo Castello, por ser eu formada em História e Biblioteconomia, achou que eu poderia encarregar-me do Arquivo...

Neire: do Instituto de Estudos Brasileiros...

Heloísa: Sim, o Instituto de Estudos Brasileiros da USP como toda instituição tem seu arquivo técnico-administrativo, o seu arquivo corrente, mas ele se referia ao arquivo cultural da instituição, que já há anos estava recebendo arquivos pessoais, de escritores, já lá estavam o de Graciliano Ramos, o de Yan de Almeida Prado, juntamente com biblioteca. E acabara de entrar o arquivo do Mário de Andrade, que, na verdade, teve sua organização atribuída ao Setor de Literatura. Isto porque o IEB tinha na época três Setores, Artes, História e Literatura. Eu era pesquisadora da área de História.

Éramos 4 e nós realizamos nossas pesquisas próprias, além das ligadas aos eventos que o IEB patrocinava. Eu também fazia resenhas para a revista do IEB, escrevia artigos para essa e outras revistas, conferências e comunicações para congressos, às vezes vinha pedido de entidades públicas da capital ou do interior para transcrevermos documentos. Assim, eu não tive participação na organização do arquivo do Mário de Andrade e nem dos outros escritores que estão lá. O que calhou, sim, para mim e mais duas historiógrafas do IEB foi realizar a descrição unitária dos documentos da Coleção Lamago, que era uma coleção de manuscritos originais, a maioria esmagadora do século XVIII, mas também alguns do XVI, XVII e XIX. E aí realmente encontrei dificuldade, porque os nossos conhecimentos de História e os meus também de Biblioteconomia não nos diziam nada sobre classificação e descrição de documentos. Eu tinha muita prática e gosto (que é o que mais gosto até hoje: ler documento paleográfico e resumi-lo. Sempre gostei muito de indexação, de bibliografia e referência. Era matéria que eu preferia na



Biblioteconomia. Mas não era Arquivologia. Isso era outra coisa... Um mistério até que a Arquivologia apareceu na minha vida.

Em 1971 foi fundada no Rio de Janeiro a Associação dos Arquivistas Brasileiros por um grupo de arquivistas do Rio de Janeiro liderado pelo Professor José Pedro Esposel. Essa associação, em 1972, promoveu o Primeiro Congresso Brasileiro de Arquivologia, naquela cidade. Eu fui representando o IEB e apresentei o Arquivo do IEB de forma geral. Aliás, quase todos os trabalhos eram de profissionais vindos da Biblioteconomia, da História, da Administração, do Direito descrevendo cada um o seu arquivo, o que continham e como eram organizados (ainda não havia cursos de Arquivologia e, em geral, pouco se sabia de teoria e métodos, campeando repetidas práticas, pouco se falando em teoria e métodos). E durante o congresso, uma arquivista da Fundação Getúlio Vargas e que já era uma arquivista famosa, a Marilena Paes [Marilena Leite Paes] ...

Neire: Eu acho que ela era presidente da Associação...

Heloísa: Não, ela foi presidente depois. Na ocasião, o presidente era o Professor José Pedro Esposel, historiador e arquivista do Banco Central e que estudara Arquivologia no único curso que havia então, de um ano junto ao Arquivo Nacional, ele foi depois fundador e professor do curso de Arquivologia da UFF. Aliás, devemos a ele o começo da luta pela criação dos cursos de Arquivologia, que viriam a ser criados alguns anos depois. Voltando à Marilena Paes, sim, como já disse, ela foi presidente da AAB, porém depois, mas no congresso ela, que já tinha um livro publicado, que era, então, o único "Arquivo. Teoria e Prática", deu, durante o aquele 1º congresso, um pequeno curso introdutório de Arquivologia que para mim, foi bastante esclarecedor demonstrando que se tratava de um universo muito mais amplo do que eu imaginava. Lembro que antes do livro da Marilena, havia um outro pequeno livro da Heloísa de Almeida Prado, "A técnica de arquivar", ela que era uma professora também de arquivo no Mackenzie para os cursos de secretariado, portanto, visando um universo diferente do que era o arquivo do IEB.



Neire: O livro da Marilena ensinava a organizar arquivos....

Heloísa: Sim, e a verdade é que aquele pequeno curso me despertou: Ah! Então, arquivo é isso! E muito mais.

Neire: Ela já apresentou Schellenberg, você se lembra?

Heloísa: Sim. Ela apresentou, disse que era básico, falou dos arquivos americanos... Mas como o curso ali era muito simples, era mesmo introdutório. Ela era arquivista de uma fundação, portanto apresentou o que era um arquivo institucional de uma entidade, que no caso era a Fundação Getúlio Vargas. O pequeno curso não visava aprofundar teorias nem haveria tempo para abarcar o universo dos arquivos públicos. Mas, para mim, aquele curso foi fundamental. Voltei para São Paulo e comecei a ler muito sobre o assunto, o Schellenberg e outros trabalhos da Marilena. Em 1974, o segundo congresso da AAB foi aqui, o professor Esposel foi o grande movimentador...Querida a "adesão" de São Paulo ao desenvolvimento da nossa área no Brasil. A gente o considera o fundador da arquivística moderna no país. Ele com esse grupo de fundadores da AAB, que incluía Marilena, Helena Corrêa Machado, Maria de Lourdes Costa e Sousa, Maria Luiza Dannemann, Astréa de Moraes e Castro, Nilza...

Neire: A Nilza... É a Nilza Teixeira?

Heloísa: Sim. Quanto à Nilza... Foi ótimo você ter mencionado porque Nilza Teixeira Soares é um fenômeno a parte. Foi ela a pessoa com quem eu mais aprendi realmente o que é a Arquivologia. E..., tendo tido grandes professores na Espanha, na França, nos Estados Unidos. Mas a Nilza foi muito mais clara e um dia fala assim, que arquivo é uma coisa muito simples, é uma acumulação de documentos, mas é uma acumulação estruturada. Ela foi a primeira pessoa que me falou isso claramente: estruturada e orgânica. Porque mesmo nos cursos as pessoas falavam muito, coisa que hoje em dia a



gente reconhece, mas de forma menos contundente e clara. E o professor argentino Manoel Vazquez, de Córdoba...

Neire: Isso que eu ia falar...

Heloísa: Pois é, ele sempre bateu nisso, nessa acumulação orgânica e estruturada. Não é um amontoado de documentos e não é por um plano universal que é organizado, como é a Biblioteca. Tem que ficar muito claro na cabeça do arquivista a decantada organicidade entre os documentos. Por isso é, que em arquivo, enquanto você não entende o que é a entidade produtora dos documentos, você é zero para organizar arquivo. É muito diferente da Biblioteconomia, onde, você pode ser principiante, inexperiente, mas se você conhece os instrumentos internacionais da classificação, você vai lá na biblioteca de hospital, de banco, de universidade, de empresa particular... Tudo...

Neire: Organiza qualquer biblioteca...

Heloísa: Você organiza. Agora, no arquivo, não. Enquanto você não estuda a entidade na qual... onde se produz o arquivo, é sério, você não vai saber classificar.

Então, voltando à Nilza, ela era arquivista da Câmara de Deputados, para os arquivos correntes e a Astréa de Moraes e Castro era do arquivo histórico. Já eram lá no Rio e assim continuou depois que a Câmara foi para Brasília, com todo o governo federal, em 1960.

Neire: A Astréa tinha uma irmã também?

Heloísa: Não sei, conheci uma filha dela...

Neire: Ah, filha!



Heloísa: Ela tinha a filha trabalhando com ela em Brasília. A menina era do Ministério de Planejamento, depois até escreveu um livro junto com a mãe. Mas a Nilza, eu digo que é um fenômeno a parte porque a Nilza daquele grupo todo, ela era a única que tinha estudado diretamente com o grande teórico da área, o T.R. Schellenberg. O nosso Arquivo Nacional tinha uma herança de orientação francesa na organização do acervo. Até que um de seus diretores teve a ideia de convidar o Schellenberg que veio ao Rio de Janeiro dar uma orientação técnica arquivística à aquela instituição. E depois ele escolheu as pessoas que iriam estagiar com ele, e a Nilza foi uma delas, juntamente com Manoel A. Wanderley, que quando regressaram foram os autores da tradução brasileira do Manual de Arquivos do mesmo Schellenberg.

Neire: Manoel Wanderley?

Heloísa: Sim, julgo que ele trabalhava no Arquivo Nacional. Então, veja, a Nilza... se o Schellenberg foi o papa da Arquivologia, a Nilza foi aluna dele, trabalhou com ele, aprendeu com ele....

Neire: Traduziu o livro dele.

Heloísa: Pois é. Então quando ela voltou aplicou tudo o que aprendeu. Mas, ela que tinha tido a formação em Biblioteconomia, sempre foi mais voltada para os arquivos correntes na Câmara, então o arquivo histórico ficou mais com a Astréia que era formada em Direito, mas tinha muita prática de arquivo em geral. A Nilza começou por estudar as rotinas burocráticas da Câmara por causa dos arquivos correntes. Mas a Nilza sempre é modesta, ela não fala, não admite, mas sempre foi uma teórica. Mas você lê aqueles trabalhos dela apresentados em congressos ou em palestras, aí ela mostra como é que se vai levantar rotinas para chegar à conclusão de quais são as funções da entidade e que cada função tem várias atividades e como estas provocam a produção dos documentos, não é? Então, a Nilza realmente... Mas a Nilza nesses congressos, por exemplo, nunca aceitava dar cursos. Nada disso. Ela sempre foi muito modesta...



Neire: Escreveu artigos em revistas...

Heloísa: Muito poucos. Eu a acho a pessoa das mais importantes da minha carreira. Quando, em Brasília, anos mais tarde, de 1991 a 1993, quando eu fui a primeira coordenadora e professora do curso de Arquivologia da UnB, eu conversava muito, arrancava tudo dela, assim... As coisas que ela sabe na teoria e na prática e vai, sem querer, nos dando magníficas aulas...

Mas, voltemos aos anos 70. Em 1977 tive conhecimento das bolsas de estudo que a OEA [Organização dos Estados Americanos] dava para candidatos que trabalhassem com arquivos em qualquer país da América Latina para fazer um curso de Especialização e Organização de Arquivo durante seis meses em Madri. Eu já tinha defendido o doutorado em dezembro de 1976 e candidatei-me pelo Arquivo o IEB, onde vinha desenvolvendo com as outras historiógrafas, Lucy Maffei Hutter e Arlinda Rocha Nogueira a descrição unitária de importantes manuscritos principalmente dos séculos dezoito e dezenove da Coleção Lamego.

E aí, na Espanha, definitivamente, minha mente se abriu para um conhecimento abrangente de arquivo porque era um curso completo como se fosse uma graduação. Eram oito ou nove disciplinas, tínhamos de apresentar trabalhos escritos, tivemos estágios de uma semana ou pouco mais, em período integral: um, de arquivo intermediário no Archivo General de la Administración em Alcalá de Henares, outros três estágios em arquivos históricos, o do Reino de Aragón em Valença, outro estágio no Archivo General de Índias (com documentação relativa às colônias na América) em Sevilla e outro estágio em um arquivo regional, em Orense na Galícia. As passagens ferroviárias e as estadas em hotéis, era tudo financiado pelo OEA.

Neire: Quem coordenava era a Vicenta Cortés?

Heloísa: Sim, Vicenta Cortés era a coordenadora do Curso. Grande arquivista, grande professora, completamente apaixonada pela profissão. Esse curso tinha começado a funcionar em 1962 e durou mais ou menos 20 anos, quase o mesmo tempo que durou o



nosso curso aqui da USP, que implantei baseado totalmente na grade curricular que tive em Madri e que persistiu até 2008 no IEB.

Neire: Tinha bolsa em Córdoba da OEA também, não é?

Heloísa: Sim, na Argentina, na Escuela de Archiveros em Córdoba havia o mesmo curso da OEA, dado por professores daquela tradicional Escuela e que também durou bastante, não sei precisar quantos anos.

Um as arquivistas do Arquivo Municipal de Rio Claro e também umas de Brasília, sei que fizeram curso de Córdoba, que, salvo erro, tinha a mesma duração do de Madri: cerca de 5 meses. Aquela menina de Rio Claro...

Neire: A Pagnocca?

Heloísa: Sim, a Ana Maria Penha Pagnocca fez o curso de Córdoba. Ela fez um bom trabalho naquele Arquivo Municipal de Rio Claro, dirigido pela Ana Maria de Almeida Camargo, aí pelos anos 1970-1980, arquivo esse que veio a ser um modelo para outros arquivos municipais... Mas, voltemos à minha trajetória. O Curso da OEA foi decisivo para minha "formação" e, na volta, meu "olhar" para os manuscritos do IEB era outro. Porém, pouco tempo depois tomei conhecimento de uma outra oportunidade de aperfeiçoamento do meu conhecimento arquivístico. Soube, em 1978 que o Arquivo Nacional da França oferecia a estrangeiros o chamado Stage Technique Internationale des Archives com duração de 3 meses, de janeiro a março, sem possibilidade de bolsa ou algum auxílio financeiro. Candidatei-me assim mesmo e, sendo aprovada, não consegui afastamento na USP, porque era muito ainda recente meu afastamento para Madri. Não tive dúvidas em pedir então minha licença prêmio de 3 meses, a que já tinha direito. Foi muito proveitoso. Não era um curso, tínhamos praticamente conferências por renomados profissionais e professores de 1, 2 ou 3 dias abrangendo todos os aspectos teóricos, metodológicos e práticos da Arquivologia. Muitas visitas com detalhadas explicações. Era um dia ou dois no máximo cada professor. E, no final, houve estágio de



uma semana em arquivos de Caen e Rouen, na Normandia. A estrutura do Stage era diferente do curso de Madri que tinha segunda, quarta e sexta uma disciplina, terça e quinta outra. Na outra semana igual. Como se fosse uma graduação apertada ali naqueles meses. Aliás, em 86 quando eu criei o curso de especialização na USP, foi baseado nesse de Madri. Só que aqui o professor vinha uma semana inteira.

Neire: Quem sediava o curso de Madri?

Heloísa: A Escuela Nacional de Documentalistas, que funcionava na Biblioteca Nacional. A Biblioteca Nacional ali na...

Neire: Gran Via?

Heloísa: Não... Não... É a... A Gran Via é a que sobe. É no Paseo de Recoletos, continuação do Paseo del Prado, onde está justamente o Museo del Prado.

Neire: Vocês tinham aula na Biblioteca Nacional?

Heloísa: No prédio da Biblioteca Nacional. Você sobe por aquelas escadarias, entra pela Biblioteca, e na parte detrás está a Escuela Nacional de Documentalistas.

Neire: E aí nesse período, de finais da década de 70, deu para você perceber se tinha diferença entre a escola espanhola e a escola francesa?

Heloísa: Nos dois países não havia graduação em arquivologia, ambos eram de especialização, para quem tivesse algum curso superior e que trabalhasse em arquivo. O da Espanha dava uma visão mais ampla Arquivologia como um todo. E na França, estava mais voltado para arquivos intermediários e históricos e havia menos preocupação teórica e mais talvez a de fazer-nos conhecer a sistemática francesa para seus arquivos.



Neire: Nesse período você já via nos professores a defesa da gestão de documentos?

Heloísa: Sim. Nos dois havia menção à gênese dos documentos e aos arquivos correntes, mas a maior parte do conteúdo das aulas era para os arquivos públicos e permanentes. Ambos tinham aulas de arquivo de empresa, mas não dava tempo assim de muita explicação, entretanto dava para a gente compreender que nos arquivos, o profissional devia conhecer profundamente o que aquela entidade faz, em que área ela é, se é comercial, se ela é...

Neire: Estatal...

Heloísa: Sim, e, tanto públicas como privadas, ela pode ser grande ou pequena, ... Pode ser até um pequeno consultório de dentista ou... outro tipo de entidade. Você pode organizar um arquivo de uma clínica médica, de um hospital ou de um banco. Mas a maioria dos alunos vinha dos arquivos públicos, dos nacionais de seus países ou dos arquivos regionais, departamentais, mas não arquivos correntes e sim estavam mais interessados na parte de arquivo histórico.

Em Paleografia, por exemplo... Em Madri, tínhamos uma professora muito boa dessa matéria. Mas o ensino da Paleografia, não só lá na Espanha, mas em geral, é o seguinte: começa-se pela origem da escrita na Antiguidade, Egito etc., depois as letras romanas e aí passa-se ao século IX que é o básico pra eles. Ai nós, alunos vindos de países da América Latina e, portanto, nossos documentos mais antigos são do século XVI. E é com eles e os dos anos que se seguem que devemos ler e transcrever documentos. Fomos falar com a professora e com a coordenadora que era a Vicenta Cortés.

Ameaçamos fazer greve. Queríamos aprender e treinar com documentos do século XVI para frente. A professora compreendeu e concentrou-se mais nos séculos XVIII e XIX.

Neire: Mas, aí comparando esses dois cursos...



Heloísa: Na Espanha haviam mais aulas no modelo tradicional e o outro era mais aulas-conferências, apresentando o cenário da França na Arquivologia, naquela época.

Neire: E o Michel Duchein era professor desse curso?

Heloísa: Sim, ele deu aula... Os professores eram todos arquivistas já consagrados na França e no exterior. Um deles era o Bruno Delmas, em cujas aulas entusiasmei-me mais ainda pela Diplomática...

Neire: Onde eram as aulas

Heloísa: Eram no prédio principal dos Archives Nationales, no bairro central e bem antigo do Marais. Falando em aulas, no sentido da estrutura didática, onde eu tive aula, aula mesmo, foi no National Archives em Washington. Depois te explico... Você não imagina o que é a didática nos Estados Unidos

Neire: Então depois da França você foi para os Estados Unidos, em seguida?

Heloísa: Mais tarde, em 1987. É um curso denominado Archive Institute que é dado no Arquivo Nacional durante um mês, o dia inteiro, com duas edições anuais, uma em janeiro e outra em julho, que foi a que eu fiz. A estrutura do curso e a das aulas são tão bem montadas que, um mês de aula vale quase que um curso universitário. Toda aula tinha sempre introdução, apresentação, teoria, exposição, avaliação. No fim da aula sempre tinha exercícios com documentos autênticos, seguidos de comentários sobre os nossos resultados. Tudo muito bem cronometrado.

No primeiro dia de aula a coordenadora distribuiu um papel onde deveríamos colocar o que cada um achava quais eram as virtudes do arquivista. Todos colocaram coisas como paciência, organização, calma, meticulosidade ... Aquele arquivista clássico do imaginário popular... Ela recolheu os papéis e não comentou nada. No último dia, ninguém mais lembrava daquele papel, ela disse: vocês lembram daquele papelzinho!?



Agora vocês vão escrever o que acham agora do verdadeiro arquivista. É claro que todos colocaram: dinâmico, batalhador, corajoso, empreendedor. Porque realmente, o curso nos mostrara uma nova imagem do profissional de arquivo. Não o que se desvaloriza diante dos analistas de sistema, técnicos da informação, dos bibliotecários, dos historiadores, dos comunicadores, etc.

Eu também tinha posto o arquivista tem de ser organizado sobretudo. Não. Tem de o ser, mas tem que saber valorizar a profissão e saber chegar aos seus superiores e dizer: eu sou arquivista, eu valho tanto quanto o bibliotecário e o cara da informática.

Naquele tempo se chamava analista de sistemas. O analista de sistemas, porque se não eles vão mandar em você. Ninguém sabe o que é arquivo, acha que arquivo qualquer um pode mandar.

Neire: Era para empoderar o papel do arquivista.

Heloísa: E ela teve essa paciência... Comparou as primeiras e as segundas respostas de cada um. Para ver se a pessoa não pôs as mesmas coisas, mas todos se convenceram da nova realidade e a palavra mais constante era o arquivista ser “dinâmico”.

Neire: E lá, as aulas tratavam das três idades?

Heloísa: Sim, embora a concentração fosse em arquivo permanente. Arquivo pessoal teve sua aula com a arquivista chefe do arquivo do Presidente Kennedy. Ela contou fatos interessantes que se passam nestes arquivos, quando as viúvas, os filhos, os amigos do titular que naturalmente já é falecido, querem pôr ou retirar material, querem palpitar na organização, etc. Isso se passa sempre, essas tentativas aconteceram também aqui no IEB, na UNICAMP... deve ter acontecido no CPDOC

Neire: Teve também aula prática com arquivo pessoal?



Heloísa: Sempre havia aula prática em torno do tema tratado teoricamente. No caso de classificação, foram-nos dadas caixas de documentos da Guerra do Vietnã e tínhamos de decifrar uns códigos numéricos imensos, cujas partes já tinham sido explicadas na aula teórica. Na aula de arquivo pessoal, na minha mesa (éramos 4 em cada mesa) sabe o que calhou, a vida de quem? Tio Patinhas. Era a vida do Tio Patinhas para gente fazer...

Neire: O personagem...

Heloísa: Sim. Montar o quadro de classificação. Eram documentos (fictícios, é claro) da vida dele e devíamos montar as séries... Foi muito engraçado e proveitoso. Ainda bem que eu também conhecia o Tio Patinhas (eu era a única estrangeira, a grande maioria era de funcionários de arquivos estaduais e alguns do governo federal em Washington).

Neire: Heloísa, você lá fazia arranjo igual ao que você ensinou para a gente?

Heloísa: Sim... Sim...

Neire: Então você passou pela Espanha, pela França e Estados Unidos....

Heloísa: Eu fiz esses três cursos, o de Madri em 1977, o de Paris em 1979 e o de Washington em 1987, mas sempre intercalando com as minhas atividades aqui na USP e em conferências, cursos e congressos pelo Brasil afora e em alguns países...

Neire: E quando você começou a escrever artigos; quando começou a produzir nessa área?

Heloísa: Meu primeiro artigo é em 1966, lá quando eu estava...

Neire: Mas já de arquivo?



Heloísa: O primeiro que eu fiz foi de Biblioteconomia, depois publiquei um de História Antiga (afirmei acima que foi nessa área a minha estreia no ensino superior na UNESP em Assis...). Meu primeiro artigo sobre arquivos é de 1978. Até aí publiquei uns 8 ou 9, mas eram de Biblioteconomia e de História. Em 1966, em Assis, a Prefeitura projetava abrir o seu Arquivo Municipal. Um jornal da cidade propôs-me escrever uma série denominada “Em ritmo de Biblioteca” para esclarecer a população sobre as características e a finalidade de uma Biblioteca Municipal.

Neire: E depois daquelas experiências no exterior, você continuou no IEB e daí logo em seguida veio o curso de especialização que você criou?

Heloísa: Ainda, sobre os artigos, o meu primeiro artigo sobre arquivos é de 1978, eu já havia regressado de Madri, já confiava nos meus conhecimentos teóricos sobre a área e, na prática, desde 1969 trabalhava com documentos no IEB.

Neire: E o curso de especialização?

Heloísa: O curso começou em 1986, primeiro conjuntamente com a ECA-USP, depois só o IEB, até 2008, quando terminou de funcionar. O histórico é o seguinte: Em 1983, o Professor José Sebastião Witter, do Departamento de História da USP, que naquela ocasião era Diretor do Arquivo do Estado, julgava que era o momento da USP criar o curso de graduação em Arquivologia (na época haviam três no país, criados na década de 1970, na Federal de Santa Maria, RS e na Federal Fluminense, Niterói, RJ e na UNIRIO, Rio de Janeiro) e pediu-me que eu montasse um projeto para tal. Uma estrutura de graduação. Minha ideia sempre foi a de que um curso de arquivologia deve funcionar numa Faculdade de Administração e não junto à Biblioteconomia ou à História. Demos entrada na Reitoria e o projeto, que solicitamos ser encaminhado à Faculdade de Economia e Administração (FEAUSP) continha as disciplinas básicas do currículo mínimo vigente na época para Arquivologia, entretanto com mais ênfase em Administração e em Direito, foi parar na ECA (Escola de Comunicações e Artes, onde estava o curso de



Biblioteconomia, pois esse foi o entender da congregação da FEA: arquivo tem a ver com biblioteca e mandou o projeto para a ECA e ali, o Departamento de Biblioteconomia respondeu que não teria condições de montar uma graduação, mas poderia patrocinar com o IEB, uma especialização. Assim, nasceu o Curso de Especialização em Organização de Arquivos em 1986, com cerca de 500 horas de duração, durante três meses, em período integral. Dois anos depois passou só para o IEB, contou com professores da USP e alguns de fora convidado entre os melhores profissionais das áreas específicas das diferentes disciplinas se durou como já disse, até 2008.

Neire: Manteve contato com o pessoal da Espanha?

Heloísa: Pra montar o curso? Pra montar o curso, colaboração direta, não, mas a estrutura foi baseada no Curso da OEA, além de algumas disciplinas inspiradas no currículo mínimo da graduação.

Neire: E a montagem dos cursos de Graduação?

Heloísa: Não adianta pegar graduação do exterior, quando há, o que é raro, é muito voltada para arquivo permanente, eu peguei inspiração do Brasil mesmo, no currículo mínimo de Arquivologia acrescentando as minhas próprias convicções a respeito de Administração e Direito, que depois acabei conseguindo quando a UnB, que em 1990 já estava começando a montar o curso de Arquivologia, me chamou para implantá-lo e coordená-lo. Eu já tinha tempo suficiente para a aposentadoria no serviço público no Estado de São Paulo e então, em dezembro de 1990 obtive a aposentadoria para ir para Brasília.

Neire: Você ainda queria que fosse o curso dentro da área da administração?



Heloísa: Dentro de administração, sim, porque essa que é a lógica de arquivo. Porque arquivo histórico é o resto da documentação que existiu para que existissem e funcionassem órgãos públicos, empresas privadas enfim, qualquer instituição

Neire: Voltando à São Paulo, a verdade é que na década de 1980 já tinha todo um movimento do Arquivo do Estado e de outros arquivos que precisavam de gente especializada para trabalhar, não é, Heloísa?

Heloísa: Então, o Curso, inicialmente da ECA e do IEB, atraiu logo muitos candidatos vindos de todo Brasil e até alguns estrangeiros. Sendo especialização, o candidato precisava ter curso superior e trabalhar em arquivos, de preferência.

Neire: Capacitou muita gente...

Heloísa: E sabe por que acabou? Bom, acabou um pouco porque as pessoas foram aposentando, quase já não havia professores que fossem do IEB e a USP só permite, nesses casos de cursos de especialização, uma pequena cota de profissionais de fora para darem aulas. Além disso, a USP mudou a estrutura dos cursos de especialização, não podia ser dado diariamente, como foi quando você o cursou. Nos anos finais as aulas eram às sextas e sábados e assim a duração era muito maior, e muitas instituições não davam os respectivos afastamentos.

Neire: os alunos vinham de tantos estados e até do exterior, não?

Heloísa: Por exemplo, da Colômbia, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Acre...

Neire: Do Pará...

Heloísa: E de Angola...



Neire: Na verdade, as turmas tinham alunos do Brasil inteiro....

Heloísa: Do Brasil inteiro. Os estados que nunca mandaram são uns três ou quatro, Rondônia, Rio Grande do Norte e não sei o que. O resto...

Neire: Isto, em todos os anos?

Heloísa: Sim, e o curso durou 22 anos. Começou em 86 e acabou em 2008 com as defesas dos TCC, porque as últimas edições, já havia essa exigência da Reitoria para os cursos de especialização.

Neire: Foram nascendo os cursos de arquivologia, e você ajudou a criar vários, não é?

Heloísa: Sim.

Neire: E os arquivistas formados em Arquivologia acabaram se incomodando um pouco com essa questão de ter especialização, não é verdade?

Heloísa: Então, mas a verdade é que a especialização não prejudicava a graduação, pois ela não dava título de "arquivista", mas que do nosso curso saiu muita gente competente eu garanto porque tenho acompanhado a carreira de muitos deles, até hoje.

Neire: Voltando para a sua carreira...

Heloísa: Nesses anos do curso de especialização (1986-2008), no qual eu dava as aulas de Introdução à Arquivologia, Arquivo Permanente e também de Diplomática, eu ia continuando minhas outras atividades profissionais. Em 1989 dei aulas de Tipologia Documental no curso de formação de arquivistas na Universidade Clássica de Lisboa durante um semestre. Em 1990 aposentei-me do IEB, fui para a UnB até 1993, como já disse, mas vinha para dar as aulas no curso de especialização e seguia indo a congressos,



publicando artigos, dando os cursos avulsos e conferências em todo o Brasil e em alguns outros países. De 1994 a 1996 fui professora de Introdução à Arquivologia e de Diplomática do curso de Arquivologia da UNIRIO, Rio de Janeiro e em 1998 comecei meu trabalho no Projeto Resgate de Documentação Brasileira no Exterior dirigido pela bibliotecária da Biblioteca Nacional, Esther Bertoletti, que era um projeto do nosso então Ministério da Cultura juntamente com o Ministério das Relações Exteriores, bancado pelo CNPq e várias entidades estaduais, visando a identificar, descrever em catálogos a serem publicados e em microfilmar aqueles documentos e disponibiliza-los à pesquisa em vários países. A mim tocou-me atuar no principal e maior repositório dessa documentação em todo mundo que é o Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa. Trabalhei juntamente com equipes de arquivistas e historiadores brasileiros que se iam revezando vindas dos vários estados brasileiros. Eu fiquei 12 anos, permanecendo em Portugal, mais ou menos por lá quatro meses intercalados cada ano, até 2010.

Neire: Helô, e você já escreveu 200 artigos?

Heloísa: É por aí, contando entre artigos, resenhas, capítulos de coletâneas, livros e conferências ou comunicações a congressos.

Neire: Sabe o que eu queria que você falasse? Isso também vem um pouco das minhas lembranças. Você foi para Espanha, voltou em meados de 1977 e pouco depois, aqui no Brasil, mais precisamente em São Paulo, estava se delineando um movimento para construção do sistema de arquivos do Estado.

Heloísa: Sim.

Neire: Todo o movimento com o Professor Sebastião Witter na direção do Arquivo do Estado. Também os ex-diretores, o Francisco de Assis Barbosa e a Inês Etienne Romeu batalhavam por melhorias...



Heloísa: Sim, foi a época de instalação de comissões tanto na USP como no Estado para a criação de seus sistemas de arquivos.... Começamos pela USP, estávamos na Comissão Executiva, pela USP, a Ana Maria Camargo, a Johanna Smit, eu e pela FUNDAP, a Rosemarie Inojosa

Neire: Sim, mas antes é o SAESP, porque o decreto de instituição do SAESP é de 1984. E você integrou esse primeiro grupo...

Heloísa: Montaram a FUNDAP [Fundação para o Desenvolvimento Administrativo de São Paulo].

Neire: A FUNDAP apoiou esse movimento...

Heloísa: Sim, era órgão do governo estadual destinado à modernização ...

Neire: Com a participação da Inês, diretora do Arquivo do Estado na época, não?

Heloísa: Sim, sim.

Neire: E aí a gente tinha aqueles encontros de estudos...

Heloísa: Sim, chamavam-se Fórum de Arquivos....

Neire: Eram reuniões que aconteciam a noite, no antigo prédio do Arquivo do Estado...

Heloísa: Então, foi o primeiro... A gente sabe que na história da arquivologia em São Paulo foi o primeiro movimento mais visível....

Neire: Sim, foi o primeiro movimento em São Paulo...



Heloísa: É verdade... E estava a Daíse [Apparecida Oliveira] que acabava de voltar do mesmo curso de Arquivos da OEA em Madri que eu fizera...

Neire: Isso. E aí eu quero trazer a Daise para esse contexto e também a Ana Maria Camargo, que era diretora do Arquivo Municipal de Rio Claro.

Heloísa: Isso, ela já era diretora, ela já editava ali um Boletim que começou a divulgar questões teóricas e metodológicas sobre o tratamento arquivístico dos documentos...

Neire: Essas discussões nesses fóruns eram muito efervescentes, porque você trazia conceitos que vinham da Espanha e a Daise também. Vinha muita gente que trabalhava em arquivos, tinham prática, mas não a teoria e a gente ali, foi sempre aprendendo, nós vínhamos da Biblioteconomia ou da História.

Heloísa: Pois é.

Neire: Ana Maria vinha porque tinha muito interesse, por causa do arquivo de Rio Claro. E o que eu achava interessante é que vocês traziam os conceitos para essa mesa de discussão...

Heloísa: Era bem legal.

Neire: Juntava ali gente com diferentes experiências e eu já era sua estagiária lá no IEB.

Heloísa: É. E tinha aquelas meninas que ainda hoje estão no CEDEM [Centro de Documentação e Memória da UNESP]. E aquela que falava...

Neire: A Solange [Solange de Souza]

Heloísa: Sim, ela dizia que ia fazer arquivística tropicalista...



Neire: E toda a discussão de fundo... Discutia-se o que era fundo, mas o que eu acho que mais repercutiu no campo foi a definição de série.

Heloísa: Mas isso... Então, é discutido até hoje.

Neire: Mas eu me lembro que nós fomos fazer uma visita no Arquivo Nacional em [1987], acho que você não estava. Era o grupo do IEB e estávamos indo com a Daise. E lá no Arquivo Nacional, no prédio novo afixaram planos de classificação de alguns fundos do arquivo nas paredes de uma sala e a Daise parou, analisou e falou assim: isto não é série!

Heloísa: Sim, como ser Série: Imigração. Assunto em arquivo? Isso é coisa de biblioteca. Muitos arquivos ainda têm essa mania de por nome de assunto em série.

Neire: A sua chegada e da Daise com os conceitos que vieram da Espanha deram uma revolucionada na área...

Heloísa: Mas esses problemas são até hoje.

Neire: A criação do gênero foi sua né... Que até o Vanderlei [Batista dos Santos] escreveu um artigo.

Heloísa: Agora ainda continuam esses problemas conceituais: são, principalmente, relativos aos conceitos de espécie, de tipo, de forma e de formato. Há uma publicação da professora Antonia Heredia Herrera explicando muito bem ... Documento de arquivo tem a ver com a função que esse documento tem dentro do seu contexto de produção.... Portanto, esquece assunto como o guia para presidir a constituição de séries...

Neire: Eu queria que falasse também do Dicionário de Terminologia Arquivística que vocês publicaram...



Heloísa: O Dicionário... Outro dia vieram perguntar sobre a autoria. A primeira coisa para entender é que o esse dicionário é tradução para o português do dicionário do Conselho Internacional de Arquivos. Quer dizer, esse dicionário não foi inventado por nós. Em 1992, no 13º Congresso Internacional de Arquivo em Montreal, o CIA lançou oficialmente o dicionário do CIA, o Dicionário de Terminologia Arquivística, que já vinha sendo discutido e montado há anos. Então, a partir dali cada país se encarregaria da tradução e teria toda a liberdade de colocar adendos que são arquivísticos ou tirar palavras que, no seu país não tenham o mesmo significado. A Associação de Arquivistas de São Paulo montou um grupo coordenado pela Ana Maria de Almeida Camargo e eu e fizemos a tradução, acrescentando termos concernentes a arquivo corrente, termos de conservação e restauro, o que não havia no original do CIA que era em inglês e francês... Aliás, o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro também publicou a sua tradução...

Neire: Então, vocês acrescentaram a parte gráfica e a da tecnologia da informação, não é?

Heloísa: Sim...

Neire: Voltando às suas atividades, você tem escrito ultimamente ou tem feito conferências?

Heloísa: Recentemente convidaram-me para uma conferência na Biblioteca Mindlin da USP, pedindo-me que fosse algo genérico porque neste tipo de colóquios que eles patrocinam vem um público muito variado. Assim, falei sobre “Os sentidos dos arquivos”, apresentando um Power Point. Já nessa outra ocasião recente em Belo Horizonte, como eram alunos de Arquivologia, pois se tratava do 15º Encontro Nacional de Estudantes eu falei também com Power Point sobre o Código de Ética dos Arquivistas.

Neire: Então, você mantém contato com alunos de Arquivologia?



Heloísa: Sim. Eles me chamam muito. Sabe por quê? Porque eles veem que eu gosto muito da profissão. E acho que é porque, muitas vezes, nem a família deles (e nem a sociedade em geral) entende muito bem o que é arquivo. Fala a verdade? O pai pergunta o porquê da escolha, o filho do vizinho é advogado, é jornalista, é médico e você vem querer ser arquivista... Para a maioria das pessoas arquivo é uma espécie de biblioteca, porque biblioteca todos entendem, mas, arquivo acham menos nobre....

Neire: Desse panorama atual, do panorama que você está vendo a arquivologia no Brasil, tem algum temor? Alguma coisa que precisava ser reforçada? Você também vê alguma coisa nova?

Heloísa: Eu não tenho esse temor que eu vejo em muitos profissionais de que a área vai desaparecer. É porque o mundo mudou muito, tudo mudou. Se a nossa área é uma área de apoio à administração, mas a administração mudou muito... Se a nossa área é um apoio aos estudos históricos, a historiografia também mudou. A historiografia tem outros interesses que muitas vezes nem estão nos arquivos. Sim, mas a Arquivologia também vai se atualizando em métodos e em práticas e novas perspectivas teóricas vão surgindo... Agora, aquela função do arquivo de preservar, de ser presunção de prova de tudo o que uma entidade fez desde que ela existe, essa função não vai acabar, mesmo que o suporte da informação sejam outros, a comunicação entre as pessoas seja outra. E a verdade é que toda entidade privada, todo órgão público, toda pessoa para sua vida ativa necessita desses testemunhos. É frequente que em algum momento da vida, alguém precisa provar alguma coisa. Se não é provar no sentido policial, jurídico da palavra, pode ter de demonstrar que aquilo aconteceu daquela maneira e não de outra... Então, quanto mais transformações no mundo, mais interessa saber como foi antes, porque essas transformações não nascem do nada. Então ao contrário do que muita gente pensa, não é uma profissão que vai desaparecer, ela vai cada vez mudar, vai se adaptar, mas eu acho que vai ser cada vez mais necessária para todos os tipos de entidade. Cada vez vai ser preciso sim, preservar informações passadas, porque elas servem para a vida presente.



Eu acho que o problema do emprego, o emprego assim no sentido clássico, está mudando para todas as profissões, não é? O mundo está todo em dificuldade por causa de adaptar-se a essas mudanças. As mudanças são mais rápidas do que a sociedade consegue acompanhar. A minha palavra é de muita esperança, não é de desânimo para com os colegas. Agora, é bom ter uma formação profunda na área propriamente dita, e claro, mas também quanto mais a pessoa se enriquecer com conhecimentos paralelos de áreas afins ou mesmo de outras áreas, ela fica assim mais preparada para poder colaborar de forma mais ampla do que uma pessoa que só quer trabalhar em alguns setores específicos da sua profissão. No nosso caso, há profissionais que só querem trabalhar em arquivo histórico, ou outro, só quer trabalhar em arquivo corrente, só quer fazer avaliação ou descrição. Na verdade, ele poderá fazer essas escolhas, se isso lhe for proposto. Ele sabe o básico da profissão, agora o que ele puder... Principalmente quando você é arquivista de uma área de Direito, melhor você ter conhecimentos também de Direito e assim por diante. Mas, não quer dizer que vai ter de fazer outro curso universitário, mas pode fazer uma preparação não muito profunda, mas ter conhecimento, conhecer o linguajar, o funcionamento daquela área. Eu acho que, olhando assim também a profissão nos outros países, ela tem uma pujança, tem o seu lugar nas estruturas dos países e nas várias sociedades. A minha palavra sempre de que não pode se acomodar, a pessoa tem que sempre acompanhar, estudar, se atualizar e principalmente não ter vergonha, não ter vergonha de dizer que, eu trabalho com arquivo. Mas você sabe o que é arquivo!? E aí explicar um pouco... Eu tenho muita esperança... É o que devemos ter...

Neire: Heloísa, para finalizar, qual você julga que foi - ou que tem sido - a sua maior contribuição para o desenvolvimento da Arquivologia no Brasil?

Heloísa: Eu acho que pude contribuir de alguma forma em duas áreas: na do ensino e na da teoria arquivística. Na primeira, ao montar a grade curricular, implantar e ser a primeira coordenadora de dois cursos que têm demonstrado sua importância nos bons resultados profissionais dos alunos deles egressos: o de especialização da USP (1986-



2008) e o de graduação UnB, que lá está desde 1991. Além disso dei as aulas, nestes dois cursos, de Introdução à Arquivologia e de Diplomática, que aliás também as lecionei na graduação da UNIRIO entre 1996 e 1998. Também dei inúmeros cursos de curta duração, de 40 ou 80 horas em quase todos os estados do país, assim como em Portugal, Argentina e Uruguai. Na segunda, a minha contribuição foi para os estudos teóricos da Arquivologia e relaciona-se com a Diplomática, tanto no ensino pioneiro desta disciplina, antes lecionada apenas como apêndice da Paleografia, como em conferências e em publicações.

Como palavra final eu queria dizer que todo o meu esforço - em sala de aula ou em meus escritos - tem sido o de fazer o arquivista entender que a sua preocupação com o documento não se inicia quando o documento chega a seu arquivo. Para identificá-lo, classificá-lo, avaliá-lo e descrevê-lo, o profissional tem de entender a origem e o percurso feito pelo documento desde o momento da sua produção, sua tramitação, sua vida ativa correspondendo a seus efeitos até o seu arquivamento. A Diplomática, que sabe como se realizar essa verdadeira anatomia feita no tipo documental e, conseqüentemente no documento em causa, por meio da identificação de seus elementos externos e internos, ela, a Diplomática acaba por demonstrar o quanto é a chave para o conhecimento arquivístico. Na medida em que o profissional, a partir das técnicas diplomáticas consegue entender a gênese do documento, seu contexto de produção e rastreia o seu elo arquivístico com seu produtor e com seus documentos congêneres, ele, arquivista, realmente consegue compreender o que é a sua profissão.



IMAGEM 3 - Heloísa Bellotto em sua residência, em São Paulo (SP)



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.



HUELLAS DE HELOÍSA EN LA ARCHIVOLOGIA URUGUAYA

Alicia Casas de Barrán¹

H

oy al salir de la Universidad me encontré con un distinguido colega brasileño que esta en Montevideo dictando un curso en la FIC². Sus primeras palabras fueron, “se nos fue Heloísa”. Ambos, hermanos en la pena, sentimos de golpe el vacío “colmado de ausencia” de la amiga, de la compañera de ruta, de la Maestra que tanto nos ha enseñado.

Porque con Heloísa siempre aprendíamos algo nuevo y algo diferente de lo ya conocido. Era como un director de orquesta que dirige una obra y al volver sobre ella la vuelve nueva.

¹ Fue directora del Archivo General de la Nación de Uruguay (2005-2020). Licenciada em Archivología y en Bibliotecología por la Universidad de la República - Uruguay. Ha sido profesora en la carrera de grado en Archivología de la citada Universidad y de maestría en la Universidad Internacional de Andalucía (España). Fundadora y Coordinadora Académica del Archivo General de la Universidad (2002-2020). Presidenta del Foro de Directores de Archivos Nacionales/Generales del Mercosur (2005-2011) y Presidenta del Programa Iberarchivos (2019-2020). “Amiga del ICA” (ICA Fellow) y Miembro Honorífico de la Asociación Latinoamericana de Archivos.

² FIC. Facultad de Información y Comunicación. Universidad de la República.

Heloísa iba en Brasil, seguida por los alumnos que salían a su paso ya fuera en Porto Alegre o en Paraíba. Sus pisadas recorrieron el inmenso territorio.

Este modesto homenaje, con sentido recuerdo, señalará algunos momentos del pasaje de Heloísa por Uruguay y sus huellas en Archivología.

IMAGEM 1 - Reconocimiento de la AUA (XIII CAM, 2019).



Conocí a la Dra. Heloísa Liberalli Bellotto en el transcurso del IX Congresso Brasileiro de Archivologia en Santa María/RS (1992). Su gran erudición escondida tras la calidez y encanto personal nos llevó a que al finalizar el primer día del Congresso quedásemos discutiendo, *caipirinha* por medio, cuál era el significado del término “fondo” en el contexto de la disciplina archivística. No logramos llegar a acuerdo alguno y se nos terminó la noche. Corría el mes de octubre de 1992.

En ese momento, hace ya más de treinta años, el tema “Archivos Intermedios” nos congregaba. Nuestro diálogo versaba sobre la conveniencia o no de archivo intermedio en instituciones con voluminosas producciones documentales y medios para atenderlas



o en aquellas más pequeñas en las que parecería innecesaria una organización documental que requiriera más recursos humanos para su funcionamiento. Volaban las hipótesis, a veces no muy sensatas y los “qué pasaría si...”. Abundaban.

Es difícil transmitir esas vivencias, ahora que estamos tan lejos de aquella archivística que intentaba resolver los problemas creados por la acumulación de documentos en soporte papel. Mucho hemos cambiado en corto tiempo. Los problemas hoy son otros.

Entre los temas tratados en el XIII Congreso de Archivología del Mercosur estaban los centrados en las nuevas tecnologías y su utilización por parte de las administraciones. Y cuando decimos “utilización” en gran parte nos referimos al “tratamiento archivístico electrónico” de los documentos administrativos.

En Uruguay la Universidad de la República había aprobado en el año 1987 el segundo Plan de estudios de la Carrera de Archivología. El mismo comenzó a ser dictado en el mes de marzo de 1989 y puede decirse que adolecía de falta de docentes experimentados. La mayoría de los profesores eran egresados de la primera y segunda cohorte del Plan de estudios de 1983.

Mientras en Brasil más de media docena de instituciones universitarias brindaban enseñanza de grado en archivística, **otros** países del Cono Sur como Paraguay y Chile no tenían enseñanza formal y tardarían en concretarla. En Argentina los estudios en la Universidad de Córdoba se remontan a 1959³.

³ CASAS de Barrán, Alicia. “La Gestión de Documentos en los países de Iberoamérica y el Caribe” En Anales del XIII Congreso Internacional de Archivos. Sevilla 2000 CD.

IMAGEM 2 - Manuel Vázquez, Alicia y Heloísa en el II Congreso de Arquivologia do Mercosul (Santa Maria/RS, 1997).



La primer Carrera de Archivología fue iniciada en 1983 en la EUBCA con un plan que contemplaba dos años de estudios con una fuerte impronta bibliotecológica. Además, casi todos sus docentes provenían de esa disciplina. A partir del anteriormente citado Plan de estudios 1987, la Carrera se afianzó al contar con un plantel docente que contaba con los requisitos de los perfiles de las asignaturas.

La cooperación internacional que desde el principio de 1990 adquirió presencia en el medio, no fue ajena a este afianzamiento. En el mes de octubre de ese año, el Dr. Aurelio Tanodi, director de la Escuela Interamericana de Archivología, desarrolló actividades cumpliendo una Misión de la Organización de Estados Americanos en el Programa de desarrollo de Archivos del Cono Sur. Su *Manual de Archivos Hispanoamericanos*⁴ el *Manual de Archivos Municipales* de Vicenta Cortés⁵ y *Archivística General; Teoría y Práctica*⁶ de Antonia Heredia eran el fondo de armario de los docentes, para la preparación de sus clases. El año siguiente de la mano del Prof. de la asignatura Archivos Históricos llegó *Archivos Permanentes; Tratamiento documental*⁷ texto que inmediatamente se volviera indispensable de ahí en más. La presencia de la potente

⁴ TANODI, Aurelio. *Manual de Archivos Hispanoamericanos*. Córdoba (RA), Universidad Nacional de Córdoba, 1961.

⁵ CORTÉS ALONSO, Vicenta-*Manual de Archivos Municipales*. Madrid, ANABAD, 1982

⁶ HEREDIA HERRERA, Antonia. *Archivística General; Teoría y Práctica*. Sevilla, Diputación Provincial, 1986.

⁷ BELLOTTO, Heloísa Liberalli, *Archivos Permanentes: Tratamiento documental*, 1991.

archivística brasileña tenía en Uruguay uno de sus mayores exponentes, la Dra. Heloísa Liberalli Bellotto.

IMAGEM 3 - Heloísa, Alicia y Antonia Heredia en Córdoba (2003).



Las recién arribadas Tecnologías de la Información comenzaban a ser utilizadas cautelosamente por la academia. En Brasil, tengo entendido eran de uso habitual. Guardo aún en soporte papel algunos de los primeros emails (1991), *rara avis*, objetos de museo, casi.

Con las posibilidades brindadas por el correo electrónico, se estableció una comunicación constante que tenía un efecto irradiador. Iban y venían ideas cargadas de opiniones diversas, muchas de las que eran sobre asuntos que se creían saldados. Un solo ejemplo: En el Estudio de Caso de una palestra, la determinación de "subfondo subordinado" en un archivo institucional llevó más de una docena de mensajes con afirmaciones que se creían bien fundadas y respuestas enmendándolas. Finalmente, Heloísa tenía razón, ella era poseedora de una visión mucho más amplia que la nuestra. Tenía conocimientos sobre archivos de gran porte y también, si no directamente por



algún alumno, sobre modestos archivos perdidos que asimismo los había en ese Continente, que no país, que es Brasil.

Estas idas y venidas epistolares llevaron a que, a fines de 1993, los docentes de la Carrera de Archivología decidieran invitar a Heloísa a visitar la Universidad y a dictar un curso sobre Diplomática y Tipología Documental. Debe tenerse en cuenta que este sector de la Disciplina estaba poco desarrollado en el Uruguay. Una de las razones se vincula con la escasa documentación "antigua" que existe en el país. Al ser Buenos Aires capital del Virreinato del Río de la Plata, los documentos del período Colonial son de la custodia de archivos argentinos.

En el asentamiento N.º 4 del 14 de marzo de 1994 del Libro de Actas de la Comisión Directiva de la Eubca, consta "Organizado por los docentes de Archivología con el auspicio de la Escuela de Bibliotecología y Ciencias Afines la Profesora de la Universidad de Sao Paulo, Dra. Heloísa Liberalli Bellotto dictará un curso extensivo a las Carreras de Bibliotecología y Archivología en el mes de abril de 1994"

El curso superó todas las estimaciones relativas al número de asistentes. Fue realizado en salones de la Biblioteca Nacional, próxima a la EUBCA.

Una vez finalizada la clase de Heloísa, con la generosidad que la caracterizó siempre, ella permanecía largo tiempo respondiendo todas las preguntas que los estudiantes le hacían.

La consecuencia fue que, de Mabillon en adelante no hubo tema relativo a la diplomática que no fuese tratado, discutido y explicado. Nuestro "Portuñol", que era el idioma que nosotros hablábamos se enriquecía con la dulzura de la lengua de Camoes en los interminables debates en los que alguien siempre tenía otro punto de vista para agregar. Cansados al fin salíamos para un café.

Como no pudo haber sido de otra manera, la presencia de Heloísa actuó cual un catalizador en un momento fermental como el que estaba viviendo la Universidad.

Apenas diez años atrás el Uruguay había salido del Gobierno de Facto (1973-1985) y las Casas de Estudio universitario, Facultades, Institutos, Escuelas, etc. se habían ido reacomodando, sobretodo con el regreso de profesores que se habían visto obligados a dejar sus cátedras y ahora, volvían a ellas.

Finalizado el curso y antes del regreso de Heloísa a su país, en una de las reuniones con docentes de Archivología se planteó la posibilidad de realizar un Seminario Internacional que abarcara profesores del ámbito del Mercosur. Ella tenía más experiencia que nosotros y su capacidad de organización y consejos fueron fundamentales en ese momento.

Fue así que, aprovechando la estadía, del Dr. David B. Gracy de la Universidad de Texas at Austin se organizó el "Seminario Internacional de docentes de Archivología del Mercosur" en el mes de agosto de 1995. Heloísa quien conocía al Prof. Gracy de cursos realizados en los National Archives de EEUU, se trasladó a Montevideo para participar en el Seminario. Este fue un evento que señaló un antes y un después en la Carrera, hoy Licenciatura, de Archivología en Uruguay.

IMAGEM 4 - Seminario Internacional de docentes de Archivología del Mercosur.



Luego, la vinculación de Heloísa con Uruguay fue casi permanente. Se sucedieron los Congresos de Archivología del Mercosur cada dos años, los congresos de las



asociaciones brasileñas y otras reuniones académicas y en todos ellas sus ponencias con los comentarios y recomendaciones agregaban luz a nuestros conocimientos.

La influencia maestra de la Dra. Bellotto, en los primeros años de la enseñanza de la disciplina en Uruguay dejó huellas tan profundas que aún hoy las registramos en toda su nitidez.

La Asociación Uruguaya de Archivólogos le ofrendó homenaje declarándola Socia Honoraria en oportunidad de la apertura del último "Congreso de Archivología del Mercosur realizado en Montevideo en noviembre de 2019.

¡Larga vida a su recuerdo!

Montevideo, mayo 19 de 2023

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO: UMA VIDA DEDICADA À ARQUIVOLOGIA

Ana Isabel de Souza Leão Andrade¹

Com muita honra aceitei o convite da Presidente da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), Ana Célia Navarro de Andrade, para dar um depoimento sobre a inesquecível e querida amiga Heloísa Liberalli Bellotto, professora, escritora, bibliotecária, arquivista, historiadora, pesquisadora e excelente profissional.

Heloísa Liberalli Bellotto é digna de várias homenagens. Deixa um legado para os profissionais da Arquivologia brasileira e internacional. Amiga de vários arquivistas estrangeiros a exemplo de Vicenta Cortez Alonso (mestra e amiga em Madri-Espanha), Antonia Heredia Herrera (Espanha), Manuel Vásquez (Argentina), Júlia Rodriguez (Espanha), entre outros, que a seu convite, vieram ao Brasil participar de Congressos,

¹ Bibliotecária/Arquivista com Especialização em Organização de Arquivos. Bibliotecária da UFPB. Foi Diretora do Departamento de Arquivos da FUNDAJ-PE; Diretora do Departamento de Documentação e Arquivo da Fundação Casa de José Américo (PB); Diretora do Memorial Parlamentar ALEPB e Diretora do Arquivo Geral do Município de Cabedel (PB).

ministrar cursos, proferirem conferências e palestras, projetos na área da Arquivologia em sua maioria organizados em parceria com instituições públicas e privadas.

Exemplo de força de vontade e do prazer de sempre aprender, Heloísa, no exterior, divulgou a Biblioteconomia e a Arquivologia brasileiras e fez Especialização em Arquivística na *Escuela de Documentalistas* (1977); Aperfeiçoamento no *National Archives* dos Estados Unidos (1987) e no *Archives Nationales de France* (1979). Foi Consultora científica e pesquisadora do Projeto Resgate de Documentação Histórica do Ministério da Cultura/Ministério de Relações Exteriores do Brasil e do Arquivo Histórico Ultramarino do Ministério de Ciência e Tecnologia de Portugal, sendo Coordenadora Técnica do projeto a Dra. Esther Caldas Bertolotti. Lecionou na Escola de Arquivologia da Universidade de Lisboa. Professora na *Maestria Anual en Gestión de Documentos y Administración de Archivos* da Universidade Internacional de Andaluzia, La Rábida (Huelva), Espanha.

Imagem 1 - Heloísa Bellotto, Manuel Vázquez e Ana Isabel de Souza Leão Andrade.



Professora e Doutora em História pela USP (SP), desenvolveu pesquisas e projetos nos arquivos brasileiros e do exterior, ministrou várias disciplinas na área da Arquivologia. Implantou e foi a primeira coordenadora do Curso de Especialização em Organização de Arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros e Escola de Comunicação e



Artes da Universidade de São Paulo, expandindo esse curso em diversos estados brasileiros, inclusive na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora e primeira Coordenadora do Curso de Arquivologia da UnB, na capital do Brasil. Professora do Curso de Arquivologia da Universidade do Rio de Janeiro. Membro da Comissão Técnica de Paleografia e Diplomática do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) sendo grande referência no assunto.

Heloísa nos presenteou com o saber e o fazer arquivísticos, com a publicação de seus livros, artigos, aulas como mestra do saber, e o sentimento de competência, generosidade, simplicidade e amor pela Arquivologia.

Em participações em eventos da área de Arquivologia tive o prazer de conhecer a mestra e profissional Heloísa Bellotto proferindo conferências, ministrando aulas e repassando toda a sua experiência e saber. Amava o que fazia com muita simplicidade.

Era sempre um prazer rever e ouvir a amiga.

Através de amigos comuns, José Pedro Pinto Esposel, Ana Maria de Almeida Camargo, Daíse Aparecida de Oliveira, Nilza Teixeira Soares, Marilena Leite Paes, Ieda Pimenta Bernardes, Ester Caldas Bertolotti entre outros, me tornei mais próxima da escritora arquivista Heloísa Bellotto e pude observar uma Heloísa amiga fiel, pesquisadora rigorosa, generosa na partilha do seu conhecimento. Alegre nas rodas de conversas com os amigos, sempre com bom humor nas brincadeiras. Um prazer estar perto da amiga.

Imagem 2 - Reunião na casa de Ana Maria Camargo. Momento de descontração e alegria: Dirce, Heloísa Bellotto (de cabeça baixa sorrindo), Ana Isabel Souza Leão, Ana Maria Camargo e Daíse Aparecida.



Residindo na cidade de João Pessoa (PB), quando de minhas idas à cidade de São Paulo, me comuniquei com a amiga e nos encontramos em algumas ocasiões. Em uma dessas ocasiões recebi o convite de Heloísa Bellotto para ir almoçar em seu apartamento na cidade de São Paulo. Era dia 29 do mês de outubro e foi aí que conheci a história do *Nhoque da fortuna*. Sentamo-nos à mesa para almoçar e ela com sua alegria, sorridente, me pergunta: “Ana Isabel, você gosta de Nhoque?” Respondi que sim e que gostava muito! - o que é verdade -. Então disse: “*aqui na minha casa todos os dias 29 de cada mês observo a tradição de comer Nhoque e de colocar moedas embaixo do prato para nunca faltar dinheiro*”. Levantei o prato e lá estava uma moeda de R\$ 1,00. Rimos bastante e me falou dessa simpatia que realizava. Relato esse momento para se conhecer um pouco da Heloísa descontraída.

A Heloísa professora, arquivista, generosa, amável e comprometida com seus alunos, fez a seguinte dedicatória no seu livro *Arquivos Permanentes: tratamento documental* (1991).

A meus alunos de todo o Brasil, a cujo interesse e entusiasmo espero ser este livro a resposta adequada, justa e grata.

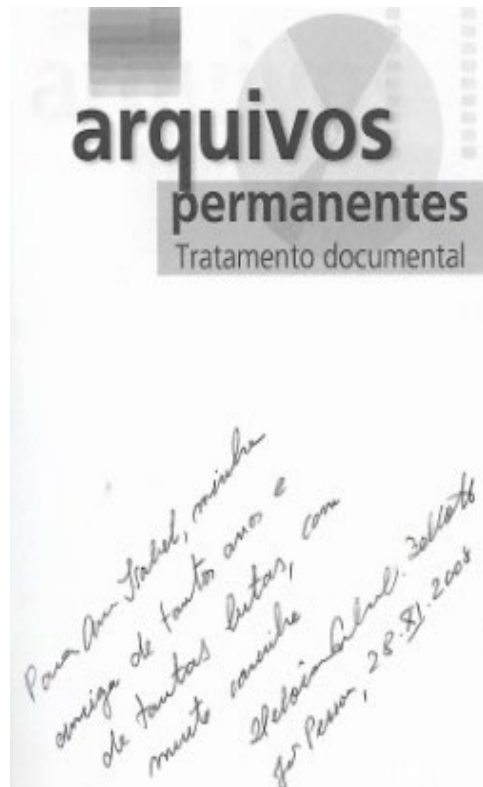
Bebi dessa fonte como sua aluna no Curso de Especialização em Arquivos

promovido pela Universidade Federal da Paraíba realizado no ano de 1995. A Professora Heloísa ministrou a disciplina Arquivos Permanentes.

Com muito orgulho, além de outros livros, possuo dois exemplares do livro de sua autoria: Arquivos permanentes: tratamento documental, edição de 1991 e a 4ª edição (2006), com a dedicatória abaixo.

Para Ana Isabel, minha
amiga de tantos anos e
de tantas lutas, com
muito carinho.
Heloísa Liberalli Bellotto.
João Pessoa, 28. XI. 2008

Imagem 3 - Dedicatória do livro Arquivos permanentes: tratamento documental



Sempre pronta a servir nunca se negou vir à Paraíba, prestar consultorias e proferir palestras tanto na área pública como na privada.

No III Encontro Nacional de Arquivos Privados realizado na FCJA, João Pessoa (PB), em junho do ano de 1992, Heloísa Liberalli Bellotto foi homenageada com uma

comenda pelos seus serviços prestados à Arquivologia brasileira e pelo seu apoio ao evento.

Imagem 4 - Heloísa Belloto recebe de Ana Isabel de Souza Leão, Coordenadora do III Encontro Nacional de Arquivos Privados uma comenda em homenagem e gratidão pelos serviços prestados à Arquivologia brasileira. João Pessoa, 14 de junho 1992.



Em 21 de novembro de 1990, no cargo de Diretora da Coordenadoria de Documentação de Arquivo (CODAR), na cidade de João Pessoa, tive o prazer de receber a honrosa visita de Heloísa, que nos orientou sobre procedimentos de organização dos documentos.

Imagens 5 e 6 - Heloísa Bellotto visitando a CODAR em companhia de Ana Isabel.



Foram tantos os momentos que contei com o carinho e amizade da profissional Heloísa Bellotto. No ano de 1994, acreditando no meu profissionalismo como Arquivista, sentindo a falta de um núcleo da AAB na Paraíba, aconselhou a então presidente Nacional da Associação dos Arquivistas Brasileiros, Lia Temporal a fazer-me um convite para a criação do Núcleo da AAB na Paraíba. Em 20 de outubro de 1995, foi criado o Núcleo da Paraíba com total apoio da saudosa amiga arquivista. Fui, então, eleita em Assembleia Geral para assumir o cargo de Diretora da Associação dos Arquivistas da Paraíba - Núcleo Regional da Paraíba, período de 1995-1998.

Em 1995, a Professora Heloísa Bellotto pela experiência de ter sido a primeira Coordenadora do Curso de Especialização em Organização de Arquivos do IEB/USP, foi convidada pela UFPB para criar e implantar, na Paraíba, o Curso de Especialização em Organização de Arquivos nos moldes do IEB/USP.

Implantado o curso, teve seu início no ano de 1995. Nessa oportunidade fui sua aluna na disciplina "*Arquivos Permanentes*", que ministrou com a maestria do seu saber. Aprendi muito com suas aulas e me fez conhecer melhor os métodos Arquivísticos.

Imagem 7 - Reunião com a presença da Professora Heloísa para finalização das atividades a serem desenvolvidas no XII Congresso Brasileiro de Arquivologia, 1998.



No ano de 1996, quando da realização do XI Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado no Hotel Glória, Rio de Janeiro, a Paraíba foi o Estado escolhido para sediar o XII Congresso Brasileiro de Arquivologia através do Núcleo recém-criado. Como Diretora AAB - Núcleo Regional da Paraíba, assumi a responsabilidade de organizar o XII Congresso. O nordeste brasileiro era muito pouco privilegiado com a participação dos Congressos de Arquivologia. Com dificuldades de organizar a programação do XII Congresso Brasileiro de Arquivologia, - à época sem internet e a comunicação através dos Correios e Telégrafos -, resolvi escrever uma carta para Heloísa Bellotto, arquivista de notável prestígio nacional e internacional solicitando a sua ajuda. Qual foi a minha surpresa? Mesmo convalescente, se recuperando de uma cirurgia, de pronto me respondeu - também através de carta - com a relação de nomes e endereços de vários profissionais da Arquivologia do Brasil e do estrangeiro que poderiam ser convidados.

Esse depoimento me emociona porque sinto a generosidade de Heloísa ajudar a Paraíba que, naquele momento precisou da sua experiência e profissionalismo. E assim,

foi realizado em junho de 1998, o tão esperado XII Congresso Brasileiro de Arquivologia no Hotel Tambaú - João Pessoa (PB), com a presença de 850 participantes, incluindo 12 profissionais estrangeiros. O evento promovido pela AAB - Núcleo Regional da Paraíba obteve sucesso total. Heloísa Bellotto fez parte do Conselho Consultivo do XII Congresso, coordenou mesas, proferiu conferências e foi homenageada.

Imagens 8 a 11 - Heloísa Liberalli Bellotto recebe homenagem do XII Congresso Brasileiro de Arquivologia com uma placa de agradecimento pelos relevantes serviços prestados à Arquivologia que foi entregue pela Presidente do Congresso Ana Isabel de Souza Leão Andrade.





A última visita da Professora Heloísa Bellotto no Estado da Paraíba foi sua participação na IV Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (Reparq) realizada no período de 03 a 06 de agosto de 2015, na cidade de João Pessoa.

No dia 20 de outubro de 2022 - dia do Arquivista- através das redes sociais do “WhatsApp” me comuniquei com a amiga:

Minha querida Heloísa, Parabéns pelo seu dia!!!, vc contribuiu muito para o desenvolvimento da Arquivologia no Brasil. Nossa gratidão. Ana Isabel.

Resposta de Heloísa:

Querida Ana Isabel, Parabéns também a você, que juntamente com Maria José Rabelo (RN) foram as pioneiras da Arquivologia no Nordeste. Um grande e saudoso abraço, Heloísa.

No dia 1 de março de 2023, recebi com grande tristeza a notícia do falecimento da Arquivista que dedicou sua vida à Arquivologia.

Sinto e sentirei saudades da querida Heloísa Bellotto e recordarei com carinho a sua disponibilidade de transmitir os seus sábios conhecimentos com sorriso nos lábios e meiguice na fala. Guardarei os melhores momentos na memória, as alegrias que



passamos juntas e as vitórias alcançadas na Arquivologia brasileira.

Os que privaram de sua amizade e a Arquivologia agradecem a grande mestra pelo legado deixado em prol da área.

Será sempre homenageada e jamais esquecida! Viva Heloísa Liberalli Bellotto!

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



RECORDANDO A HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Antonia Heredia Herrera¹

Hace bastantes años -quizá me equivocaría tratando de precisarlos- coincidí por primera vez con Heloísa. Yo, acababa de terminar la licenciatura en Historia y un conocido americanista de la Universidad de Sevilla, Dr. Francisco Morales Padrón, me presentó a un matrimonio brasileño, también historiador él y a su esposa. No volví a verlos, pero al cabo del tiempo, ejerciendo ya de archivera conocí los trabajos de aquella señora que también era archivera. Nos encontramos y desde entonces las buenas relaciones y el cariño fueron corrientes de ida y vuelta entre nosotras, compartiendo inquietudes archivísticas. El debate fue permanente y fructífero por profundo y amigable, siempre acompañado de su sonrisa.

¹ Doutora em História da América pela Universidade de Sevilha, arquivista, professora e pesquisadora. Grande teórica da Arquivologia, é autora do clássico "Archivística General. Teoría y práctica" (1986), de "Lenguaje y vocabulario archivísticos: algo más que un diccionario" (2011) e do "Manual de Archivística básica. Gestión y sistemas" (2013), entre outras obras.



Conseguí disfrutar de su compañía en Huelva, en la Universidad Internacional de Andalucía, al invitarla a participar en la Maestría de “Gestión documental y administración de Archivos” que en ese momento codirigía con otra archivera, Remedios Rey de las Peñas, que también fue su amiga.

Siempre hubo temas de debate que nos interesaron y no me cabe la menor duda que hubiéramos tenido oportunidad de seguir hablando de muchos de ellos. Algunos se me vienen a la cabeza, así el uso de “documentos de confianza” para los documentos de archivo cuando la confianza, por evidencia, les es inherente y tal referencia habría que reclamarla para la información. Quizá comentaríamos algún título de conferencia o de webinar, como ese reciente de “Archivar, exponer, salirse del guión en los Archivos del arte” en el que se confunde un Museo con un Archivo, con independencia de que el Museo necesariamente disponga de un archivo. Siendo sensible a la terminología también algo tendría que comentar sobre el ABC archivístico difundido recientemente por nuestros colegas mexicanos.

Heloísa me facilitó la amistad y la relación con muchos de mis colegas brasileños destacando la de la dra Ana María de Almeida Camargo y la de Ana Célia Navarro de Andrade.

Es una suerte haberla conocido y haber sido su amiga. Sus alumnos la añoraran por lo que les ha aportado y, como yo, no la olvidaran jamás.

Espero encontrarla para seguir hablando de documentos y de archivos y Archivos.

Sevilla, 1 mayo 2023.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



RECORDANDO MÍ AMISTAD CON HELOÍSA BELLOTTO

Eugenio Bustos¹

Con fecha 1 de marzo de 2023 falleció la Dra. Heloísa Liberalli Bellotto, destacada profesional brasileña de la Archivología y la Historia. La Dra. Bellotto, desarrolló una vasta labor en la Archivología dejando un valioso legado profesional que traspasó las fronteras de Brasil extendiéndose su fructífera labor principalmente a Iberoamérica.

Además, era licenciada y doctora en Historia, bachiller en Biblioteconomía y especialista en Archivística con estudios en Brasil y España, siendo profesora en diversas Instituciones Académicas en Brasil, España y Portugal.

Tuve el honor de conocerla en el IV Congreso de Archivología del Mercosur, efectuado en San Lorenzo, Paraguay en 2001 llevándose a cabo en la sede de la

¹ Bibliotecólogo egresado de la Universidad de Chile. Diplomado en Archivística de la Escuela Vaticana de Paleografía, Diplomática y Archivística. Presidente de la Asociación de Archiveros de Chile. Miembro del Consejo Asesor del CAM. Formó parte del Comité Directivo de Asociaciones Profesionales del Consejo Internacional de Archivos (2016/2020). E-mail: ebustosruz@gmail.com



Universidad Nacional de Asunción. En esa ocasión compartimos una mesa redonda y así pudimos conocernos y con el paso de los años entablar una buena amistad que afortunadamente perduró hasta su partida. Sabemos que dentro de su importante currículo se desempeñó como asesora del Sistema de Archivos del Estado de Sao Paulo y de la Universidad de Sao Paulo, consultora del Proyecto Rescate del Ministerio de Cultura de Brasil, elaboró el trabajo de descripción de documentos del Archivo Histórico Ultramarino en Lisboa, Portugal y participó en muchos eventos profesionales, particularmente en los Congresos de Archivología del Mercosur (CAM), destacándose como una activa concurrente y conferencista en varias versiones del CAM en Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay.

Al respecto, mi vínculo con ella fue precisamente a través del CAM volviendo a reencontrarnos en el V Congreso de Archivología del Mercosur realizado en Huerta Grande, Provincia de Córdoba, Argentina en 2003. Posteriormente en el VI CAM efectuado en Campos de Jordão, São Paulo, Brasil, 2005 y en el cual ella fue la Coordinadora. En el intertanto, yo estaba intentando lograr la sede para el VII CAM en Chile y en lo cual Heloísa resultó ser un apoyo fundamental conjuntamente con la Lic. Alicia Casas de Barrán, en ese entonces directora del Archivo General de la Nación de Uruguay. Recuerdo especialmente que en la inauguración del VI CAM al ingresar al salón Heloísa me dijo, te voy a llamar a formar parte de la mesa y entonces me presentó diciendo él es el colega Eugenio Bustos quien será el Coordinador del próximo VII CAM en Viña del Mar, Chile, 2007, reaccionando la asamblea con un sonoro aplauso inolvidable para mí. Por supuesto que volvimos a reencontrarnos en Viña del Mar en donde la Dra. Bellotto formó parte de la mesa en la sesión inaugural y presentando además en el Encuentro de Estudiantes de Archivología del Mercosur la ponencia titulada "Responsabilidades éticas y ciudadanas en la formación de archiveros", demostrando su alma de docente en su cercanía con la enseñanza y los estudiantes con un tema visionario en ese entonces como lo es la ética profesional en los archivistas.

En 2012, se efectuó en la ciudad de San Bernardo, Chile, la IV Convención Internacional de Archivistas (COINDEAR), ocasión en que tomé contacto con Heloísa por si deseaba participar y rememoro su respuesta, "Eugenio tu siempre con buenas noticias



mira que he pasado un momento familiar doloroso y un viaje a tu país me viene muy bien por lo que mucho te agradezco la invitación”, entonces mi respuesta fue “tú sabes que siempre eres bienvenida y así la tuvimos nuevamente visitando tierra chilena pudiéndonos abrazar una vez más”. En esa convención ella presentó la interesante ponencia titulada “Cooperación archivística y patrimonio cultural: el acceso informacional a las fuentes de Historia de Brasil existentes en Europa (1995-2012)”. También tuve el placer de recibirla en una ocasión en mi casa junto a unos de sus nietos para compartir gratos momentos y posteriormente ella me recibió en la suya de la que recuerdo la gran colección de libros que poseía, antes de haber almorzado una exquisita y abundante feijoada en un conocido restaurante giratorio en el centro de Sao Paulo y como personas creyentes hacer una visita a la hermosa iglesia Nuestra Señora del Consuelo.

Tiempo después coincidimos durante el XI Congreso de Archivología del Mercosur realizado en Sao Paulo en 2015 y en forma conjunta redactamos las conclusiones, esa vez recibí como regalo la remera oficial diseñada para el evento que conservo hasta ahora aparte de otros obsequios que tengo incluyendo el de mayor importancia su libro, “Arquivo: estudos e reflexões”, editado por la Universidad Federal de Minas Gerais, 2014. En 2019 nos volvimos a encontrar con motivo del XIII CAM realizado en Montevideo, Uruguay, siendo su última participación en dichos congresos y en el cual recibiera un merecido homenaje por parte de la Asociación Uruguaya de Archivólogos en reconocimiento a su brillante trayectoria profesional especialmente en el ámbito archivístico del Mercosur. Por razones ajenas a mi voluntad no alcancé a estar presente es ese emotivo acto, pero en los días siguientes pudimos compartir algunos momentos. Con mucha emoción transcribo el último mensaje de saludo recibido por correo electrónico de fecha 28 de febrero de 2022:

Querido Eugenio: Mirando ahora en mi computadora algunos mensajes pasados, me doy cuenta que yo no he contestado los votos de Felices Fiestas que me has enviado por medio de Ana Célia Navarro. Te pido perdón por ese olvido, pues sabes que te considero un gran amigo. Considere el culpable de ese olvido mis 87 años cumplidos la semana que pasó. Mis votos también de un buen año sin embargo de tantos males que sufre todo el mundo en este momento. Un gran abrazo. Heloísa.



Junto con su extraordinaria calidad humana, pesemos en el gran aporte bibliográfico dejado por nuestra querida e inolvidable Heloísa Bellotto, compuesto de numerosos artículos y libros de sus especialidades destacando los concernientes a la disciplina archivística de utilidad tanto para Brasil como a nivel intercontinental. En esta nota dedicada a su persona, he querido testimoniar la amistad que existió entre nosotros la que no se apaga porque la luz permanece haciéndome sentir por ello una persona privilegiada en haberla conocido. Agradezco profundamente la posibilidad de poder expresarlo dando las gracias a Ana Célia Navarro de Andrade y a los colegas de Brasil por otorgarme la oportunidad.

Querida Heloísa, descansa en paz y hasta siempre.

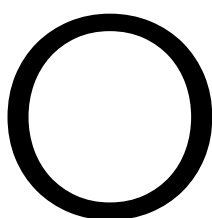
LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



UMA VIDA DEDICADA À FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM ARQUIVOLOGIA NO BRASIL E NA BAHIA

Maria Teresa Navarro de Britto Matos¹



Um honroso convite para participar de uma justa e meritória homenagem da Associação dos Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP)² à querida mestra e amiga professora Heloísa Liberalli Bellotto, em um número especial da revista OFFICINA, representa muito mais do que comentar partes da sua trajetória acadêmica e profissional. Significa realizar um depoimento sobre a admiração e o reconhecimento da sua presença na formação

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Université de Montréal, com concentração em Arquivologia. Especialista em Arquivologia e graduada em História pela UFBA. Professora Associada IV do Departamento de Fundamentos e Processos Informacionais do Instituto de Ciência da Informação da UFBA. Membro do Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Comunicações e Conhecimento (GEPICCC) da UFBA, e do Grupo de Pesquisa Fundamentos históricos, epistemológicos e teóricos da Arquivologia (FHETA) da Universidade de Brasília. Diretora do Arquivo Público do Estado da Bahia (2007-mar/2023). Representante, suplente, dos Arquivos Públicos Estaduais e do Distrito Federal no Conselho Nacional de Arquivos (2020-2022). Membro titular da Comissão Nacional do Brasil do Programa Iberarchivos (2020-2022). Membro titular do Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO (2009-2013).

² Agradeço a Ana Célia Navarro de Andrade, presidente da ARQ-SP, pelo convite.



acadêmica de muitas gerações de estudantes, professore(a)s e pesquisadore(a)s da área de Arquivologia no Brasil e na Bahia, da qual faço parte.

Meu primeiro encontro com professora Heloísa Liberalli Bellotto ocorreu em 1989, há trinta e quatro anos³. Era estudante da disciplina - Arquivística II (Permanentes)⁴, com carga horária de 60 horas, que ela ministrou no âmbito do Curso de Especialização em Arquivologia⁵ promovido pela então Escola de Biblioteconomia e Documentação⁶ da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1992, p. 109). O curso teve por objetivo capacitar docentes para o curso de graduação em Arquivologia da UFBA, em consonância com a demanda do setor público e privado no Estado da Bahia, quanto ao cumprimento da legislação específica⁷. Na oportunidade, professora Heloísa compartilhou com entusiasmo, qualidade que lhe era própria, o “fascínio dos arquivos”⁸. Tenho a sensação de que ela transmitiu o que menciona na “Introdução” do livro - *Arquivos permanentes: tratamento documental* (BELLOTTO, 1991, p.2), ter “herdado” do professor José Pedro Pinto Esposel e, das professoras Nilza Teixeira Soares e Vicenta Cortés Alonso. A “chave” para impulsionar o engajamento na defesa dos arquivos, da Arquivologia e do(a)s arquivistas. As aulas teóricas concentraram-se em questões conceituais e metodologias sobre o tratamento documental, com ênfase nos arquivos permanentes. As exposições foram ilustradas com exemplos diversos e múltiplos da realidade brasileira, pautados em uma abordagem didática criteriosa. Somam-se as aulas

³ Agradeço as colegas Antonietta d’Aguiar Nunes, Erenilda Custódio dos Santos Amaral e Marlene Assis de Deus Moreira pelo diálogo, possibilitando revisitar memórias vivenciadas no Curso de Especialização em Arquivologia. Meu agradecimento especial, ao colega Sérgio Franklin Ribeiro da Silva que, inclusive, gentilmente colaborou na busca de fontes documentais custodiadas pela Coordenação de Arquivo e Documentação da UFBA.

⁴ As aulas da disciplina - Arquivística II (Permanentes) foram iniciadas no dia 25/08/1989 (NÚCLEO REGIONAL DA BAHIA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS DA BAHIA, 1989, p. 3).

⁵ O projeto foi aprovado pela Câmara de Ensino de Pós-graduação e Pesquisa em 01/06/1988, mediante a Resolução nº 077/1988 (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1992, p.104).

⁶ Em 12/03/1998 passou a denominar-se Instituto de Ciência da Informação.

⁷ Lei delegada nº 52, de 31/05/1983, que “dispõe sobre a proteção dos arquivos públicos e privados, e dá outras providências” (BAHIA, 1983).

⁸ Expressão que tomo por empréstimo do artigo “O fascínio dos arquivos” de autoria de Diego Viana publicado na Edição 326, de abril de 2023, da Revista FAPESP, publicada *on-line*, em 17/03/2023.



práticas desenvolvidas no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), inaugurando uma metodologia de ensino de Arquivologia, de caráter teórico-prático⁹.

Como as aulas eram ministradas em regime intensivo, nos intervalos, professora Heloísa, com seu jeito simples, gentil e generoso dialogava sobre estudos, pesquisas, cursos, estágios técnicos, eventos e publicações da comunidade arquivística brasileira e internacional. Compreendo que essa orientação ampliada instigou muito(a)s do(a) egresso(a)s a descobrirem espaços de interlocução, compreendidos como essenciais, para o intercâmbio de saberes arquivísticos. Nesse sentido, registramos a participação no *Stage Technique International d'Archives*¹⁰, organizado pela *Direction des Archives de France*, bem como em diversas edições do Congresso Brasileiro de Arquivologia, promovido pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), do Congresso Nacional de Arquivologia, *Congreso de Archivología del Mercosur* e do *Congrès International des Archives*.

Para atender aos requisitos à obtenção do certificado de conclusão, o(a)s estudantes elaboraram anteprojetos das monografias individuais de final de curso. Professora Heloísa orientou Miriam Beatriz Collares na "Implantação de um arquivo permanente bancário: um estudo de caso". Foi co-orientadora de Zeny Duarte de Miranda no "Catálogo cumulativo de arquivos fotográficos do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia". Ademais, de alguma forma, nossa mestra sugeriu nomes de reconhecido(a)s profissionais no cenário nacional para orientação. Entre as 27 monografias de final de curso apresentadas, por exemplo, a professora Ana Maria de Almeida Camargo (USP), à época Diretora do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, orientou Erenilda Custódio dos Santos Amaral em "Diretrizes para a implantação de arquivos municipais". Como, também, a professora Célia Maria Leite Costa, na ocasião pesquisadora da equipe do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), orientou

⁹ De acordo com o plano de ensino-aprendizagem sob a guarda da Coordenação de Arquivo e Documentação da UFBA.

¹⁰ Importante esclarecer que Zeny Duarte de Miranda (1990) e Maristher Moura Vasconcelos (1991) foram indicadas pelo curso. E, Antonietta d'Aguiar Nunes (1990) e Maria Teresa Navarro de Britto Matos (1991) pelo APEB.



a minha monografia, intitulada “Arquivos pessoais em arquivos públicos: o acervo de Wanderley de Pinho”. As evidências apontam, portanto, que professora Heloísa colaborou de forma singular como interlocutora no percurso acadêmico de muito(a)s estudantes.

Contudo, importante registrar que o marco definidor da rica interlocução entre a UFBA e professora Heloísa, data de 1986. Em razão do grande conhecimento técnico-científico e a experiência docente acumulada no Curso de Especialização em Organização de Arquivos da USP, prestou consultoria no âmbito de uma Comissão formada pelas professoras Maria José Rabello de Freitas¹¹, Maryvone Palma de Mello e Gilda Ieda Sento Sé de Carvalho¹², designada para retomar os estudos sobre a criação e implantação de um curso universitário de Arquivologia, bem como elaborar uma nova proposta curricular, dando continuidade ao estudo preliminar realizado em 1980 (FREIXO, 2011, p. 209). Foi nesse contexto que emergiu a preocupação com a formação de um quadro docente especializado, culminando com a instalação do referido curso de especialização em Arquivologia, em 03/10/1988. É possível afirmar que professora Heloísa contribuiu no processo de criação do curso de graduação em Arquivologia da UFBA, aprovado pela Câmara de Ensino de Graduação, em 1997, e implantado, em 1998 (FREIXO, 2011, p. 210-11). Pioneiro na formação universitária em Arquivologia na região Nordeste.

Concluído o curso de especialização, em 1989, a presença do(a)s egresso(a)s na intensa agenda de eventos da comunidade arquivística nacional e internacional foi contínua. Em 1992, a delegação brasileira a participar do XII *Congrès International des Archives*, promovido pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA), em Montréal, revelou-se representativa. Participamos de um evento paralelo que reuniu estagiário(a)s estrangeiro(a)s e francês(es) do *Stage Technique International d’Archives*¹³. Na

¹¹ Idealizadora do curso de graduação em Arquivologia, em 1972. Em 1980 realizou “[...] um estudo preliminar para a criação e implantação de um curso superior de Arquivologia, aprovado pelo Colegiado de Biblioteconomia [...]”. Contudo, “[...] apesar dos esforços até 1985 o curso de Arquivologia não havia sido concretizado [...]”. (FREIXO, 2011, p. 209).

¹² Primeira coordenadora do Colegiado do Curso de Graduação em Arquivologia da UFBA.

¹³ Ela participou em 1979, e em 1991 participei.



oportunidade, professora Heloísa mencionou que havia sido convidada pelo professor Carol Couture, da *Université de Montréal (UdeM)*, presidente do Comitê Executivo da *Section pour l'Enseignement de l'Archivistique et la Formation des Archivistes (SAE)*, que acabava de ser criada, no âmbito do CIA, para participar de um evento pós-congresso. Pouco tempo depois, conversamos sobre a contribuição epistemológica da arquivística integrada preconizada pelos arquivistas quebequenses Carol Couture e Jean-Yves Rousseau. Motivada, optei em retornar à universidade. E, assim, professora Heloísa, generosamente, apoiou, por meio da disponibilização de uma carta de recomendação, propositura no processo de seleção pública para obtenção de uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com a finalidade de assegurar a realização do mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação, com concentração em Arquivologia, ministrado na *École de Bibliothéconomie et des Sciences de l'Information*, da UdeM. Em 1993, fui selecionada pela UdeM e pelo honroso apoio da CAPES. Desenvolvi um projeto de pesquisa¹⁴ dedicado ao ensino universitário de Arquivologia no Brasil, sob a orientação da professora Louise Gagnon-Arguin e, co-orientação do professor Carol Couture. Em 1994, a professora Louise Gagnon-Arguin foi convidada a participar da 1ª sessão plenária, dedicada "a universidade e o ensino de Arquivologia", do X Congresso Brasileiro de Arquivologia, promovido pela AAB, no Centro de Convenções do Anhembi, em São Paulo. Iniciativa mediada por professora Heloísa, que demonstrou a sensibilidade em relação a percepção dos rumos da pesquisa com o contexto da época.

Desde então, conversávamos sobre a criação e a implantação dos cursos universitários de Arquivologia no Brasil e a valorização da carreira docente. Ela acompanhava com muito interesse o desenvolvimento dos cursos, em cada região. Sempre, disponível para somar e fortalecer com todo(a)s. Nesse sentido estive na Bahia e na UFBA inúmeras vezes, convidada para atividades de ensino, pesquisa e extensão. Gostaria de destacar a participação de professora Heloísa no XIX Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia (ENEARq), realizado em 2015, quando proferiu a conferência

¹⁴ Concluído em 1995, que resultou na dissertação "La formation universitaire en archivistique au Brésil".

de abertura sobre “as responsabilidades éticas e cidadãs na formação do arquivista”. Naquele momento, ela ressaltou a pertinência da escolha do tema em razão do significado e a importância da missão que o(a)s arquivistas desempenham em um mundo onde a informação se torna cada vez mais poderosa.

Imagem 1 - Conferência de abertura do XIX ENEARQ, Professora Heloísa Liberalli Bellotto e Maria Teresa Matos.



Na ocasião, tive a grata satisfação de acompanhá-la. Paralelamente, participou, também, do 1º Seminário de Pesquisa em Arquivologia, realizado pelo Instituto de Ciência da Informação (ICI) da UFBA, assim como de sessão de autógrafos do livro - ARQUIVO - estudos e reflexões, publicado pela editora da UFMG em 2004.

Em 2019, no *XIII Congreso de Archivología del Mercosur*, testemunhei, com alegria, a homenagem prestada pela *Asociación Uruguaya de Archivólogos* a professora Heloísa, por serviços dedicados à Arquivologia do Mercosul.

Imagem 2 - Professora Heloísa no XIII CAM, com Ana Célia Navarro de Andrade, Maria de Lourdes Ferreira, Marcia Pazin e Maria Teresa Matos.



Expresso os meus sinceros agradecimentos pelo privilégio do convívio e da grande generosidade da professora Heloísa, sempre estimulando, sugerindo e discutindo. Formando discípula(o)s que muito se beneficiaram com os seus ensinamentos. Ela deixa um imenso legado de trabalho, compromisso e dedicação a formação universitária em Arquivologia no Brasil e na Bahia.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. **Lei delegada nº 52**, de 31/05/1983, que “dispõe sobre a proteção dos arquivos públicos e privados, e dá outras providencias”.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- FREIXO, Aurora Leonor. O curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 207-229.
- NÚCLEO REGIONAL DA BAHIA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS DA BAHIA. **Boletim do NAAB-BA**. Salvador. v. I, nº 11/12, 1989,



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. **Cinquentenário da Escola de Biblioteconomia e Documentação.** Coord. Esmeralda Maria Aragão e Dinorá Luna de Assis Quaresma. Salvador: Gráfica Universitária, 1992.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Nilza Teixeira Soares¹

D

o alto dos meus 97 anos, não lembro como, onde e quando conheci Heloísa Bellotto. Só me lembro que ao final do ano que nos conhecemos recebi uma gentil mensagem de Feliz Natal o que me surpreendeu pela delicadeza. Aí começou nossa amizade.

Possuo um exemplar do seu livro, cujo título corrente (ao alto de cada página ímpar) é "**autoridade e conflito**", lançado em 1979. Originalmente foi apresentado, por Heloísa, como tese de seu doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. No meu exemplar consta a seguinte dedicatória: "Para Nilza Teixeira Soares, com a amizade e admiração de Heloísa Liberalli Bellotto. Brasília, 29, VIII, 1983." É de notar que a obra publicada foi dedicada pela autora

¹ Bibliotecária e arquivista. Ingressou, em 1956, na Câmara dos Deputados como bibliotecária. Em 1973 tornou-se diretora do Arquivo da Câmara dos Deputados, ano em que sua tradução da obra "Modern archives: principles and techniques" (Arquivos Modernos: princípios e técnicas), do arquivista e historiador Theodore Roosevelt Schellemerge, foi publicada no Brasil pela Editora FGV.



ao seu pai, nos seguintes termos. “À memória de Carlos Henrique Liberalli, meu pai e mestre maior.”

O título completo dessa obra é **Autoridade e conflito no Brasil Colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo” (1765-1775)**. Editado em São Paulo, pela Secretaria de Estado da Cultura, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, em 1979. 380 p.+ 1 p. com o Índice de ilustrações, a maioria, mapas. Destaca-se o retrato de D. Luis Antônio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, colorido, logo no início do livro. O original deste retrato encontra-se no Solar dos Mateus, em Vila Real, Portugal. A obra traz, no final, a relação de Fontes Manuscritas pesquisadas no Arquivo do Estado de São Paulo, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa e em outras entidades, p.361-363, em seguida a relação de fontes impressas, p. 365-369, além de bibliografia consultada (obras de referência e obras específicas) p.371-380.

Devo à Heloísa Bellotto e à sensibilidade de D. Raymundo Damasceno Assis, à época (1995-2005) Secretário Geral da CNBB, que após participar da 1ª Mesa Redonda de Arquivos, promovida pelo Arquivo Nacional, em junho de 1988, meses depois, no mesmo ano, incumbiu Monsenhor Jamil, grande estudioso e pesquisador de arquivos eclesiásticos, de proceder a levantamentos nos arquivos da CNBB e propor medidas de organização daquele acervo.

Assim é que no ano seguinte, 1989, fui procurada por D. Damasceno e pelo Monsenhor Jamil, para organizar o arquivo da CNBB. Aposentada da Câmara dos Deputados, aceitei o convite.

Inicialmente foi proposta a contratação de uma firma especializada que ali trabalhou por seis meses. O importante foi tirar os documentos de depósitos pouco condizentes, no subsolo, e desobstruir os locais de trabalho dos funcionários, produzindo o registro e descrição do que se encontrou e propondo a avaliação dos documentos, descartando os inservíveis e preservando os de valor temporário ou permanente.

Consideramos a caminhada da organização do Arquivo da CNBB, rápida e gloriosa. Ganhamos espaço nobre, equipamento adequado e foi contratada uma arquivista, profissional, para dar continuidade ao trabalho e responder pelo acervo



arquivístico. Hoje em dia o Arquivo está sob a Coordenação da Arquivista Carolina Lustosa, que conta com uma equipe de quatro funcionários.

A formação acadêmica e titulação de Heloísa Bellotto, que ocorreu nos anos 1955/1976, além de São Paulo, se estendeu a Portugal, e Estados Unidos, França e Espanha.

Heloísa Bellotto participou de 28 eventos de extensão universitária, no período de 1956/1998 (42 anos).

Heloísa Bellotto, de aparência frágil e sempre sorridente, era extremamente competente e ativa.

Ao longo dos anos 1970/2019, apresentou trabalhos em congressos e proferiu palestras, 186 vezes.

No mesmo período, exceção feita a alguns anos, redigiu prefácios e introduções, procedeu a revisões, traduziu artigos e resumos, num total de 26 vezes.

Nos anos de 1978/2012 (34 anos) prestou 35 assessorias e consultorias.

Concedeu entrevistas, participou de mesas redondas, fez programas e comentários na mídia, no período de 1982/2016, ou seja, em 34 anos, num total de 97 vezes.

Artigos publicados em periódicos, no período de 1964/2020, totalizaram 140 e ainda produziu, publicou e colaborou na organização de 22 livros, no período de 1983/2014.

Menciono ainda dois livros de autoria de Heloísa Bellotto: **Diplomática e tipologia documental em arquivos**. 2ª ed. rev. e ampliada. Brasília ed. Briquet de Lemos, 2008. 160p. e **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4ª tiragem. Rio de Janeiro, FGV, 2013. 318 p., lançado pela primeira vez em São Paulo, em 1991.

A produção intelectual de Heloísa Bellotto atingiu, ainda, temas artísticos, culturais e filosóficos.

Heloísa Bellotto participou de 50 bancas de mestrado, nos anos de 1988/2019, bem como de 24 bancas de doutorado, no período de 1979/2019 (20 anos).

Heloísa Bellotto participou, também, de bancas de qualificação de doutorado, bem como de mestrado e ainda atuou em concursos.

Cabe acrescentar que Heloísa Bellotto sempre que vinha a Brasília, não deixava de visitar o Arquivo da Câmara dos Deputados.

IMAGEM 1 - Heloísa Bellotto entre duas arquivistas da Câmara, Vânia Lucia Alheiro Rosa e Laila Monaiar, em sua residência em São Paulo.



Heloísa Bellotto foi professora visitante da Universidade de Brasília, colaborou na criação do Curso de Arquivologia e ministrou aulas nos anos de 1989/1993.

Por oportuno, cabe agradecer à Universidade Federal de Minas Gerais a extremamente valiosa ideia da criação de um grupo de trabalho, liderado pelo Prof. Renato Venâncio, de reunir em um só livro a produção de Heloísa Bellotto sobre Arquivologia, em toda sua abrangência. Heloísa Bellotto aceitou o convite e se reportou aos últimos 34 anos de trabalho. Esse projeto resultou na obra lançada em 2014, em 2ª impressão, com 477 páginas, sob o título **Arquivo: estudos e reflexões**, que consta de 5 capítulos assim intitulados: I) Arquivos; II) Arquivistas; III) Documentos; IV) Diplomática; V) Entrevistas e pronunciamentos.



Aqui termino manifestando minha admiração e gratidão à Heloísa Liberalli Bellotto.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



HELOÍSA BELLOTTO: ¡EXCELENTE PROFESIONAL!

Norma Catalina Fenoglio¹

P

equeña de estatura, pero enorme profesionalmente; de voz suave, pero firme y clara en sus razonamientos y apreciaciones; generosa con los colegas, muy comunicativa con los alumnos; activa y dispuesta: así recuerdo y siempre admiré a Heloísa Bellotto.

La conocí en 2001, en oportunidad del IV Congreso de Archivología del Mercosur, en San Lorenzo, Paraguay, cuando propuso la constitución de la Red Iberoamericana de Enseñanza Archivística Universitaria (RIBEAU) para que los docentes universitarios de las cátedras de archivología intercambien ideas, experiencias y conocimientos, a los fines de homologar, en cierta forma, las carreras a nivel iberoamericano. Esa propuesta la amplió en el VI CAM, en Campos de Jordão, Brasil,

¹ Doctora en Estudios Sociales de América Latina, Licenciada en Archivología, Máster en gestión documental y administración de archivos, Profesora y traductora de inglés y de francés. Profesora titular por concurso en las cátedras "Selección Documental" y "Teoría Archivística" en Escuela de Archivología, FFyH, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina.

cuando planteó la instrumentación de un programa de cooperación archivística a nivel del Mercosur, con la constitución de grupos de trabajo sobre temas específicos (legislación, gestión documental, evaluación, acceso, archivos privados, documentos digitales, entre otros) lo que muestra su preocupación por la situación de los Archivos no sólo en Brasil, sino en toda la región, así como su interés en mejorarla.

Mi relación con ella fue exclusivamente profesional.

En cada CAM tuve la oportunidad de compartir alguna charla, de aprender con sus reflexiones, de recibir en obsequio alguna de sus obras, siempre con la misma modestia y humildad.

También en el marco de los Congresos de Archivología del Mercosur coincidimos en el Consejo Asesor y, por lo tanto, escuché sus propuestas, siempre tendientes a optimizar la profesión y mejorar la situación de los Archivos.

IMAGEM 1 - Reunión del Consejo Asesor - XI CAM (São Paulo, 2015).



Tuve la suerte, además, de tenerla como profesora del módulo “Archivística” en el Master en Gestión Documental y Administración de Archivos, en la Universidad Internacional de Andalucía, en La Rábida, España, en 2010. En esa oportunidad pude apreciar su calidad docente: clara, precisa, concreta, una verdadera MAESTRA.

En otro orden, integró el banco de evaluadores externos del Anuario de la Escuela de Archivología de la Universidad Nacional de Córdoba y, como tal, en el período en que me desempeñé como directora de esa publicación, pude comprobar su calidad como revisora de artículos de investigación. Respondía rápidamente y sus comentarios eran certeros y ajustados, incluyendo, a veces, sugerencias puntuales personales para el autor.

IMAGEM 2 - Eugenio Bustos, Norma Fenoglio, Mireya Callejas e Heloísa Bellotto (XI CAM, São Paulo, 2015).



La última vez que la vi y conversamos fue en Montevideo, en oportunidad del XIII CAM. Estaba radiante, feliz de comunicarse con jóvenes. Ese día compartimos una experiencia que había tenido con un alumno de mi cátedra de Teoría Archivística en la Universidad Nacional de Córdoba: como trabajo práctico había solicitado que investigaran sobre las obras y pensamiento archivístico de algunos profesionales cuyas publicaciones utilizábamos en clase. Uno de ellos era Heloísa Bellotto. El alumno

encontró su correo electrónico y le escribió, con la esperanza de que ella le informara el listado de sus publicaciones. Pocos días después, para su sorpresa, recibió un largo mensaje en el que ella le comentaba sobre su familia, sus actividades, sus investigaciones y se ofrecía a ampliar los datos, si lo necesitaba. El alumno quedó maravillado y ella, según me dijo, encantada de que un joven argentino estuviese interesado en conocer sus antecedentes. ¡Esa era Heloísa!

IMAGEM 3 - Eugenio Bustos, Gabriel Queijo, Norma Fenoglio, Luis Fernando Sierra Escobar, Mariana Nazar, María Teresa Bermúdez Muñoz, Ana Célia Navarro de Andrade, Heloísa Bellotto, Anna Szejcher, Aída Luz Mendoza Navarro, Gustavo Villanueva Bazan (XI CAM, São Paulo, 2015).



Su fallecimiento nos dejó huérfanos de una teórica de la archivología, de una consultora constante y de una gran persona. Nos quedan sus publicaciones, en las que se encuentran sus pensamientos y sus propuestas, a las que seguramente seguiremos recurriendo; pero extrañaremos su voz, su calidez, su presencia...

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.



MEMÓRIA AFETIVA ARQUIVÍSTICA

Sonia Maria Troitiño Rodriguez¹

E

ste é um texto propositalmente escrito em primeira pessoa - algo pouco comum para as formalidades acadêmicas. É um texto que deliberadamente fala de memórias, afinidades e compartilhamento de saberes e experiências. Nas palavras de Halbwachs,

se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, tendo desenvolvido pesquisa na linha temática Historiografia e Documentação. Professora nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia (FFC/Unesp) e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UNESP).



E, assim, este exercício de rememoração e presentificação dos ensinamentos de Heloísa Liberalli Bellotto oscila entre influência intelectual e afetividade pessoal.

Não me lembro a primeira vez em que vi ou ouvi falar de Heloísa Liberalli Bellotto. Provavelmente se confunda com o próprio conhecimento que tenho sobre arquivos permanentes - minha porta de entrada na arquivologia. Por eles e a partir deles tive a possibilidade de conhecer seus trabalhos e a própria autora. Mas, talvez, salvo arrependimentos de memória, lembro da vez em que fui a ela apresentada. Era o começo dos anos 2000, estava há poucos meses trabalhando no Arquivo Permanente do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) e a profa. Heloísa Bellotto atuava como consultora do Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo (SAESP/APESP). Ambos os órgãos, localizavam-se no mesmo conjunto de edifícios, sito no Bairro de Santana da capital paulista. Aproveitando a oportunidade de sua visita para uma das reuniões de trabalho, Profa. Heloísa, gentilmente, reservou um pouco de seu tempo para ir até o Arquivo Permanente discutir conosco sobre os livros de entrada de imigrantes². Não é novidade que o exercício da arquivística aplicada, com frequência, torna-se muito mais complicado e intenso do que a literatura, às vezes, o sugere. E este é o encantamento que arquivologia causa e que foi tão bem exposto por Bellotto (2008), na entrevista "O discreto fascínio da arquivologia".

A este, nos mais de 20 anos que se seguiram, deram-se muitos encontros e conversas. Compartilhávamos gostos em comum: manuscritos antigos, documentação colonial, paleografia, diplomática, tipologia documental, teoria arquivística, história dos arquivos, história institucional, história ibérica e brasileira. Governança arquivística. As conversas eram longas e nunca se esgotavam.

Considerando minha base de formação e trajetória no mundo dos arquivos, partindo de vivências em diferentes instituições de custódia de arquivos permanentes, sempre trabalhando com documentos desde séc. XVI até o XX, posso dizer que cresci profissionalmente sob influência dos estudos de Bellotto. O interesse pelos arquivos e

² Livros de registro de entrada de imigrantes. Fundo Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas (SACOP). Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).



seus acervos, assim como a empolgação pela análise de seu elemento base - o documento - sempre foi um denominador comum.

Talvez pelo meu caminho particular até a arquivística ter se dado a partir da história - da história para a documentação seriada e manuscrita, do manuscrito para a paleografia, da paleografia para a arquivística aplicada, da prática à teoria, com intercorrências, evidentemente -, sentia uma proximidade grande com Heloísa Bellotto, que muito jovem se formou em biblioteconomia e, na sequência, abraçou a história e suas técnicas mais aprimoradas de análise documental, tendo contato com a paleografia e seguindo para o universo da arquivologia, lançando-se a níveis bastante profundos de reflexão teórica sobre a ciência dos arquivos e sua realidade vivenciada. Essas trajetórias, distintas em sua essência e dimensões, despertaram afinidades.

Durante mais de quinze anos trocamos correspondência por meio eletrônico. Entre as mensagens intercambiadas, algumas abordavam questões e debates teóricos, grandes ensinamentos que absorvi e merecem ser compartilhados, como, por exemplo, a discussão que tivemos por ocasião da publicação da tradução do famoso texto de Antonia Heredia Herrera, "Em torno do tipo documental" (HERRERA; RODRIGUEZ, 2022).

Querida Heloísa, como vai?

[...] Escrevo para tirar uma pequena dúvida arquivística. Estou fazendo a tradução do texto da Antonia Heredia para publicar na revista da ARQ-SP, En torno al tipo documental. Em um determinado trecho (Revista Arq & Adm, p.33), Heredia (se autocitando) menciona o tipo "expediente de quinta". E é justamente sobre esse documento que tenho dúvida, pois nunca vi nenhum (são típicos de arquivos municipais espanhóis e eu só trabalhei no nacional), mas entendi que seriam processos de alistamento militar.

Para compreender melhor, procurei o nome do tipo mais próximo presente no Manual de Tipología Documental de los Municipios (p.58): Expediente Personal (Quintas). Ao ler a descrição do tipo, lembrei um pouco daqueles documentos do Arquivo do Estado referentes a bandos e ordenanças militares e aquelas listas e relações de alistamento (guardadas as devidas diferenças temporais). O que você acha? [...]

Espero não incomodar muito. Sei que esta é uma dúvida pontual em todo o texto, nem ao menos é o centro da questão, mas realmente quero que a tradução do nome do tipo documental seja o mais exata possível. (TROITIÑO, 2021b)

Com a resposta para esta dúvida, veio uma lição a se levar para a vida:

Querida Sonia



Sempre digo nos meus trabalhos e aulas que a denominação do tipo documental não concerne à Arquivologia, e sim, já que se trata da gênese do documento, sendo concernentes, pois, tanto a sua redação, como a sua denominação unicamente à administração pública, ao direito, à administração corporativa, à sistemática burocrática, aos usos e costumes institucionais, regionais, nacionais etc. vigentes no país-língua originais. Portanto, não nos cabe denominar tipos documentais e muito menos, traduzi-los, por mais que se assemelhem, em sua finalidade, à documentos do país para cuja língua estamos traduzindo. Tipos documentais são intraduzíveis, a meu ver. Mesmo que a grafia seja idêntica, o que é comum no caso português-castelhano, sabe-se lá o quê, realmente e a fundo, a função do teor daquele documento é exatamente a mesma em um e em outro país. Eu, se fosse você, traduziria tudo, mas deixando os nomes dos tipos no original, explicando o porquê. É a minha opinião. Espero que te ajude e não que atrapalhe. (BELLOTTO, 2021b)

Dispensa dizer que o aprendizado se completou e na versão final da tradução, os nomes em língua original foram mantidos, sob a devida nota de esclarecimento.

A discussão sobre tipo e espécie documental já havia sido, anteriormente, mote para a troca de mensagens. Diante de minhas dúvidas e provocações para entender conceitualmente mais a fundo, espécie e tipo documental, fui regalada com a seguinte explicação:

[...] Quanto à espécie, fui eu que introduzi isso para que os alunos vissem bem a diferença do documento enquanto ele é uma fórmula, um modelo aceitável de "arma" jurídica, é o que Heredia chama de tipo jurídico que para mim é a mesma coisa que o diplomático e por isso ela não precisa de se servir do termo espécie. Porque a Arquivística espanhola e outras (as que falam em tipo, porque a norte americana nem fala nisso) só colocam o tipo, sem diferenciá-lo da espécie? Eles não deixam de ter razão. Sabe por quê? Eles só estão abordando a questão dentro da Arquivística e nesse caso, o documento já está feito, já está preenchido, já disse a que veio, dentro de uma função ou determinação. Já é um tipo. No Arquivo não cabem fórmulas vazias, mas no Direito e na Diplomática, sim, porque eles devem fornecê-las (são as espécies) para serem preenchidas de acordo com a função e atividades que representam. (BELLOTTO, 2010)

Em 2019, durante alguns meses, trabalhamos lado a lado na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM/USP). Semanalmente, Ana Maria Camargo, Heloísa Bellotto e eu, nos encontrávamos na BBM para cada qual desenvolver seu projeto arquivístico. Enquanto a profa. Ana Maria se ocupava da coordenação dos trabalhos arquivísticos



relativos aos fundos da BBM, Heloísa Bellotto se dedicava à elaboração do catálogo da coleção Província Cisplatina³ e eu me debruçava na identificação documental da coleção Documentos Históricos e de documentos avulsos presentes no acervo da BBM (TROITIÑO, 2020). Três desafios arquivísticos que nos enchiam de ânimo e prazer, tanto pela raridade documental que implicavam, quanto pelas agráveis conversas e pelas análises documentais conjuntas que elaborávamos. Nesse ambiente é que surgiu um projeto estimulante, a ser formalizado por meio de um pós-doutorado, sob supervisão da profa. Bellotto.

Devo remeter a ideia à sua criadora de direto: Heloísa Bellotto. Entre tantas páginas de documentos seiscentistas, setentistas e oitocentistas; entre tantas diferentes interpretações possíveis que elucubrávamos, se aventou a possibilidade de um exercício que combinasse diferentes metodologias e técnicas de análise documental, a partir de distintas matrizes teóricas e áreas de conhecimento. Era uma proposta sedutora, que exigia um determinado grau de erudição e experiência em nível mais aprofundado. Juntas, começamos a desenhar o contorno desse projeto, infelizmente, interrompido pela Pandemia de COVID-19 e que ficou aguardando, pacientemente, a normalização da situação para poder ser retomando.

Apesar de não ser uma de suas habilidades mais propagadas, Heloísa Bellotto era uma exímia paleógrafa. Assim que, quando eu estava no processo de organização do dossiê Caminhos da Paleografia (TROITIÑO, 2021a), publicado pela Revista LaborHistórico, me pareceu bastante oportuna sua participação. Então, Heloísa Bellotto, nos presenteou com a reedição do texto “Dinâmica do Livro na Universidade Medieval” (BELLOTTO, 2021a), na seção Clássicos. Publicado originalmente na extinta Revista Comunicações e Artes (BELLOTTO, 1982), este é um dos textos de sua autoria menos conhecidos, porém contendo uma quantidade de informações relativas aos processos de escritas e a produção de livros, que enriquece qualquer análise histórica sobre o tema. A lógica burocrática de universidades e monastérios medievais é um universo poucas vezes tratado nos estudos brasileiros. Nada mais arquivístico: recuperação de contexto e

³ Parte da coleção Província Cisplatina se encontra disponível para consulta em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8048>.



processos de registros documentais. Assim que, durante alguns meses trabalhamos juntas para possibilitar essa reedição e dar a conhecer conteúdos tão significativos.

Nossas conversas e trocas de mensagens nos últimos meses se seguiram em tom mais intimista. Em janeiro, havíamos marcado um encontro, sem data definida, para breve. Esse terá que esperar um pouco mais.

27 de maio de 2023.

REFERÊNCIAS

- BELLOTTO, H. L. (2021a). **Dinâmica do Livro na Universidade Medieval**. LaborHistórico, 7(3), 517-527. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.50178>
- BELLOTTO, H. L. **A dinâmica do livro na universidade medieval**. Revista Comunicações e Artes, São Paulo, n.11, p. 1-11, 1982.
- BELLOTTO, H. L. **O discreto fascínio da arquivologia**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, p. 8 - 15, 01 jan. 2008.
- BELLOTTO, H.L. **Dúvida tipológica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <stroitino@globo.com> em 22 nov. 2021b.
- BELLOTTO, H.L. **Espécie e tipo documental** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <stroitino@globo.com> em 13 mar. 2010.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERRERA, A. H.; RODRIGUEZ, S. M. T. **Em torno do tipo documental**. OFFICINA - Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022. DOI: 10.29327/263416.1.1-7. Disponível em: <https://revista.arqsp.org.br/index.php/revista-da-associação-de-arquivistas/article/view/8>. Acesso em: 28 maio. 2023.
- TROITIÑO, S. **Caminhos de uma ciência em constante renovação (Apresentação)**. LaborHistórico. Rio de Janeiro, v.7, n. 3, p.10-17, 2021a. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.52840>. Acesso em: 28 maio. 2023.
- TROITIÑO, S. **Dúvida tipológica**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <hbellotto@yahoo.com.br> em 21 nov. 2021b.
- TROITIÑO, Sonia. **Relatório final de atividades do projeto**: Estudo tipológico do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM). 2020. (Relatório de pesquisa)

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.



HELÔ HELOÍSA. HELÔ!

Telê Ancona Lopez¹

Heloísa soube se amar. Viveu a liberdade de se acompanhar, com sensibilidade e inteligência, na construção de todos os seus caminhos, pessoais, profissionais, simples e próxima daqueles com quem se encontrou. Em todos os planos da sua vida apurou-se, sem preconceitos. Sendo assim, Heloísa soube amar, consciente, corajosa e verdadeiramente. Respeitou-se na vida! Pode-se deslocar, até ela, este verso de Mário de Andrade: “Rompe a consciência nítida: EU TUDOAMO.”

¹ Possui graduação em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialização em Teoria Literária e Literatura Comparada, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, mestrado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) e doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada), todos pela USP. Estuda especialmente o modernismo brasileiro, as vanguardas europeias, os gêneros de fronteira, a crítica textual e a crítica genética, tendo publicado livros e artigos nessas áreas. Foi curadora do Arquivo Mário de Andrade no IEB-USP, até 2008. É professora titular da Universidade de São Paulo e professora emérita do IEB-USP.



Sua presença perdura e nos acrescenta; harmoniza-se com a nossa saudade, nas interrogações sobre os mistérios da vida. Estão aqui as conquistas intelectuais, as lições que impulsionaram a Arquivística no Brasil, ao lado das lúcidas descobertas da historiadora, nos ensaios e artigos. Sobretudo, no resgate brilhante da figura cinematográfica do Morgado de Mateus em Autoridade e conflito no Brasil colonial.

Eu, neste meu rememorar, recolho retalhos de um privilegiado convívio. A Heloísa do IEB, desde o decênio de '70, quando nos incrustávamos no prédio da História, no campus moderno da USP, na Cidade Universitária. Tempo em que as árvores recém-plantadas na praça do Relógio subiam devagar e esguias nas fotos de Washington Racy e a lama se espalhava nos dias de chuva. Nossos filhos pequenos vinham nos buscar no final do dia e na saída se dava carona, em plena ditadura. A Heloísa do IEB que me ensinou a atualizar a citação das obras na bibliografia da minha tese; que, em 1972, trouxe a participação de Almeida Prado para a nossa pioneira comemoração dos 50 anos da Semana de Arte Moderna. Também Heloísa Liberalli Belloto, a supervisora do Arquivo que enfrentou o arbítrio de uma desavisada diretora da entidade.

Aceito este meu aleatório evocar. Ouço dicas bibliográficas certeiras na partilha entusiasmada dos nossos achados durante as conversas interdisciplinares da equipe de pesquisadores, ao redor do café incomparável, servido, no Instituto, pela dona Brasilina. E me lembro a disposição da arquivista atendendo pedidos de socorro destes brasis, narradora de casos tantas vezes engraçados. Tenho comigo a Helô das cartas do momento em que ela se licenciou para estudar Arquivo, na Espanha, sem bolsa. Contam de uma proveitosa interlocução intelectual, onde não faltam pátios de delicioso convívio. Enfim, este dizer reassegura-me a escuta atenta da amiga, a qualquer hora; liga-se, naturalmente, à professora elegante, avessa aos cacoetes da moda; repete o riso no olhar, a gargalhada franca.

Penso que apologia da memória de nossa companheira demanda o tombeau, gênero da música francesa que celebra, sem melancolia, nossa admiração e reverência a quem se foi e muito nos ensinou. Ravel, em *Le Tombeau de Couperin*, associa as mortes na guerra de 1914-1917 à música essencialmente francesa do compositor barroco francês, expressão de paz e equilíbrio. Pomme, hoje, recupera esse espírito, cantando



neste Tombeau: "Je me souviendrai pour toi/ J'ai gardé le goût de tout ça/ Je crois." "Eu vou lembrar por/ de você/ Eu guardei o sabor de tudo isso/ mantive a beleza de tudo isso/ Eu acredito.". Eu acredito que os Titãs atenderão o meu pedido - um Tombeau para a Helô.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



MINHA AMIZADE COM HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Augusto Jeronimo Martini¹

R

ecuperar as memórias sobre a minha jornada no Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP e em especial com a Profa. Dra. Heloísa Liberalli Bellotto é retomar as motivações e o contexto que me fizeram chegar em São Paulo/Capital

e considerar os novos percursos que dessa experiência surgiram em minha vida.

Cursei a graduação (tardia, contava com 29 anos) em Geografia - licenciatura e bacharelado - na UNESP Campus de Rio Claro/SP, onde nasci. Na época trabalhava no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro (APHMRC) o qual estava sob a

¹ Possui graduação em Geografia (Bach. e Lic.) pelo IGCE - UNESP - Rio Claro/SP (1993), mestrado em História Social pela USP (2004) e especialização em Organização de Arquivos pelo IEB /USP (2009). Foi membro do Conselho Fiscal da Associação dos Arquivistas de São Paulo - ARQ/SP, nos biênios 2002-2004 e 2004-2006. Servidor Público Estadual aposentado, atuou na EGESP/SEFAZ-SP, onde também foi representante da Coordenadoria de Planejamento Estratégico e Modernização - CPM, na CADA, da Secretaria da Fazenda.

direção primorosa da Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo, que foi a grande incentivadora à minha formação.

Imagem 1 - Lançamento do livro "Arquivo: estudos e reflexões". São Paulo, 25/09/2014.



Em julho de 2000, a Associação dos Arquivistas de São Paulo - ARQ-SP foi contratada para limpar, identificar e cadastrar os processos da Justiça Federal de 1ª Instância. O trabalho, sob orientação da professora Ana Maria de Almeida Camargo, do Departamento de História da USP, foi coordenado por mim e realizado por dezenas de alunos da mesma Universidade, que se revezavam em dois turnos de cinco horas diárias. Os processos ficavam em um armazém de 43,2 mil metros quadrados da Avenida Presidente Wilson, extenso corredor de paralelepípedos que liga o ABC ao Ipiranga e a força-tarefa debruçou-se sobre 100 mil ações que abrangiam o período de 1880 a 1969.

Na época do convite, já graduado, ministrava aulas de Geografia na Rede Estadual de Ensino do estado de São Paulo, acumulava o cargo de Técnico em Organização de Arquivos no APHMRC e havia ingressado no programa de pós-graduação em Geografia na UNESP de Rio Claro, onde, confesso, não estava muito à vontade. Depois de muito pensar, desisti do programa de mestrado, consegui afastar-me por dois anos sem vencimentos nos dois empregos e aceitei o desafio de assumir a coordenação na organização dos documentos da Justiça Federal de 1ª Instância. Assim, pela primeira vez



fui viver fora do meu lugar de nascimento. No mesmo ano participei da seleção do Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH-USP. As etapas do processo seletivo foram sendo vencidas uma a uma e cheguei no dia da entrevista, momento em que conheceria pessoalmente a Profa. Dra. Heloísa Liberalli Bellotto. Eu estava com medo por ter que passar por uma entrevista em que deveria apresentar o pré-projeto para uma sumidade na área da Arquivologia, cujo principal eixo seria a recuperação documental do agrônomo e silvicultor Edmundo Navarro de Andrade. Nascido no ano de 1881, em São Paulo, Edmundo Navarro de Andrade foi um renomado engenheiro agrônomo. Estudou na Escola Nacional de Agricultura, em Portugal, e retornando ao Brasil foi contratado pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, para desenvolver o projeto de criação de Hortos Florestais ao longo das ferrovias. Coube a Navarro de Andrade pesquisar qual espécie florestal melhor atenderia ao reflorestamento das áreas desmatadas na construção da ferrovia como também para o fornecimento de madeira e carvão necessários à sua manutenção. Nesse intuito, foram criados 18 hortos e plantadas 95 espécies florestais até ser escolhido o Eucalipto, árvore nativa da Austrália. Navarro instalou a sede do Serviço Florestal em Rio Claro. O antigo horto florestal de Rio Claro hoje leva o nome do pesquisador e, em 2002, foi transformado em unidade de conservação de uso sustentável sob o nome de Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (FEENA). São 2.230 hectares com as mais variadas espécies da planta. O local é aberto à visitação e possui atrações como as trilhas que passam pelos vários eucaliptos que se encontram na floresta. Há, ainda, o Museu do Eucalipto, que reúne em seu acervo 39 anos de pesquisas do engenheiro agrônomo, e o Solar Navarro de Andrade, residência do pesquisador, tombada pelo patrimônio histórico.

Imagem 2 - VII Congreso de Archivología Del Mercosur - "Archivos, Patrimonio Documental del Futuro". 2007.



Conhecia a produção intelectual da Professora Heloísa, bem como o seu trabalho no Projeto Resgate, promovido pela Biblioteca Nacional e pelo Ministério de Relações Exteriores onde pesquisadores e historiadores levantaram fontes da história do Brasil existentes em arquivos no exterior. Sabia que na época ela tinha pesquisa ativa em Portugal (ela atuou no projeto por 12 anos), onde mantinha contato com pesquisadores que já haviam trabalhado em arquivos na Bélgica, França, Holanda, Itália, Áustria, Espanha e Alemanha.

Durante a entrevista, da qual também participaram a Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo e a Profa. Dra. Johanna Wilhelmina Smit, percebendo que meu projeto era algo realizável e como disse ela, inédito e que mais tarde disse-me que a remetia de certa forma ao trabalho realizado por seu pai, Carlos Henrique Robertson Liberalli, que foi farmacêutico, que na década de 70 foi diretor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP e ajudou a instituir e foi o primeiro diretor da Escola de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, hoje FOP/Unicamp, acabei por ser selecionado.

Imagem 3 - Lançamento do livro "O plantador de eucaliptos e a questão da preservação florestal no Brasil". São Paulo: Editora Humanitas, 2009. 04/09/2009.



Dando a entrada no projeto e sempre acompanhado por ela, mesmo que por muitos meses distante, pois estive quase todo o tempo em Portugal, nossa relação foi se estreitando a cada dia nos anos em que estivemos juntos. Nossa amizade foi se fortalecendo e o meu receio de estar sob a tutela de alguém tão importante foi diminuindo, tanto que com o passar do tempo ela não era mais a Profa. Dra. Heloísa e sim simplesmente Helô, como eu a tratava, grande mestra, sempre respeitada e querida amiga. Ela dizia que eu precisava resgatar muitos pontos aos quais não tivera acesso na graduação em Geografia e incentivou-me a cursar a Especialização em Organização de Arquivos no Instituto de Estudos Brasileiros - IEB/USP. Em nossos encontros durante a orientação, sempre a ouvia atentamente e no curso de especialização (onde também foi minha orientadora) não perdia uma aula. Me envolvi completamente com a vida acadêmica sem passar por humilhações como é muitas vezes comum ouvir relatos nesse meio. Pelo contrário, só tive muitos incentivos e nenhum sinal de ego inflado. Heloísa era uma pessoa sempre comprometida com sorrisos, muita leveza, gentil, bem conectada com o rigor acadêmico e não poderia ser diferente.

Todos os anos reunia os orientandos em sua casa para um almoço ou jantar de confraternização onde ela mesma fazia questão de preparar o prato principal. Ficávamos conversando por horas, falando de nossos projetos e do trivial. E nesse momento, quando estávamos todos juntos, percebíamos que o carinho que ela dispensava era igual a todos, sem fazer distinção.

Imagem 4 - Almoço de confraternização pelo encerramento da turma do curso de “Especialização em Organização de Arquivos pelo IEB/USP” (2009). 21/06/2008.



Terminei o mestrado com indicação de que a dissertação se tornasse livro, o que foi concretizado pela editora Humanitas-USP e percebi que a Helô ficou tão feliz quanto eu ao ver a obra publicada. Logo em seguida ingressei no programa de Doutorado onde também tive o prazer de continuar com a sua orientação. Escrevi alguns capítulos, passei pelo exame de qualificação e infelizmente, por motivos pessoais, não finalizei a tese. Mas, nos períodos que estivemos juntos durante as orientações e após eles, posso dizer que uma vida inteira de coisas novas se abriu para mim na convivência que tive com Helô e com os amigos que fiz.

Apresentei trabalhos em congressos nacionais e internacionais sempre com sua supervisão e carinho. A nossa relação de amizade, cumplicidade e reciprocidade estava



cada vez mais firme. Sempre fazia críticas construtivas aos meus textos, ao discurso e postura nas apresentações.

Helô não gostava de ler na tela do computador. Preferia o papel impresso, onde fazia suas anotações e correções. Nunca disse *“isso está ruim”*. Sempre usava o termo *“isso pode ser melhorado”*, ou *“esse texto está muito jornalístico e precisa ser mais acadêmico”*. Quando minha dissertação estava para ir ao prelo, releu e acompanhou cada etapa do processo de publicação, sugeriu substituição de imagens etc. Com o seu exemplo, aprendi que tenho que ser exigente teoricamente, mas sem deixar que o trabalho intelectual seja prazeroso. No dia de lançamento do livro tive a certeza de que o plano dela para mim estava sendo concluído. O orgulho que percebi em seu olhar será para sempre minha referência.

Regularmente eu ligava para ela contando dos e-mails recebidos vindos de pesquisadores espalhados pelo mundo querendo saber um pouco mais sobre o Edmundo Navarro de Andrade, sobre o Museu do Eucalipto de Rio Claro, bem como das inúmeras citações em trabalhos acadêmicos, o que a deixava muito feliz.

Nosso último contato foi também por telefone, em 23 de fevereiro do ano vigente, dia em que ela comemorava anos. Estava muito feliz, falamos sobre amenidades. Lembro-me perfeitamente de sua declaração: *“Augusto querido, não me faça chorar nesse meu aniversário de 88 anos. Muito obrigada por suas palavras. Vamos ver se esse ano marcamos aqui em casa um encontro como aqueles de antes e como os inesquecíveis que a Ana Maria realizava”*.

Imagem 5 - Almoço de confraternização pelo encerramento da turma do curso de “Especialização em Organização de Arquivos pelo IEB/USP” (2009). 21/06/2008.

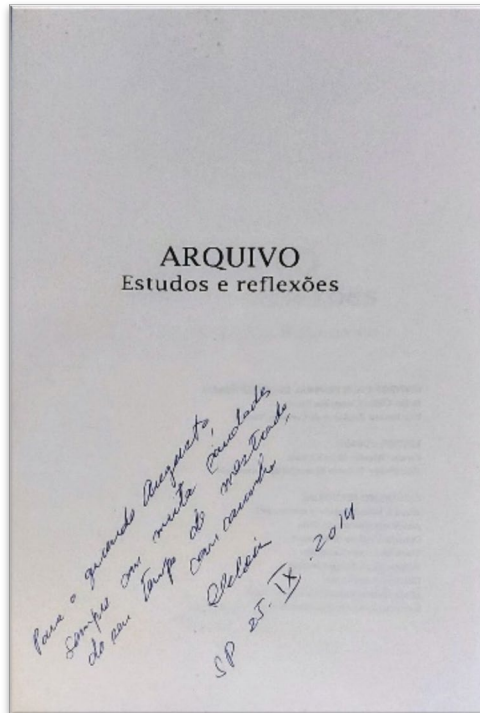


Helô se foi sem antes realizarmos esse seu desejo! Nos Congressos nacionais e internacionais de Arquivologia sempre haverá um espaço vazio. E ela ainda tinha tantos planos, tantas coisas por fazer. Queria escrever juntamente comigo um artigo de Diplomática Documental onde analisaríamos as Notas Fiscais constantes no acervo documental da Secretaria de Fazenda do Estado de São Paulo. O mundo ficou menos colorido com sua partida. Li já algumas vezes que o professor/orientador se imortaliza por meio de seus alunos/orientandos. E deve ser mesmo verdade, pois sinto um toque da Helô em tudo o que escrevo. Posso afirmar que tive a melhor orientadora de especialização, mestrado e um quase doutorado concluído que eu poderia ter tido.

Heloísa, onde estiver, tenha a certeza de que seus colegas e amigos a admiram e que milhares de pessoas pelo mundo lhe agradecem por, de alguma forma, quer por textos ou pessoalmente terem feito parte de sua jornada.



Imagem 6 - Dedicatória no livro "Arquivo: estudos e reflexões".



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#).



DEPOIMENTO DE JOSÉ ADILSON DANTAS¹

José Adilson Dantas ²

M

eu nome é José Adilson Dantas. Eu sou aluno da segunda turma do curso de Arquivologia da UnB, e venho aqui hoje para falar sobre a Heloísa Bellotto.

Então... o primeiro contato que eu tive com a Heloísa, foi no primeiro dia de aula do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília... foi na disciplina "Introdução à Arquivologia". E, nesse dia, ela passou 'pra' gente muito conhecimento, passou muitas informações, e quase por unanimidade da turma, todos ficaram encantados e viram que realmente estavam no curso certo.

¹ Transcrição autorizada do depoimento concedido pelo autor para o vídeo "Homenagem à professora Heloísa Bellotto", produzido pela Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília - UnB. Transcrição livre realizada por Ana Célia Navarro de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0aBeDr-18KY&t=10s>

² Bacharel em Arquivologia (UnB), Especialista em História do Brasil (UFG). Presidente da ABARQ (2002 a 2007) Realizou o I Congresso Nacional de Arquivologia (2004) Coordenador do Sistema de Arquivos do GDF (2015 a 2019).

IMAGEM 1 - José Adilson Dantas, Simone Basques, Malu Mader, Tony Bellotto, Heloísa Liberalli Bellotto, Ricardo Sanches São Pedro e Cristiane Basques. Brasília, novembro de 1992.



Heloísa foi uma pessoa que, primeiro, a gente teve essa relação professor-aluno... ela era bem mais que uma professora; sempre dando muitos toques, muitas coisas, que a gente trouxe 'pra' nossa vida... Isso é muito importante.

Dessa relação professor-aluno nos tornamos amigos e nós tivemos a oportunidade de fazer algumas viagens juntos, participar de congresso... e começaram também alguns almoços... e a gente também começou a trocar receitas, e um cozinhar 'pro' outro, fazer alguma coisa, ou aqui em Brasília - quando ela vinha a gente sempre fazia alguma coisa -, ou em São Paulo... ou seja, aonde for que a gente se encontrasse.

IMAGEM 2 - José Adilson Dantas e Heloísa Liberalli Bellotto na feijoada de comemoração dos 30 anos do curso de arquivologia da UnB - Brasília, outubro de 2011.



IMAGEM 3 - José Adilson Dantas e Heloísa Liberalli Bellotto. Almoço preparado por ela. São Paulo, outubro de 2014.



E uma das coisas que Heloísa nos ensinou muito foi a questão da simplicidade. Ela era uma pessoa muito simples, com muito conhecimento, mas muito elegante.

E uma pessoa sempre disponível 'pra' estar ensinando, repassando conhecimento, ajudando...

IMAGEM 4 - Heloísa Liberalli Bellotto e José Adilson Dantas. Exibindo o livro que ela prefaciou. São Paulo, agosto de 2016.



Então, foi muito gratificante ter conhecido essa pessoa...

IMAGEM 5 - José Adilson Dantas, Heloísa Liberalli Bellotto e Gleison Cardozo. Visitando a amiga. Agosto de 2018.



Obrigado, Heloísa, por tudo!!!

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



MINHA HISTÓRIA COM HELOÍSA BELLOTTO: UMA CARREIRA ACADÊMICA IMPACTADA PELA ATUAÇÃO DE UMA PROFESSORA

Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano¹

Poucos dias após o falecimento de Heloísa Liberalli Bellotto, eu estava em Montevideú, retornando à Universidad de La República (UDELAR), em meu primeiro evento internacional após a pandemia da Covid-19, para participar de discussões sobre os caminhos e as possibilidades de integração entre os diversos cursos de formação da área de Ciência da Informação no Mercosul. Sentada no mesmo auditório onde, no final de 2019, durante o XIII Congresso de Arquivologia do Mercosul, Heloísa foi homenageada por sua atuação em prol do desenvolvimento da Arquivologia, na longa trajetória de quase 50 anos de atividades, foi impossível não lembrar de todo o trabalho que ela desenvolveu ao longo da vida, contribuindo para o desenvolvimento e para a integração dos profissionais ibero-americanos.

¹ Professora do curso de Arquivologia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UNESP).



Para mim, também era impossível não pensar no que significou (e significa) Heloísa Bellotto para a minha formação e para meu desenvolvimento profissional e acadêmico. Foi a partir do trabalho da Heloísa, que nós, eu e tantos outros profissionais em São Paulo, nos aproximamos dos estudos de Tipologia Documental, como era realizado na abordagem teórica espanhola, desde a década de 1980. Foi com a Heloísa que eu entendi mais profundamente o papel dos princípios da Arquivologia e o lugar dos documentos na definição da lógica de organização dos arquivos. Foi das conversas com a Heloísa que eu construí a minha reflexão para compreender a natureza da informação orgânica, e também onde percebi como as mudanças tecnológicas impactariam as características dos documentos de arquivo, quando todos estavam muito preocupados sobre o futuro dos arquivos. Na verdade, tudo mudaria e, de uma certa forma, nada mudaria. As ações, as funções e os processos administrativos continuavam a presidir a gênese documental. Cada conversa com ela tinha uma novidade, tinha um aprendizado. E sempre, muito antes que os pesquisadores comprovassem pelas pesquisas, os conceitos base estavam ali.

Em Montevideu, foi a última vez que havíamos nos encontrado pessoalmente: logo depois a Covid impediria todos os encontros pessoais por três longos anos. Mas a primeira vez aconteceu há exatos 30 anos, em 1993.

Meu primeiro contato com a Arquivologia e depois, com a Heloísa, ocorreu ainda durante a minha graduação, no Departamento de História da FFLCH/USP. Como muitos dos meus contemporâneos, estudei História pensando em ser professora, mas durante o curso, comecei a perceber os arquivos como espaços de trabalho do historiador dedicado à pesquisa. E percebi que eu não tinha nenhum conhecimento específico sobre o funcionamento dos arquivos. Por isso, decidi cursar uma disciplina optativa - "Introdução à Organização de Arquivos" - na Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). Essa disciplina era ministrada pela Profa. Johanna Smit e pretendia dar um panorama geral sobre os principais conceitos da Arquivologia. Foi ali que conheci a Profa. Heloísa Liberalli Bellotto, que fazia uma participação especial, como convidada para algumas das aulas, apresentando os conceitos essenciais da área e depois debatendo os trabalhos que faríamos. Essa disciplina me abriu as portas para o conhecimento da teoria



arquivística, coisa que eu sequer sabia existir naquele momento. Ali, na ECA, eu fui, simultaneamente, apresentada aos arquivos, à profissão do arquivista e a um dos maiores expoentes que a Arquivologia de São Paulo produziu ao longo dos anos. O encantamento foi instantâneo. Era ali que estava o meu futuro profissional.

A disciplina trouxe também a primeira oportunidade de trabalho: o estágio numa empresa de consultoria que implantava Centros de Memória, a Tempo & Memória, onde também trabalhava a Luciana Amaral, minha amiga de USP. Deixei o magistério de lado (já era professora efetiva da rede estadual) e parti para o mundo dos arquivos. Minhas chefes na época, Flávia Borges e Bete Totini, tinham sido alunas da Heloísa e o nome dela era repetido regularmente.

Ali percebi que o caminho da minha formação arquivística passaria pela Heloísa Bellotto, de uma forma ou de outra. O Livro “Arquivos Permanentes: tratamento documental”, publicado em 1991, já era um best seller da Arquivologia, na época. Todo mundo leu esse livro e o meu, comprado ainda em 1993, continua lá, guardadinho, mesmo que eu use mesmo a 2ª edição, de 2004. Essa foi a primeira faceta da Heloísa que eu conheci, a da autora respeitada, da teórica da Arquivologia que, ao longo dos anos, moldou o meu pensamento arquivístico, junto com as Profas. Ana Maria Camargo e Johanna Smit, não à toa, sempre juntas em muitos projetos.

Durante alguns anos, eu trabalhei, assisti oficinas e eventos. Mas a aproximação real, com a pós-graduação e com a Heloísa, aconteceu em 1999, quando eu consegui liberação no trabalho para assistir ao curso de “Especialização em Organização de Arquivos”, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Na ausência de cursos de graduação em Arquivologia no Estado de São Paulo, a formação dos profissionais acontecia no “curso do IEB”.

Ali estava outra faceta da Heloísa Bellotto que eu conheci, a professora dedicada à criação e à melhoria dos cursos de formação ao redor do país. Naquela época, o curso acontecia em parceria entre IEB e ECA e tinha como coordenadoras, a Profa. Heloísa, a Profa. Johanna Smit e a Profa. Yêdda Dias Lima. Em um semestre, com aulas de segunda a sexta, das 8h0 às 17h00, o “IEB” era uma imersão importante na teoria arquivística, como eu nunca mais vivi na Arquivologia. O curso estava estruturado dessa forma



porque, assim, conseguia atender pessoas de outros locais que jamais poderiam acompanhar um curso semanal, ao longo de dois anos. Como era comum, na minha turma havia alunos de São Paulo, da capital e do interior, do Paraná, de Brasília.

A Heloísa tinha trazido para o IEB a experiência de outros cursos em que havia sido professora, na UNB, na UNIRIO, e também nos muitos projetos de implantação de centros de documentação e arquivos permanentes ou de treinamento de equipes destes locais, isso sem contar a experiência no exterior, iniciada com as especializações que fez na Escuela de Documentación de Madrid, na Espanha e nos Archives Nationales da França, ainda na década de 1970 e, depois, em 1987, no National Archives and Records Administration (NARA) dos Estados Unidos - além das muitas colaborações com escolas e projetos internacionais que se seguiram. Além das disciplinas clássicas do processamento técnico - classificação, avaliação, descrição, conservação - havia aulas de Direito, Teoria da Administração, Paleografia e outras ligadas às políticas arquivísticas, como jurisdição e acesso e difusão cultural, que deram feição à formação arquivística brasileira. No IEB, ela foi minha professora nos módulos de "Terminologia Arquivística" e "Diplomática". Mas também foi professora de "Fundamentos da Arquivística" em outras edições do curso. E nos anos seguintes foi minha professora em oficinas da ARQ-SP de Diplomática e Tipologia, além dos muitos eventos e encontros em que eu a assisti e pude debater com ela.

Terminado o curso do IEB, comecei a pensar na possibilidade de prestar a seleção para o Mestrado no Programa de História Social da FFLCH/USP. Na Linha de Documentação e Historiografia havia um lugarzinho para a teoria arquivística. No final de 2000, conversei com a Profa. Ana Maria Camargo e contei minha história. Eu tinha interesse em pesquisar tipologia documental e estava trabalhando num projeto da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, organizando a documentação da Assembleia Provincial (1824-1889)² e percebi que não havia estudos consistentes sobre a tipologia documental do Legislativo, que subsidiassem a compreensão e a organização dos acervos.

² Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Guia do Acervo Histórico**. Disponível em: <https://app.al.sp.gov.br/acervohistorico/publicacoes/guia-do-acervo-historico-2001/>



Terminei de falar e a Ana Maria me respondeu: - “Mas isso é um projeto para a Heloísa! Vou falar com ela e você vai se candidatar ao mestrado”. E assim foi. Assim eu conheci a faceta orientadora da Heloísa. Ela me recebeu, me emprestou tudo o que ela tinha e que pudesse me servir, me ensinou a estruturar o trabalho, comentou e deu ideias sobre os capítulos, acompanhou com curiosidade cada tipo documental analisado, inclusive, porque conhecia o acervo da Assembleia, por ter assessorado a equipe alguns anos antes. Tudo isso regado a café, biscoitos e doces que ela sempre fazia para receber os orientandos. Desse contato, saiu minha dissertação: *Gênese documental no legislativo do Império: o caso da Assembleia Provincial de São Paulo*³.

Nesse tempo, durante o mestrado, sabendo da minha experiência com arquivos empresariais (já se iam mais de dez anos trabalhando em arquivos de empresas), a Heloísa me perguntou se eu não queria montar uma disciplina sobre documentação empresarial para o curso do IEB e me disse: “Sabe, eu fiquei pensando, em Madrid⁴ há uma disciplina que apresenta os tipos documentais mais relevantes das organizações; a Ana Maria me conseguiu um livro da Louise Gagnon-Arguin⁵ que analisa tipos documentais institucionais. Acho que podíamos fazer algo assim no curso. O que você acha?” Gente! O que eu podia achar? Foi sensacional! Tirei uma cópia do livro, montei a disciplina, e acabei montando uma oficina, a pedido da Associação de Arquivos de São Paulo (ARQ-SP): “Como organizar Arquivos Empresariais” - que acabou virando minha primeira publicação fora dos eventos: o livreto “Arquivos de empresas: tipologia documental”⁶.

Um dia, ainda antes da defesa do mestrado, conversando com a Heloísa, quando soube que a ARQ ia publicar o texto, ela vira e me diz: “Você percebe que aí está o seu projeto de doutorado, não é? Pois guarde esse material, continue estudando, amplie,

³ PAZIN, M.C.C **Gênese documental no legislativo do Império:** o caso da Assembleia Provincial de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP (Dissertação). Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082006-084715/pt-br.php>

⁴ Universidad Carlos III de Madrid. Máster de Formación Permanente en Archivística: programa. Disponível em: <https://www.uc3m.es/master/archivistica#programa>

⁵ GAGNON-ARGUIN, Louise. **Typologie des documents des organizations:** de la création à la conservation. Québec/CA: Press de L’Univeristé du Québec, 1998.

⁶ PAZIN, M. **Arquivos de empresas:** tipologia documental. São Paulo: ARQ-SP, 2005.



aproveite que não temos nada similar no Brasil e coloque esse projeto em prática. Na realidade, ela percebeu que esse projeto seria uma evolução natural, tanto da minha atividade profissional, quanto da minha pesquisa acadêmica. Eu já estudava tipologia documental, o trabalho seria aplicar a teoria a um ambiente que eu conhecia muito bem, o ambiente empresarial - ou as organizações privadas - como definimos depois, e criar uma referência para outros estudos que viessem. Não poderia ser melhor, aliar teoria à prática, coisa que sempre acreditamos, ela e eu.

Assim aconteceu. Fiz a tese⁷, tive todas as dificuldades que um doutorando que continua trabalhando simultaneamente pode ter, mas consegui o doutoramento e no meio disso, recebi o maior elogio da minha vida profissional, vindo da Heloísa. Conversando um dia, já no final, sobre a aplicação dos conceitos numa das seções da pesquisa que tinha dado certo, de repente ela me diz: “Marcia, isso parece fácil agora, mas não é. Isso é porque você tem uma cabeça arquivística!”. Acho que a Heloísa nunca teve a dimensão do que significou ouvir aquilo dela. Ali eu entendi que eu poderia continuar e ressignificar minha carreira profissional.

Mas é importante dizer que a Heloísa era mais do que a professora, a orientadora, a teórica reconhecida... Por isso, para finalizar, aí vai uma das muitas historinhas que todos nós, que conhecemos a Heloísa, temos para guardar.... “A história do meu nome, ou... uma pessoa curiosa”.

Eu não lembro exatamente quando esse caso aconteceu. Mas certamente foi nos últimos anos, acredito que perto de 2017. Nós nos encontramos em algum evento. Animadíssima, a Heloísa me contou que tinha visto uma placa, dessas de indicação de cidades, com o meu nome. “Eu estava viajando com a minha neta, numa dessas excursões, passando pela Croácia. De repente, numa parada, lá estava a placa: ‘Pazin - tantos quilômetros’. Você sabia disso? Conhece essa cidade? Tem alguma ligação familiar?” Obviamente, eu não sabia. “Pois vá procurar, porque é muito diferente. Deve ter alguma coisa aí”. Havia um brilho de curiosidade nela! Uma juventude, aos 80 e tantos

⁷ VITORIANO, M.C.C.P. **Obrigação, Controle e Memória:** aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas. São Paulo: FFLCH/USP, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082012-090854/pt-br.php>



anos! Bem.... Pensei: que coisa estranha... Meu avô veio do Vêneto, nascido em Treviso. Sempre achamos que era nome italiano. Fui lá olhar no mapa.... Pazin é uma cidade no centro da Ístria, uma península no lado leste do Mediterrâneo, pertencente ao território da Croácia, mas que fica a menos de 240 km de Treviso, de carro, dando a volta. De barco, em linha reta, metade do caminho... Sabe-se lá o que pode ter acontecido com nossos antepassados. Pouco tempo depois, um "Pazin" croata me encontrou no Facebook. Estava procurando parentes perdidos pelo mundo. Eu disse que não tinha conhecimento de relações no país, que meu avô era italiano, assim como os antepassados de que tínhamos notícias. Ele me disse que Pazin é um nome muito comum na região, uma espécie de "Silva" e que havia muitos espalhados pelo mundo. Conteí essa história para a Heloísa, ela adorou, e prometi a ela que um dia faria esse caminho. Não deu tempo. Mas, um dia, eu vou. Um grande beijo, Heloísa.

REFERÊNCIAS

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Guia do Acervo Histórico.**

Disponível em: <https://app.al.sp.gov.br/acervohistorico/publicacoes/guia-do-acervo-historico-2001/>

GAGNON-ARGUIN, Louise. **Typologie des documents des organizations:** de la création à la conservation. Québec/CA: Press de L'Univeristé du Québec, 1998.

PAZIN, M. **Arquivos de empresas:** tipologia documental. São Paulo: ARQ-SP, 2005.

PAZIN, M.C.C **Gênese documental no legislativo do Império:** o caso da Assembleia Provincial de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP (Dissertação).

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082006-084715/pt-br.php>

Universidad Carlos III de Madrid. **Máster de Formación Permanente en Archivística:** programa.

Disponível em: <https://www.uc3m.es/master/archivistica#programa>

VITORIANO, M.C.C.P. **Obrigação, Controle e Memória:** aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas. São Paulo: FFLCH/USP, 2012.

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082012-090854/pt-br.php>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.



HELOÍSA ERA O NOSSO CHÃO

Maria de Lourdes Ferreira¹

Conheci Heloísa quando, depois de muitos anos como docente das disciplinas História Geral e do Brasil no ensino público, comecei a trabalhar no Centro de Memória de Diadema, cidade da Grande São Paulo. E por isso fui convidada a participar da Comissão de Avaliação de Documentos do Arquivo Central da cidade. Saía das reuniões desta comissão cheia de dúvidas e indagações. Conversando com um colega do Centro de Memória de São Bernardo do Campo, ele me mostrou uma cópia xerográfica do livro *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. Foi assim que conheci Heloísa Bellotto. É claro que fiz uma cópia da cópia. Mais tarde, quis a sorte que em 1999, eu encontrasse

¹ Ou Malu Ferreira (como Heloísa dizia: havia duas outras “Malus” na sua família). Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e Especialista em Organização de Arquivos pelo IEB/ECA da mesma universidade. Professora convidada na FESP-Faculdade de Sociologia e Política e na Escola SENAI Theobaldo de Nigris. Atuou como documentalista e historiadora no Centro de Memória de Diadema (Secretaria de Cultura, PMD), de 1996 a 2022.



um exemplar do precioso livro de capa marrom (a edição era de 1991). Hoje peguei este exemplar na estante, ao lado da segunda edição revista e ampliada, de 2004. E me lembrei de seu lançamento e da observação da professora Heloísa quando trabalhava no texto para a reedição; “Seria mais fácil escrever um novo livro”.

O fato é que a primeira edição deste livro, junto ao Dicionário de Terminologia Arquivística (1996), coordenado pelas professoras Ana Maria de Almeida Camargo e Heloísa Liberalli Bellotto, e que também tive a sorte de adquirir, foram o início de minhas leituras e constantemente consultados nas dúvidas que surgiam.

Na Biblioteca do Museu de Santo André havia alguns exemplares da Revista do Arquivo de Rio Claro, com artigos da professora Heloísa e outros autores da área. Descobri também as Oficinas do Projeto Como Fazer (AAB-SP), no Arquivo do Estado de São Paulo (ainda eram no final da semana) e as arquivistas com quem muito aprendi, Viviane Tessitore, Janice Gonçalves, Ieda Pimenta Bernardes, entre outras. E conheci a professora Ana Maria de Almeida Camargo, que em uma noite fria e chuvosa no auditório do Arquivo do Estado de São Paulo, encaminhou a fundação da ARQ-SP, Associação de Arquivistas de São Paulo.

Foi minha trajetória até chegar ao Curso de Especialização em Organização de Arquivos, promovido pelo IEB-Instituto de Estudos Brasileiros e a ECA-Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. No curso conheci pessoalmente a professora Heloísa, nas aulas de Tipologia Documental. Foi em um Seminário sobre Arquivos Pessoais para nossa turma, já no final do curso, que a professora Heloísa, muito sábia, percebeu a preocupação de muitos alunos que, terminado o curso, voltariam para suas cidades e estados. Disse ela: “A Francisca vai voltar para seu Arquivo em Rio Branco, no Acre, e está preocupada, pensando se conseguirá colocar em prática o que aprendeu, se conseguirá fazer o que esperam dela. Então, Francisca, pense que se você em alguma oportunidade não souber o que fazer, você saberá o que não fazer. E isto é uma grande coisa!”

Muitas vezes repeti esta máxima para meus alunos. Assim como muitas outras...

Terminado o curso do IEB participei, como ouvinte, do primeiro Seminário. Documentos e Documentos, com a professora Ana Maria de Almeida Camargo.



Incentivada por ela, eu me inscrevi no mestrado e fui aceita pela professora Heloísa. Suas condições: ela trabalhava no Projeto Resgate e ficava alguns períodos do ano em Portugal, a orientação nesse tempo seria à distância. E os encontros para orientação não seriam na Universidade de São Paulo, e sim em seu apartamento, na Alameda Itu. Tenho muitas lembranças dele, de seus móveis, muitos herdados de seus pais, de suas louças, das muitas estantes repletas de livros. Das conversas com a Heloísa neste lugar. Muito generosa, eu saía dos encontros de orientação com uma sacola de livros que devia ler para meu trabalho. Sempre fiz uma lista em duas vias, para quando fosse devolvê-los, e deixava uma com ela. Descobri depois que não as guardava. Quando precisava de um de seus livros e não encontrava, mandava um e-mail para todos os orientandos, perguntando com quem estava.

No mestrado, voltei a ter aulas de Tipologia Documental com a professora Heloísa, junto com Ana Célia Rodrigues, Renato Tarciso Barbosa de Souza, uma turma muito boa, os seminários eram ótimos. Foi um privilégio! No dia da avaliação final a Heloísa levou um bolo que tinha feito para os alunos.

Ela adorava cozinhar e como cozinava bem! Reunia os orientandos, de tempos em tempos, para falar sobre o andamento dos seus trabalhos em um delicioso almoço feito por ela.

Tinha uma invejável capacidade de trabalho, lia muito, escrevia muito, por isso nos deixou uma grande herança com seus escritos: artigos para revistas e boletins, conferências em eventos, entrevistas que concedeu. Graças à Editora da UFMG, foram na totalidade ou na maior parte, publicados em 2014, com o título, Arquivo: estudos e reflexões.

Ao lado de outros trabalhos, realizou nos últimos anos a revisão técnica de Correntes Atuais do Pensamento Arquivístico (2016) e Arquivos Pessoais: um novo campo profissional. Leituras, reflexões e reconsiderações (em 2017). Estas duas publicações também editadas pela Editora da UFMG.

Penso que sua vivacidade, sua mente brilhante, sempre viverão na memória dos que a conheceram. Heloísa amava viajar, conhecer novos lugares, contou-me dos sites de mochileiros onde pesquisava antes de viajar.

Conversávamos muito sobre literatura e cinema. Acho que por uma questão geracional “trocávamos muitas figurinhas”. Disse-me há algum tempo atrás que estava pensando em reler *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. Todos os volumes. No ano passado, quando morreu Jean Luc Godard conversamos muito tempo sobre seus filmes e os de outros diretores franceses. Com a pandemia passamos a conversar pelo celular, pelo WhatsApp como ela preferia.

IMAGEM 1 - Malu Ferreira e Heloísa Bellotto.



Outras lembranças vívidas da Heloísa são os Congressos de Arquivologia, sua participação nos Congressos no Brasil e nos do Mercosul. Lembro do VI Congresso de Arquivologia do Mercosul em Campos do Jordão, 2005. Lembro de seu entusiasmo por aquele Congresso, com a participação das grandes mestras que vieram da Espanha. Lembro da Heloísa na abertura do Congresso. Se não me engano o logo do Congresso também foi sua ideia; E aqui tenho que mencionar mais uma vez sua generosidade: como demorei a conseguir dispensa de meu trabalho, quando fui me inscrever já não havia lugar no Hotel Leão da Montanha, onde ele se realizaria. Nem nas proximidades. Heloísa decidiu: “tenho um apartamento no hotel, você fica comigo e com a Ana Célia Rodrigues”. Quando terminou o Congresso ainda ficamos na noite após o encerramento, comendo uma pizza na sacada do quarto, avaliando e comentando.



No último Congresso de Arquivologia do Mercosul, em Montevideu (2019), a professora Heloísa foi uma das homenageadas na sessão de abertura. Lembro do auditório, todos em pé, aplaudindo longamente quando anunciaram a homenagem. E quando saímos, as muitas pessoas de vários lugares, que pediam para tirar uma foto com ela.

No dia primeiro de janeiro deste ano, Heloísa me escreveu desejando felicidades e perguntando se eu tinha recebido da ARQ-SP o cartaz do XIV CAM-Congresso de Arquivologia do Mercosul, em novembro próximo no Paraguai. Queria saber se eu iria e propunha fazermos um trabalho que eu apresentaria, avaliava que não teria condições físicas para ir este ano. Respondi que seria uma honra e ficamos de nos encontrar em fevereiro. Depois ela transferiu para março: seu neto, se transferindo para São Paulo, estava com o filho em seu apartamento.

Estava ansiosa pelo tema do Congresso, e quando ele saiu, ficou feliz porque poderia encaixar sua proposta nele, no Eixo Ensino da Arquivologia. Heloísa escreveu: “Congressos são feitos para apresentar coisas novas, não é?”

A última vez que nos falamos foi no dia 23 de fevereiro, quando a cumprimentei pelo aniversário. Estava muito alegre com a comemoração em companhia dos filhos e netos.

No dia 28 de fevereiro recebi uma mensagem de sua filha pelo seu celular; Heloísa pediu para me avisar que estava hospitalizada e quando voltasse para casa entraria em contato. Mas ela se foi, perdemos Heloísa.

Comecei dizendo que Heloísa era nosso chão. Vou terminar assim também. Ela nos iluminava com seu conhecimento em todas as áreas da Arquivologia, sua experiência na pesquisa e no trato com os documentos, seu discernimento rápido, sua “mente brilhante”, e sobretudo, sua generosidade.

Era também uma mestra na arte de “*savoir-vivre*”. Inesquecível.

São Bernardo do Campo, 31 de maio de 2023.



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



UM QUADRO PARA HELOÍSA

Pedro José de Carvalho Neto¹

Arte de Vinícius Veneziani de Souza Oliveira²



Em 2018 conhecia Heloísa Bellotto apenas de fama. Há pouco mais de um ano havia começado a estagiar no setor de arquivo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da USP (BBM/USP), sob orientação de Ana Maria de Almeida Camargo e José Francisco Guelfi Campos, e, claro, seus textos eram obrigatórios. Lembro de tentar conhecê-la em uma palestra que ofereceu na instituição, mas, mesmo não conseguindo comparecer, deixei meu exemplar de *Arquivos Permanentes* para que uma amiga pedisse um autógrafo.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em História pela mesma instituição e em Arquivologia pela UNIASSELVI. É responsável técnico pelo acervo do Centro de Memória Urbana (CMUrb/Unifesp), membro da diretoria da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP) e da comissão editorial da Revista OFFICINA.

² Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (2019). Atualmente é mestrando em História Social pela USP.



No mesmo período, atuava como editor na Revista Epígrafe, dos alunos de graduação do curso de História da USP. Naquele momento, discutíamos a possibilidade de entrevistar pesquisadores que trabalhassem nos limiares da História, com ciências amigas. Sugerir, então, entrevistarmos, ao mesmo tempo, as professoras Heloísa e Ana Maria sobre as relações entre História e Arquivologia - nessa ideia, uniríamos o interesse por uma área afim com duas professoras importantes do Departamento.

E assim foi: em 27 de agosto de 2018 a professora Heloísa nos recebeu em sua casa, a mim e outro companheiro de Epígrafe, Matheus Silva, para uma longa e deliciosa entrevista, com mais de 4 horas de conversa, que passaram por sua infância, escolhas acadêmicas até sua chegada à arquivologia e seus principais temas. Infelizmente, naquela tarde a professora Ana Maria não pôde comparecer, mas fomos recompensados pela doçura de Heloísa que gentilmente compartilhou sua história conosco.

Aquela foi minha primeira entrevista e a inexperiência me fez cometer erros. Cito com certa vergonha, por exemplo, o péssimo tratamento que demos à entrevista: entregamos à Heloísa um texto com quase 60 páginas, sem qualquer tipo de seleção ou cuidado, mas que foi lido por ela com seu olhar atento e paciente. Diga-se de passagem, chamou-nos novamente à sua residência para discutirmos o que deveria ficar e sair.

A entrevista foi publicada em novembro de 2018³ e, como se tornou praxe, pedimos para nosso então designer Vinícius Veneziani de Souza Oliveira, também estudante do curso de História, produzir uma imagem que ilustrasse a entrevista. Numa arte muito bem-feita, Vinícius reuniu em sua pintura digital os principais momentos da trajetória citados na entrevista dada por Heloísa.

Toda essa história nos traz a essa arte: Heloísa gostou tanto do resultado da entrevista publicada e da arte de Vinícius que nos convidou para um jantar de agradecimento em sua casa. O jantar, inesquecível, ocorreu alguns meses depois da publicação e contou com a presença da professora Ana Maria, além de mim, de Matheus e Vinícius.

³ A entrevista está disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v6i6p359-385>. De acordo com o artigo de Clarissa Schmidt publicado nesta edição, nossa entrevista foi a penúltima de Heloísa publica em vida.



Naquela ocasião, presenteamos a professora com um quadro com a arte de Vinícius, que ficou em seu escritório até março deste ano. Hoje o mesmo quadro, com que presenteamos Heloísa como forma de agradecer sua gentileza com jovens estudantes de História, foi doado por sua família para o Arquivo Geral da USP, instituição que ela ajudou a criar. Eu, por outro lado, guardo com muito carinho as memórias da entrevista, da qual tenho muito orgulho, e dos encontros que tive com Heloísa naquele tempo e em outras oportunidades.

Em nome da Associação de Arquivistas de São Paulo, agradeço ao Vinicius por ter cedido a imagem para publicação nessa edição especial em homenagem à Heloísa.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



DISCURSO DE HOMENAGEM A HELOÍSA BELLOTTO NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DO XIII CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL (MONTEVIDÉU, 21/10/2019)

Eliseo Gabriel Queijo¹

E

s un honor para la Asociación Uruguaya de Archivólogos presentar a una distinguida personalidad que ha dejado una huella imborrable en el mundo de la archivística. Les pedimos un fuerte aplauso mientras sube al estrado a la Dra. Heloísa Liberalli Bellotto.

Queremos informarles que la Asociación Uruguaya de Archivólogos, en su asamblea general extraordinaria de socios, celebrada el 15 de julio de 2019, ha resuelto por unanimidad otorgar la distinción de socia honoraria a la Dra. Heloísa Liberalli Bellotto en reconocimiento a su destacada trayectoria y valiosos aportes al desarrollo de la archivística nacional e internacional. Esta distinción es un verdadero testimonio de su excelencia y compromiso con la profesión.

La Dra. Heloísa Liberalli Bellotto es una académica de renombre internacional,

¹ Licenciado en Archivología UdelaR. Encargado del Archivo del Ministerio de Economía y Finanzas de Uruguay, miembro de la Comisión Fiscal de la AUA.



licenciada y doctora en historia, bachiller en bibliotecología y especializada en archivología en España, Francia y Estados Unidos. Ha enseñado en varias universidades de prestigio, incluyendo la Universidad Internacional de Andalucía, las universidades de Lisboa, Brasilia y Río de Janeiro, y actualmente es profesora de posgrado en historia social de la Universidad de Sao Paulo. Además, ha asesorado proyectos de organización archivística en todo Brasil y ha sido consultora e investigadora de importantes proyectos en el Ministerio de Cultura de Brasil y el Archivo Histórico Ultramarino de Portugal. La Dra. Liberalli Bellotto también es autora de numerosos libros y artículos en historia y archivología.

Agradecemos a nuestra homenajeadada por compartir con nosotros sus conocimientos, experiencias y calidad humana, y por contribuir de manera significativa al desarrollo de la archivística en Uruguay y en el mundo.

Muchas gracias

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO: SOCIA HONORARIA DE LA ASOCIACIÓN URUGUAYA DE ARCHIVÓLOGOS¹

Mauricio Vázquez Bevilacqua²

En oportunidad de la ceremonia de apertura del XIII Congreso de Archivología del MERCOSUR (Montevideo, 21 de octubre de 2019), celebrada en el Aula Magna de la FIC, la Asociación Uruguaya de Archivólogos (AUA) rindió merecidos homenajes a las **profesoras Heloísa Liberalli Bellotto (Brasil) y Alicia Casas de Barrán (Uruguay).**

Según lo resuelto en Asamblea General Extraordinaria de la AUA de fecha 15 de julio de 2019 y conforme al Estatuto Social (Art. 4º lit. C) las citadas Profesoras fueron

¹ Texto adaptado del artículo publicado en Alerta Archivística, PUCP, N° 206, nov. 2019. Más información: <https://eventos.aua.org.uy/xiii-cam>

² Secretario Técnico de Dirección del Archivo General de la Nación de Uruguay (2005-actual). Ex Vicepresidente de la Asociación Uruguaya de Archivólogos (2006-2011). Magíster en Gestión Documental y Administración de Archivos por la Universidad Internacional de Andalucía (España). Licenciado en Archivología por la Universidad de la República (Uruguay); posee estudios de Derecho en la misma Universidad. Doctorando en Historia de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República (Uruguay).



designadas Socias Honorarias de la Asociación Uruguaya de Archivólogos en atención a su extensa trayectoria profesional y académica, distinción que sería entregada en la apertura del referido Congreso.

La doctora Heloísa Liberalli Bellotto es licenciada y doctora en historia, bachiller en bibliotecología, se ha especializado en archivología en España, Francia y Estados Unidos. Ha sido profesora de maestría en gestión documental y administración de archivos de la Universidad Internacional de Andalucía y profesora de los cursos de archivología de las universidades de Lisboa, de Brasilia y de Río de Janeiro. Actualmente, es profesora de pos-graduación en historia social de la Universidad de Sao Paulo. Fue asesora del Sistema de Archivos del Estado de Sao Paulo y ha asesorado proyectos de organización archivística en todo Brasil. Fue consultora e investigadora del Proyecto "Resgate" del Ministerio de Cultura de Brasil y del Archivo Histórico Ultramarino de Portugal. Además, es autora de libros y artículos en historia y en archivología.

A partir de entonces, la profesora Liberalli Bellotto comparte esta destacada distinción junto a: Ermelinda Acerenza, David Gracy, Aurelio Tanodi, Vicenta Cortés Alonso, Antonia Heredia Herrera, Manuel Vázquez, Mireya Callejas, Víctor Barranco y Alicia Casas de Barrán.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

